EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

DIFERENTES ESTRATÉGIAS PARA DIFERENTES PÚBLICOS

DANDARA SOUZA SILVA
ORIENTADORA MARIA BERTHILDE MOURA FILHA

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Tecnologia
Arquitetura e Urbanismo

Dandara Souza Silva

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

DIFERENTES ESTRATÉGIAS PARA DIFERENTES PÚBLICOS

Ações educativas voltadas para a preservação do patrimônio edificado e urbano da cidade de João Pessoa.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para a obtenção de título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, elaborado sob orientação da Professora Dra. Maria Berthilde Moura Filha.

João Pessoa, outubro de 2018

Catalogação na publicação

Seção de Catalogação e Classificação

S586e Silva, Dandara Souza.
Educação Patrimonial : diferentes estratégias para diferentes públicos / Dandara Souza Silva. - João Pessoa, 2018.
220 f. : il.

Monografia (Graduação) - UFPB/CT.

1. Educação patrimonial. 2. Perfis de públicos. 3. Estratégias. I. Título

UFPB/BC

Dandara Souza Silva

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

DIFERENTES ESTRATÉGIAS PARA DIFERENTES PÚBLICOS

Banca examinadora:

_____

Profa. Dra. Maria Berthilde Moura Filha
(orientadora)

_____

Ivan Cavalcanti Filho PhD
(examinador)

_____

Prof. Me. Rui Vanderlei Rocha Júnior
(examinador)

João Pessoa, outubro de 2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, o maior arquiteto que conheço, agradeço pela oportunidade de acordar todos os dias e poder correr atrás de meus sonhos, vivendo ao lado de pessoas tão incríveis. O seu amor está em todo lugar e em tudo o que faço.

Aos meus pais, agradeço pela dedicação de uma vida, por sempre me ensinarem a buscar meus objetivos sem pisar nos de ninguém, mas, ao contrário, ajudar quantas pessoas for possível pelo caminho. Obrigada por me darem espaço pra conversar sobre tudo, e assim participarem tanto da minha vida... vocês são meus melhores amigos e exemplos!

Às minhas irmãs, que compartilham comigo ansiedades, receios e felicidades, agradeço por todo o apoio e por ouvirem minhas histórias sem fim, desde as vindas da escola até os dias de hoje (não acho que isso vai mudar, tá? Exercitem a paciência). Obrigada pelo companheirismo! Junto a elas, agradeço ainda aos meus cunhados e sobrinhos, pelos momentos compartilhados em que pude descansar da rotina de trabalhos e tomar um novo fôlego para seguir no propósito.

À Lucas, que me acompanha há exatamente cinco anos, desde o princípio do curso, agradeço por ouvir meus aperreios, e por dividir os nossos fins de semana com alguns milhões de trabalhos infinitos! Lembro que você disse, no meu primeiro dia de aula, que gostaria de estar sentado nas primeiras fileiras na minha colação de grau... olha só, parece que você vai mesmo, moço!

A toda a minha família, enfim, tias da Paraíba, tias da Bahia, primos, vozinho... não há nada como o aconchego de um lar! Saber que vocês vibram e torcem por mim, me dá forças pra seguir qualquer caminhada, e com certeza me ajudou a chegar até aqui. Eu amo todos vocês, essa conquista é nossa!

Aos amigos do NEEBS, agradeço imensamente por todo o apoio e contribuição, pois muitas vezes em que faltei com a minha família, por qualquer motivo em detrimento do curso, vocês estiveram presentes se mostrando os bons companheiros que são! Sou grata a Deus por termos nos reencontrado.

Às amigas da Vicentina, agradeço pelo apoio e compreensão, principalmente nesse finalzinho de curso, em que precisei me ausentar de nossos encontros. A Adriana, em especial, que me deu o primeiro lápis para iniciar o curso, e um jornal de arte e cultura que guardo até hoje. Senti saudade todas as vezes em que precisei me ausentar, mas o carinho de vocês chegou até mim o tempo inteiro.

À Karol, Natasha e Raickson, que me acompanharam na vida escolar, dividindo momentos únicos que vou sempre guardar com carinho... agradeço por poder chamá-los de amigos! Vocês são aquele exemplo vivo de que o tempo e a distância não mudam em nada uma amizade sincera. E também agradeço ao meu grupinho de nerds, vocês estão em meu coração, e poder compartilhar do processo e vitória em passar no vestibular com vocês foi incrível!

Enfim, na vida universitária, pude encontrar alguns bons amigos. Ao meu grupo oficial, de trabalhos e vida, Cândida, Elaine e Eduardo, eu agradeço por todos os perrengues vividos juntos, por todo o apoio em que um sempre deu ao outro... vocês tornaram as dificuldades mais leves, e eu espero que possamos lembrar de tudo ainda velhinhos. Sei que a conquista de um é motivo de alegria pra todos, e por isso torço muito pelo sucesso de vocês!

Agradeço ainda à Jessica, amiga com quem fortaleci os laços através do patrimônio. Sua amizade é preciosa pra mim, obrigada por ser minha motivadora e consultora particular nesse trabalho! É muito importante poder contar com alguém que acredite na causa assim como eu... espero que possamos seguir juntas nessa luta que, apesar de difícil, é tão necessária. E, falando em Jessica, não poderia deixar de lembrar do nosso amigo Yan! Agradeço pelas conversas e pelos desabafos sempre renovadores. Torço muito pra que seu futuro seja brilhante como você, Yan. Agradeço ainda a Romário, amigo de quem me aproximei nos últimos anos, e por quem muito tenho carinho. Obrigada pelos momentos compartilhados! A todos os colegas de curso, obrigada pela empatia que aprendemos a criar uns pelos outros.

Às amigas Mayara e Mirella, que pude conquistar na reta final do curso, muito agradeço pelas tardes vividas, pelas conversas, risadas e pelo carinho! Vocês têm uma capacidade de perceber quando as pessoas ao redor estão precisando de ajuda como eu nunca vi. São uns amores pra eu guardar no coração, assim como nossos amigos e colegas de laboratório! Agradeço a toda a equipe do Lacesse, onde estagiei, e que muito contribuiu para o meu crescimento nesse último ano!

Agradeço à duas outras amizades feitas em razão do patrimônio: Geórgia e Nathalia! Nossas conversas e parceria no Memória sempre me acompanharão aonde eu for, e com certeza vocês contribuíram para o meu desempenho nesse trabalho e em tantos outros. Américo e eu sentimos orgulho em as ter como amigas!

Dentro do curso, pude encontrar também diversos professores que, além de contribuir para a minha formação, se tornaram amigos. É o caso do professor Marcos Santana, que demonstrou ter fé em minha capacidade até que eu pudesse enxerga-la. Obrigada por ser esse tipo de mestre, que estimula seus aprendizes! Um outro exemplo é o professor Ivan, que proporcionou meu primeiro contato com a história da arquitetura, me fazendo sonhar em conhecer os lugares sobre os quais dava aula. Obrigada, professor, reencontrá-lo no Memória foi maravilhoso! (O senhor daria um ótimo franciscano!)

Agradeço à minha professora e orientadora, Berthilde, com quem algumas pessoas até dizem que me pareço... acho muita pretensão, mas de fato a senhora é uma inspiração para mim! Deixo aqui o meu muito obrigada por me acolher em seu laboratório, desde o Memória até o desenvolvimento desse trabalho. Espero ser sua pupila aonde quer que eu vá. Obrigada pelo carinho e pelo bom humor de sempre!

Sou grata ainda ao pessoal do IPHAN-PB e IPHAEP pelas conversas esclarecedoras que contribuíram para esta pesquisa, e a Teresinha, Adriana, Reginalda e Jaqueline, que gentilmente aceitaram participar dos questionários que apliquei! À equipe do Memória, agradeço por toda a experiência adquirida em conjunto, e pela grande ajuda em me acompanhar durante a aplicação das oficinas!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta os resultados de uma pesquisa aplicada cujo tema central é a educação patrimonial. Sua ideia se deu mediante observação da existência de diferentes necessidades, relativas ao conhecimento e vivência do patrimônio, entre jovens de faixas etárias variadas das redes de ensino da cidade de João Pessoa-PB. Assim, seu objetivo é estudar os diferentes tipos de carência entre públicos e, tomando os resultados por base, elaborar estratégias que auxiliem no seu processo de aprendizagem sobre o patrimônio. Através dessas propostas, é possível abordar e estimular a valorização de edificações e espaços urbanos históricos, de forma a contribuir para a sua preservação. Para alcançar esse propósito foi feito, inicialmente, um levantamento das necessidades do público-alvo, contando com pesquisa bibliográfica, mapeamento de ações educativas de referência e aplicação de questionários. Estes últimos foram aplicados em turmas de Ensino Fundamental de quatro escolas da cidade. Como resultado, foram criados perfis de públicos que serviram de apoio para a elaboração das estratégias de acordo com suas demandas particulares. Então, criadas as ações, estas foram testadas e analisadas em sala de aula, possibilitando o aperfeiçoamento de suas propostas originais e gerando como produto três oficinas de educação patrimonial cujos temas exploram elementos compatíveis com as necessidades de cada perfil traçado, compartilhando do ideal em preservar o patrimônio edificado e urbano da cidade de João Pessoa.

Palavras-chave: educação patrimonial. perfis de públicos. estratégias.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper presents the results of an applied research whose main theme is heritage education. Its idea was based on the observation of different needs' existence, related to the knowledge and experience of the patrimony, among young people of varying age groups of João Pessoa-PB's city teaching networks. Thus, its objective is to study the different types of lack among public and, taking the results as support, to elaborate strategies that aid in its learning process on the patrimony. Through these proposals, it is possible to approach and stimulate the buildings and historical urban spaces valorization, in order to contribute to their preservation. To achieve this purpose, a survey of the target audience needs was carried out, with bibliographic research, mapping of educational actions of reference and application of questionnaires. These last ones were applied in Elementary School classes of four schools of the city. As a result, public profiles were created to support the development of strategies according to their particular demands. Once the actions were created, they were tested and analyzed in the classroom, enabling the improvement of their original proposals and generating as a product three heritage education workshops whose themes explore compatible elements with the needs of each traced profile, sharing the ideal in preserving the built and urban patrimony of João Pessoa's city.

Keywords: heritage education. public profiles. strategies.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Respostas referentes ao item Identificação do questionário aplicado às turmas de 2º ano....32
Gráfico 02: Respostas referentes ao item Experiências com Práticas Educativas do questionário aplicado às turmas de 2º ano....33
Gráfico 03: Respostas referentes ao item Referências do questionário aplicado às turmas de 2º ano....34
Gráfico 04: Respostas referentes ao item Identificação do questionário aplicado às turmas de 4º ano....36
Gráfico 05: Respostas referentes ao item Experiências com Práticas Educativas do questionário aplicado às turmas de 4º ano....37
Gráfico 06: Respostas referentes ao item Referências do questionário aplicado às turmas de 4º ano....38
Gráfico 07: Respostas referentes ao item Identificação do questionário aplicado às turmas de 6º ano....40
Gráfico 08: Respostas referentes ao item Experiências com Práticas Educativas do questionário aplicado às turmas de 6º ano....41
Gráfico 09: Respostas referentes ao item Referências do questionário aplicado às turmas de 6º ano....42
Gráfico 10: Respostas referentes ao item Identificação do questionário aplicado às turmas de 8º ano....44
Gráfico 11: Respostas referentes ao item Experiências com Práticas Educativas do questionário aplicado às turmas de 8º ano....45
Gráfico 12: Respostas referentes ao item Referências do questionário aplicado às turmas de 8º ano....46

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Respostas referentes ao reconhecimento de exemplares do patrimônio local por parte dos alunos de 2º ano....35
Tabela 02: Respostas referentes ao reconhecimento de exemplares do patrimônio local por parte dos alunos de 4º ano....39
Tabela 03: Respostas referentes ao reconhecimento de exemplares do patrimônio local por parte dos alunos de 6º ano....43
Tabela 04: Respostas referentes ao reconhecimento de exemplares do patrimônio local por parte dos alunos de 8º ano....47

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Síntese referente aos lugares que mais se repetem nas respostas dos questionários aplicados....41
Quadro 02: Síntese referente a preferência de alunos por aula de campo e dinâmica em classe....53
Quadro 03: Perfis de públicos-alvo criados e respectivos temas abordados nas estratégias de educação patrimonial elaboradas....53

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Algumas fontes de pesquisa usadas como referencial teórico....16
Figura 02: Questionários usados para estudo de público-alvo....16
Figura 03: Aplicação de oficina de educação patrimonial.... 16
Figura 04: Divisão de faixas etárias considerada pelo Movimento Escoteiro....21
Figura 05: Mapa com trecho do Centro da cidade e arredores, contendo as escolas pública e privada selecionadas para estudo, além de pontos de referência próximos a estas....27
Figura 06: Mapa com trecho da Orla Marítima da cidade e arredores, contendo as escolas pública e privada selecionadas para estudo, além de pontos de referência próximos a estas....28
Figura 07: Aplicação de questionários e legenda associando escolas a cores....31
Figura 08: Jogo de montar aplicado para público de perfil 01....54
Figuras 09, 11 e 11: Estudo dos possíveis cenários para jogo....57
Figuras 12, 13 e 14: Cenários montados por criança de 09 anos....57
Figura 15: Jogo de palavras utilizado em oficina para público de perfil 03....58
Figuras 16 e 17: Exemplo de conceito explorado através de dinâmica elaborada para público de perfil 03....59
Figuras 18, 19 e 20: Aplicação de estratégia elaborada para perfil 01. Crianças montando jogo com mapa da cidade....60
Figuras 21, 22 e 23: Aplicação de estratégia elaborada para perfil 02. Crianças montando cenários e apresentando para os demais....61
Figuras 24, 25 e 26: Aplicação de estratégia elaborada para perfil 02. Cenários montados pelas crianças relativos a diferentes épocas....62
Figuras 27, 28 e 29: Aplicação de estratégia elaborada para perfil 03. Jovens participando de jogo de palavras....63
Figuras 30: Nova proposta para jogo de palavras....64

SUMÁRIO

Introdução....13
1. A educação patrimonial como processo permanente....17
1.1 Ações educativas de referência....20
2. O público-alvo....27
2.1 Necessidades do público-alvo....29
2.1.1 Elaboração de questionários....29
2.1.2 Aplicação de questionários e análise dos resultados obtidos....31
2.2 Perfis do público-alvo....50
3. As estratégias....52
3.1 Elaboração de estratégias....52
3.2 Aplicação de estratégias e análise dos resultados obtidos....59
Considerações finais....65
Referências bibliográficas....66
Apêndices....69

INTRODUÇÃO

As edificações e sítios históricos de uma cidade constituem ferramenta fundamental para a sua compreensão e, consequentemente, de sua população, na medida em que se caracterizam como documentos vivos de registro espacial e temporal em que se inserem as **formas de fazer**, **de viver** e **de socializar** de diversas gerações. Por esse motivo, a sua preservação é pauta de discussões que circulam o mundo inteiro, ocasiões em que são debatidas estratégias de atuação em prol da conscientização da sociedade sobre o valor da sua herança cultural. Como produto dessas discussões, surge a ideia de educação patrimonial, conceituada como "processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo" (HORTA et al., 1999, p. 4), que busca criar um elo de aproximação entre a população e o seu patrimônio.

Hoje, esse tipo de prática educativa já se mostra como importante mecanismo para o desenvolvimento de uma sociedade, na medida em que explora o conhecimento sobre o passado como alternativa concreta para a compreensão do presente. Esse reconhecimento, no entanto, muitas vezes se atém apenas aos discursos, distanciando-se da prática e da realidade comum dos cidadãos, os quais, pela falta de conhecimento, acabam por ignorar a necessidade de preservar a sua história, frequentemente concebendo como impossível a aliança entre conservar o antigo e caminhar rumo ao novo, ao progresso. Devido a essas ideias erroneamente preconcebidas e ainda presentes nas comunidades, nota-se que é preciso reafirmar a importância da educação patrimonial, não só no campo da teoria, mas sobretudo na sua aplicação, desde o ensino básico ao andragógico, através de procedimentos que verdadeiramente estabeleçam uma ponte entre o patrimônio e o cotidiano dos indivíduos, cujo protagonismo é fundamental para a preservação de sua herança.

Em nível nacional, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ou IPHAN, é o órgão responsável pela conservação, salvaguarda e monitoramento do patrimônio, tarefa que busca realizar fazendo uso do tombamento – registro oficial e legal de um edifício, conjunto de edificações, centros urbanos históricos, ou objetos e coleções de significado exemplar para a sociedade (HORTA et al., 1999, p. 14) –, bem como através da elaboração de projetos e programas que deem suporte às ações educativas, estratégias fundamentais em prol da causa conservacionista.

João Pessoa, capital da Paraíba, é uma das cidades cujo Centro Histórico foi tombado pelo órgão, no ano de 2007, devido a ser esta uma das urbes mais antigas do país, com patrimônio de grande valor paisagístico e artístico que reune construções de diferentes estilos e épocas. Apesar do título, há um contexto contraditório envolvendo a capital paraibana: o de que sua importância é reconhecida por um órgão nacional, porém, tal valorização pouco se reflete na sua população, realidade que se afirma através da observação de consideráveis exemplares do seu acervo patrimonial arquitetônico que se encontram em estado de descuido ou abandono. O caminho mais indicado para mudar esse quadro é o que sugere a educação patrimonial, utilizada como método para gerar na comunidade a consciência da importância em preservar seus imóveis, bem como o conjunto urbano que estes compõem e no qual se inserem, além do seu contexto cultural.

Pensando nisso, foram mapeadas as ações de tal cunho que estão sendo desenvolvidas na cidade. Algumas delas são elaboradas pelo IPHAN, que atua na Paraíba por meio de sua Superintendência Estadual com atividades voltadas aos bens arqueológicos, imateriais, materiais e paisagísticos, dedicando uma linha de atuação para as práticas educativas. Para tratar dos assuntos específicos destas últimas, foi criada a Casa do Patrimônio da Paraíba, como uma extensão desse órgão, cujo objetivo é fomentar "[...] a criação de novas práticas de preservação, sobretudo por meio de ações educacionais formais e não formais, em parceria com escolas, agentes culturais, instituições educativas não formais e demais segmentos sociais e econômicos." (FLORÊNCIO et al., 2014, p. 36) Atualmente, o seu desempenho se volta para a elaboração de materiais a serem distribuídos nas escolas públicas, direcionados aos professores, que deverão aplicá-los em sala de aula – informação obtida através de conversa informal com um dos funcionários.

Um outro tipo de ação também em desenvolvimento na cidade é promovida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba, o IPHAEP, que trabalha realizando palestras em escolas de diversos municípios do estado, mediante solicitação. Sua ideia inicial era trabalhar diretamente com o corpo estudantil, no entanto, devido à grande demanda exigida ao órgão que, assim como o IPHAN, trabalha não só com a linha da educação patrimonial, mas com outras diversas questões envolvendo o acervo de bens tombados das inúmeras cidades da Paraíba, sua intenção agora é reunir os professores das escolas públicas para ministrar um curso que os habilite a trabalhar com a temática dentro das classes – informação também adquirida em conversa informal com um dos funcionários do instituto. A dificuldade que encontra no momento se deve à motivos internos que o impossibilita de realizar essas formações, ficando responsável por, uma vez solicitado pelas escolas de qualquer parte do estado, aplicar uma palestra, que pode ser ministrada para professores ou alunos.

Outra proposta de ação educativa voltada ao patrimônio que se desenvolve e se aprimora desde o ano de 2006, através de um projeto de extensão universitária vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, se chama Memória João Pessoa, cujo objetivo é de "[...] divulgar dados de pesquisa e levar adiante as discussões e conhecimentos adquiridos dentro da universidade para um público externo, leigo, que via de regra, ignora seu patrimônio histórico [...]" (SILVA et al., 2017). O projeto possui três meios de atuação: o primeiro, portal eletrônico, e o segundo, redes sociais, são voltados para um público virtual, enquanto o terceiro, iniciado em 2013, são oficinas presenciais, cujo público é constituído por alunos de diversas faixas etárias das redes de ensino público e privado do município.

> A partir do trabalho realizado nestas diferentes turmas [...], pode-se elencar alguns pontos importantes relativos aos diferentes estágios de carência identificados: o primeiro aponta que são nas escolas públicas que se encontra a maior incidência de crianças que frequentam e vivenciam os lugares apresentados relativos ao Centro Histórico de João Pessoa. O contrário se aplica aos alunos de escolas particulares [...] (GUALBERTO et al., 2017, p. 5)

A partir desse relato, é possível perceber que há diferentes tipos de carência e, portanto, diferentes necessidades entre os alunos dos diversos estabelecimentos de ensino da cidade. Tal percepção, levantada enquanto membro do projeto durante os anos de 2016 e 2017, foi a motivação inicial desta pesquisa, que se propõe a estudar

os diferentes públicos encontrados nas redes de ensino locais e, através da descoberta de suas demandas particulares, revelar diferentes caminhos para guiar os processos que envolvem a educação patrimonial.

Dentre as ações mencionadas, percebe-se que o IPHAN-PB e o IPHAEP, por serem órgãos de abrangência estadual, não priorizam o contato direto com os alunos das escolas, devido a dificuldade que teriam em conciliar a demanda de diversas turmas e os seus demais afazeres. Outro ponto vulnerável é o fato de que esses órgãos privilegiam as escolas do ensino público, quando, na verdade, as escolas de ensino privado também necessitam desse tipo de ação. Assim, a educação patrimonial fica à mercê do interesse dos professores em aplicar o material que recebem dessas duas entidades, em suas metodologias de ensino. Quanto ao Memória João Pessoa, apesar de não fazer distinção entre escolas e atuar diretamente com os jovens, possui praticamente um mesmo tipo de oficina para ser ministrada em todas as séries, mesmo que estas apresentem diferentes necessidades, seja pelo fator faixa etária, seja pela rede de ensino.

Portanto, a forma como essas ações se desenvolvem precisa ser ainda lapidada, a começar pelo estudo do público e pela elaboração de materiais adequados que contribuam para o seu aprendizado. Pensando nisso, o objetivo da pesquisa está em utilizar o conhecimento adquirido no curso de Arquitetura e Urbanismo como base para criar estratégias de educação patrimonial – tidas como objeto de estudo – voltadas para a valorização das edificações e sítios históricos da cidade de João Pessoa, para aplicação em salas de aula de escolas públicas ou privadas, abrangendo diferentes faixas etárias.

A sua justificativa está pautada em recomendações elaboradas desde, pelo menos, a década de 1970, voltadas para a necessidade do investimento na educação patrimonial, à exemplo do "Compromisso de Brasília" (1970) e da "Declaração de Nairobi" (1976), documentos que estimulam a inclusão de matérias sobre a salvaguarda do patrimônio nos currículos escolares de nível primário, médio e superior. Percebe-se, então, que o incentivo para esse tipo de ação se dá a partir da infância, a qual se mostra como o momento mais adequado para a transmissão desse conhecimento por ser a etapa em que o indivíduo está apto a receber e assimilar os conteúdos básicos diversos. Uma vez que a temática esteja inclusa no cotidiano da criança, será mais facilmente entendida por ela como algo natural, e não como conteúdo "extra", como geralmente acontece nos casos em que se faz presente. Assim, esse jovem se tornará um adulto consciente e atuante no processo de preservação patrimonial.

Mais uma vez, fica clara a importância atribuída ao tema e o conflito com a falta de ações que, quase cinco décadas depois, ainda pode ser observada. Diante desse quadro, e como profissional da área, a ideia de fazer algo a respeito utilizando a experiência e os conhecimentos obtidos na graduação, além da participação no projeto Memória João Pessoa, se mostra uma contribuição para o processo de conscientização das pessoas e consequente preservação do patrimônio da cidade.

Com base nessas informações, foi utilizada uma metodologia cuja etapa inicial se resume à identificação das necessidades do público-alvo. Nessa fase, foi realizada uma investigação bibliográfica, além de um mapeamento de ações educativas de referência, e o

levantamento propriamente dito das necessidades desse público, feito através da aplicação e análise de questionários. A etapa seguinte foi direcionada a traçar perfis de públicos-alvo a fim de, com base nisso, elaborar estratégias de educação patrimonial para cada um destes. A conclusão da pesquisa aconteceu com a aplicação e análise dessas estratégias, as quais geraram oficinas compatíveis com os diferentes contextos encontrados entre os públicos.

Assim, a estrutura do trabalho acompanha as suas etapas metodológicas, apresentando os dois primeiros capítulos – 01. A educação patrimonial como processo permanente, e 02. O público-alvo – voltados para o desenvolvimento da primeira etapa mencionada, com a caracterização do público-alvo, estudo de suas necessidades e definição de perfis, e o terceiro – 03. As estratégias – voltado para a sua elaboração, aplicação e análise.

Figura 01: Algumas fontes de pesquisa usadas como referencial teórico.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

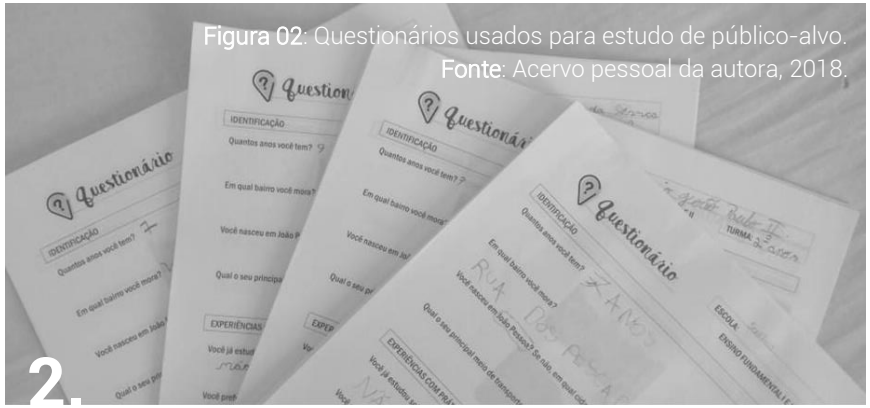


Figura 02: Questionários usados para estudo de público-alvo.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

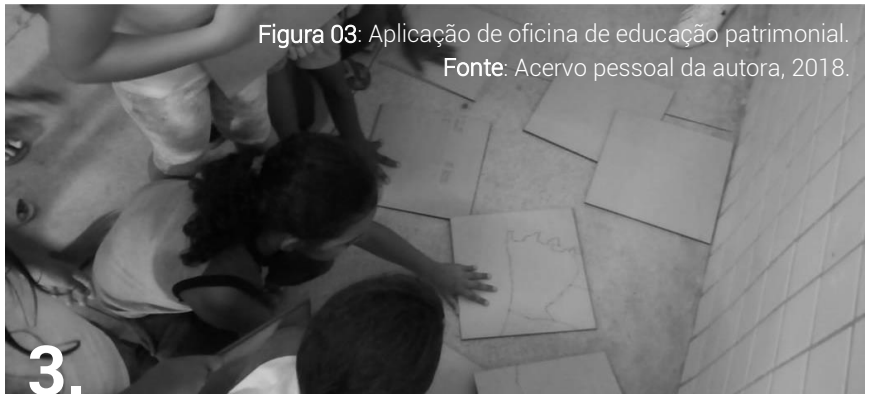


Figura 03: Aplicação de oficina de educação patrimonial.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

01. A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO PROCESSO PERMANENTE

A busca pela identidade cultural é uma característica inerente ao ser humano, na medida em que este anseia encontrar-se temporal e espacialmente ao longo de sua existência, procurando referências que lhe proporcionem o sentimento de pertecimento a um grupo. No mundo atual, cada vez mais globalizado, essa necessidade básica de reconhecimento do indivíduo dentro de uma coletividade se encontra em um momento conflituoso, em que as culturas tanto se aproximam, dando a ideia de fusão e deixando dúvidas sobre a identidade própria de cada sujeito. Diante desse quadro, faz-se necessário contextualizar a identidade cultural, decorrente da ideia de patrimônio cultural, defendido por Grunberg (2007) como:

> [...] todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores. Cada geração as recebe, usufrui delas e as modifica de acordo com sua própria história e necessidades. Cada geração dá a sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança.

Assim, identificar-se em uma cultura é reconhecer suas formas de manifestação e expressão como parte de sua própria história e, para tanto, é primordial que a comunidade conheça a sua trajetória histórica para então valorizar seu legado e transmiti-lo a cada geração, garantindo a sobrevivência de seu patrimônio. A forma de levar esse conhecimento para a população é o que se caracteriza como educação patrimonial, a qual se conforma como qualquer processo educativo em que a sociedade se apropria do patrimônio cultural para compreender suas referências a fim de, através do diálogo, aprender a reconhecer, valorizar e preservar sua herança (FLORÊNCIO, 2015). Um instrumento de auxílio nesse processo, que assume papel fundamental, é a própria cidade, com suas edificações e sítios urbanos que relatam de forma palpável os modos de construção, de vivência, e todos os costumes atrelados a esses monumentos e localidades ao longo do tempo, conforme afirma Moll (2009, p. 15 apud Dimenstein, 2017, p. 20):

> [...] a cidade precisa ser compreendida como território vivo, permanentemente concebido, reconhecido e produzido pelos sujeitos que a habitam. É preciso associar a escola ao conceito de cidade educadora, pois a cidade, no seu conjunto, oferecerá intencionalmente às novas gerações experiências contínuas e significativas em todas as esferas e temas da vida.

Ao explorar a utilização dos bens patrimoniais edificados como documentos vivos, estes podem ser considerados de extrema necessidade para o desenvolvimento de práticas educativas, remetendo a ideia de que "nada substitui o objeto real como fonte de informação sobre a rede de relações sociais e o contexto histórico em que foi produzido, utilizado e dotado de significado pela sociedade que o criou" (HORTA et al., 1999, p. 7).

No campo da arquitetura e urbanismo, mais especificamente, através de um monumento ou composição urbana é possível descobrir uma série de referências espacial temporais, desde o método construtivo utilizado em cada época, passando pela linguagem arquitetônica e o contexto histórico que influenciou para a sua execução, bem como os relativos costumes refletidos nos desenhos urbanos e condicionantes arquitetônicos, etc. enfim, através do objeto real é possível entender as dinâmicas sociais de uma comunidade. O imprescindível é levar esse estudo, geralmente produzido por instituições formais e por profissionais das áreas de

História, Arquitetura e Urbanismo, Geografia, dentre outros, à comunidade local, que possui importante papel na luta preservacionista.

Muitos desses profissionais estão atuando em órgãos de defesa ao patrimônio, como o IPHAN, que é responsável pela salvaguarda dos bens nacionais e que constantemente promove encontros em que são discutidas estratégias para atuação no campo da educação patrimonial. A sua política se estrutura em três eixos de atuação, sendo o primeiro a inserção do tema Patrimônio Cultural na educação formal, o segundo a gestão compartilhada das ações educativas, e o terceiro a instituição de marcos programáticos no campo da Educação Patrimonial (FLORÊNCIO et al., 2014). Isso demonstra que o seu foco está voltado para a elaboração de materiais-base para serem utilizados em instituições de ensino, ou seja, seu foco está em lidar com os propagadores do conhecimento.

O patrimônio que se considera e busca preservar nos dias atuais, por órgãos como esse, é resultado de inúmeras transformações ao longo do tempo. A princípio, esse conceito era reduzido, em comparação a amplitude que lhe é atribuida hoje, e possuía um caráter um tanto elitista (FUNARI e PELEGRINI, 2006 apud AQUINO, 2015) visto que o próprio termo estava relacionado aos bens da figura paterna da família, restringindo a sua posse para poucos. Apenas com o passar dos séculos se propiciou:

> [...] a ascensão das diferenças e a pluralização do conceito de identidade e patrimônio, que passaram a abarcar cada vez mais grupos que até o momento estavam excluídos dos debates, incluindo, assim, marcos arquitetônicos locais, manifestações culturais de diversos grupos e reservas ecológias (FUNARI e PELEGRINI, 2006 apud AQUINO, 2015).

Assim, o entendimento do patrimônio também se mostra um processo contínuo que parte da herança do pai de família à herança de toda uma sociedade, considerando diversos aspectos: os bens materiais, imateriais e naturais. Apesar do quadro geral apresentado, em que se buscam lançar estratégias em defesa destes bens, utilizando a educação patrimonial como metodologia, ainda se veem inúmeros exemplares em estado de abandono ou esquecimento. Esse fato leva ao questionamento da eficácia das políticas patrimoniais vigentes no Brasil, as quais existem, mas nem sempre chegam ao "usuário final", que é a população.

> Do jeito que vem sendo praticada, a preservação é um estatuto que consegue desagradar a todos: o governo fica responsável por bens que não pode ou não quer conservar; os proprietérios se irritam contra as proibições, nos seus termos injustos, de uso pleno de um direito; o público porque, com enorme bom senso, não consegue entender a manutenção de alguns pardieiros, enquanto assiste à demolição inexorável e pouco inteligente de ambientes significativos (SANTOS, 1986 apud CASTRIOTA, 2007, p. 10).

O título do artigo de Castriota sugestivamente levanta grande debate: "Preservar não é tombar, renovar não é pôr tudo abaixo", pois é essa a ideia que grande parte das pessoas têm quando o assunto é preservação patrimonial: ou de que preservar é tombar, e que tombar é engessar; ou de que renovar é destruir tudo o que é antigo. São ideias erradas disseminadas em meio a população devido à falta de conhecimento. Mais uma vez, chega-se à conclusão de que a melhor maneira de lidar com o problema é através da educação. Além do campo teórico, é preciso sobretudo que sejam aplicadas estratégias adequadas às necessidades específicas de cada realidade, conforme defende Florêncio e colaboradores (2014, p. 20), afirmando que a comunidade deve construir coletivamente o conhecimento,

identificando-se como produtora de saberes na medida em que reconhece suas referências culturais como elementos importantes a constituir a memória social do local no qual estão inseridas.

Em busca de deixar o plano teórico e partir para as ações concretas em favor da educação patrimonial, é preciso que se entenda como as escolas são agentes importantes nesse processo, devendo também ser palco de ações. Por contemplar a um público que ainda está em fase de maturação de ideias e conceitos, deve ser explorada como ponte entre o indivíduo e as evidências e manifestações culturais que o circundam, fatores que o levam a um processo ativo de apropriação e valorização de sua herança (MEDEIROS, 2016, p. 3). O IPHAN afirma que esse processo deve fazer parte do currículo escolar como tema transversal, integrando-se ao conteúdo das diversas áreas de conhecimento com o propósito de sensibilizar os jovens do ensino básico e médio para conhecer, valorizar e proteger o patrimônio cultural.

Uma das formas de conhecer esse patrimônio é através do contato com a arquitetura e com os espaços urbanos, que podem despertar o sentimento de curiosidade nos alunos, incentivando-os a querer conhecer mais sobre seus exemplares. Uma forma de promover o contato dos jovens com esses elementos pode ser proporcionada pela instituição de ensino quando promove visitas à espaços tradicionais da cidade ou a museus.

No entanto, além de propiciar visitas a espaços de memória, a escola deve cumprir seu papel de ir além, assumindo para si a responsabilidade que lhe é inerente de mostrar que a história não se limita a determinados pontos importantes, mas que "[...] é criada e recriada por todos os seus agentes e nos mais diversos espaços, inclusive na escola" (AQUINO, 2015, p. 28). A instituição, com tudo o que apresenta e representa para seus usuários, é fundamental no processo de construção da identidade dos jovens, visto que é nela onde acontecem as primeiras interações com grupos de pessoas diferentes entre si. Essa troca de experiências faz parte da construção da personalidade em formação, a qual resulta das situações vivenciadas. Portanto, é necessário que sejam desenvolvidas atividades que tragam em pauta o conhecimento e a própria concepção sobre a história. Conforme afirma Medeiros (2016, p. 9):

> O grande desafio do educador patrimonial [...] é conseguir levar a discussão sobre o patrimônio para a sala de aula e, de forma satisfatória, despertar na criança e no jovem o respeito pela memória coletiva, fazendo com que estes construam suas próprias identidades culturais, fazendo com que se apropriem dos lugares e, a partir daí, percebam o quão estes são importantes para a sua memória individual.

Assim, é indispensável utilizar um método e linguagem que se aproximem do cotidiano desse público para chamar a sua atenção, a fim de que possa se apropriar dos bens culturais que lhe dizem respeito. Deve-se entender, para tanto, o que é importante para os jovens usuários da cidade, bem como o porquê de assim o ser, quais os valores a que estão associados e o que os leva a conferir tal importância ao bem (WORTHGN e BOND, 2008 apud COSTA et al., 2016), pois só assim será possível criar estratégias que atendam às suas percepções e contextos próprios.

Em função do exposto e da procura em alcançar aos públicos diversos, é preciso considerar o dinamismo do qual faz parte a preservação patrimonial, que acompanha diferentes gerações e suas respectivas necessidades, em constante transformação.

01.1 | AÇÕES EDUCATIVAS DE REFERÊNCIA

Com base na ideia do **processo contínuo** que deveria ser a educação patrimonial, foram mapeadas algumas ações educativas que fazem uso deste mesmo princípio. Essas referências não possuem, necessariamente, vínculo com o patrimônio, mas suas diretrizes apresentaram contribuições para a elaboração das estratégias finais, propostas como objetivo desse trabalho. São elas: o "Movimento Escoteiro", que existe em diversos lugares do mundo, o "Trajetórias Criativas", um projeto desenvolvido no Rio Grande do Sul, e o "Memória João Pessoa", de atuação local, já mencionado previamente, cuja experiência por ele proporcionada impulsionou o desenvolvimento da presente pesquisa.

MOVIMENTO ESCOTEIRO

O Movimento Escoteiro é voltado para a educação de jovens, contando com a colaboração voluntária de outros jovens e de adultos, desde que estejam de acordo com o seu Propósito, Princípios e Método, os quais foram concebidos por Baden-Powell, seu fundador. A UEB – União dos Escoteiros do Brasil, associação de direito privado e sem fins lucrativos, de caráter educacional, cultural, beneficente e filantrópico, ressalta a seriedade com que o movimento é encarado, na medida em que determina uma série de regras a serem seguidas com rigor por parte dos voluntários.

O seu propósito remete a um processo de educação permanente, considerando que "nenhum aspecto da educação pode ser reduzido ao sistema escolar ou a um período da vida, já que o ser humano tem necessidade e deve ter a possibilidade de aprender ao longo de toda sua existência" (UEB, 2017, p. 9). Dessa forma, tem por fim colaborar para que os jovens assumam uma posição protagonista em seu próprio desenvolvimento, realizando suas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, de forma responsável e útil em suas comunidades. Quanto aos seus princípios, se baseiam na promessa escoteira, a qual se ajusta aos progressivos graus de maturidade do indivíduo (UEB, 2012).

O seu método é composto por cinco elementos, dentre os quais se destacaram alguns de interesse para a pesquisa: o primeiro diz respeito a **aprendizagem pelo serviço e pela ação**, considerada como forma de explorar o indivíduo em diferentes realidades, estimulando o jovem a construir uma autoimagem e respeitar as diferenças com os demais.

> Esta aprendizagem não formal permite viver experiências pessoais que interiorizam e consolidam o conhecimento, as atitudes e as habilidades. Desta maneira [...] se substitui a simples recepção de informação pela efetiva aquisição de conhecimento, [...] se substitui a norma imposta pela norma descoberta e a disciplina exterior pela interior; e [...] a passividade receptiva do destinatário cede lugar à criatividade efetiva do realizador (UEB, 2017, p. 20).

Quanto a **vida em equipe**, é estimulada a responsabilidade, disciplina e capacidade de cooperar ou liderar em grupos de jovens com idades semelhantes, para que o processo de aprendizagem aconteça de maneira gradativa: os desafios e responsabilidades vão progredindo a medida em que a idade avança.

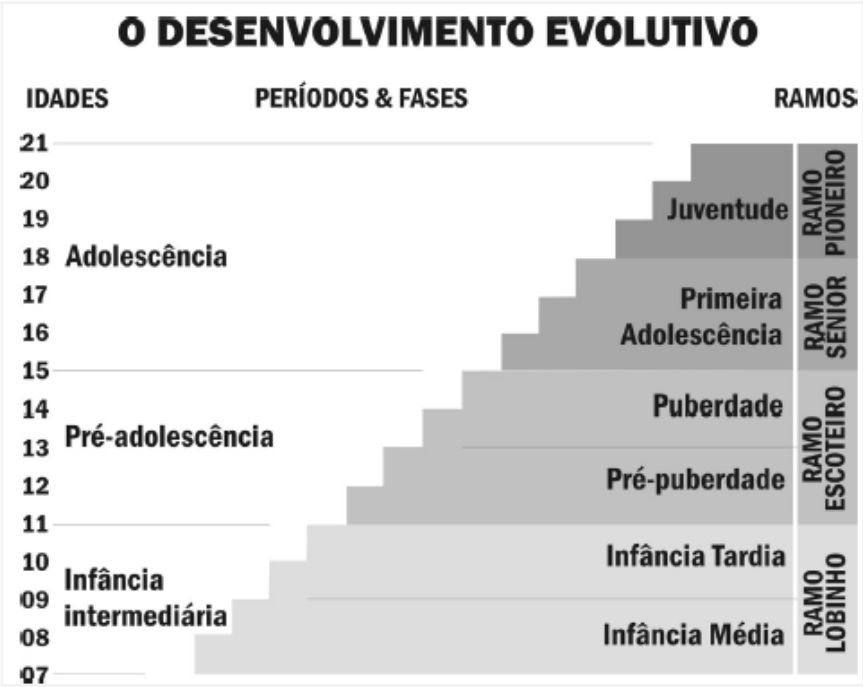
Com relação as **atividades progressivas, atraentes e variadas**, das quais fazem parte os jogos, dentre outras, se considera que estas são oportunidades de experimentação e criação em que o jovem assume um papel central, desempenhando diversas funções que o levarão a aprender a ganhar e a perder.

O Escotismo conta com um Programa Educativo fundamentado em alguns pilares (UEB, 2016a) que se mostraram interessantes para o desenvolvimento das estratégias de educação patrimonial propostas como produto da pesquisa, como:

- A atualização – o programa deve resultar da constante reflexão sobre as práticas educativas propostas inicialmente;
- O protagonismo juvenil – coloca o jovem como sujeito central do processo educativo;
- O caráter de atender a todos – deve atender as necessidades dos jovens de todos os segmentos da sociedade;
- A unidade na diversidade – o programa deve manter sua unidade apesar das diferentes realidades em que se insere;
- A autonomia progressiva – deve permitir ao jovem o protagonismo nas decisões que afetam sua vida;
- A vinculação com a realidade – seus conteúdos devem estar relacionados às realidades dos jovens.

Com relação ao desenvolvimento da criança e do jovem, o Movimento Escoteiro define algumas faixas etárias de acordo com características evolutivas gerais apresentadas por esse público-alvo, dividindo-o nas fases da infância intermediária, pré-adolescência e adolescência (Figura 04):

Figura 04: Divisão de faixas etárias considerada pelo Movimento Escoteiro.



Fonte: UEB, 2012.

O que eles consideram como "infância intermediária" é o período de desenvolvimento que vai dos 06 anos e meio aos 10 anos de idade, grupo que chamam de Ramo Lobinho, em que a ênfase educativa está no processo de **socialização** da criança. Nessa etapa, o jovem está imerso no universo escolar, em que seus companheiros ocupam grande parte de sua vida e suas maiores expressões são o ânimo para o esforço físico e a tendência aos jogos coletivos. A sua personalidade lida com situações como o surgimento do pensamento concreto em substituição ao pensamento mágico, bem como do início do processo de autonomia em relação aos pais e ao lar (UEB, 2012, 2016a).

A "pré-adolescência", por sua vez, é o período intermediário entre a infância e a juventude, transição que ocorre em duas fases distintas: a pré-puberdade, que vai dos 11 a 12 anos de idade, e a puberdade, dos 13 a 14. Nessa etapa, os jovens enfrentam algumas situações conflituosas, como o desequilíbrio devido ao grande desenvolvimento físico. É uma fase de incertezas, mas também de maior capacidade de análise e de pensamento, bem como sensações e emoções – e talvez devido ao choque entre a razão e emoção, mais vívidas e experimentadas nesse momento, o jovem apresente tantas dúvidas. Esse grupo é chamado de Ramo Escoteiro, e a ênfase educativa a ele dada é voltada para o processo de **criação e ampliação da autonomia** (UEB, 2012, 2016a).

O Escotismo trabalha também com os jovens inseridos no período da "adolescência", a qual se divide em dois grupos: a primeira adolescência, traduzida no Ramo Sênior, com jovens de 15 a 17 anos, e a juventude, traduzida no Ramo Pioneiro, com jovens de 18 a 21 anos incompletos. É nessa fase que se constrói e aperfeiçoa a personalidade e o sentido de identidade do jovem, além de ser o momento do ápice da autonomia. A sua consciência moral é ampliada, permitindo-lhe dar explicações mais profundas acerca de fatos e situações vividas, fato que se soma ao alto nível de abstração que seu pensamento atinge, contribuindo para que faça análises e desenvolva teorias e hipóteses. Nesse momento o jovem consegue também se expressar por meio de uma criação própria. A ênfase do Programa para o Ramo Sênior está no processo de **autoconhecimento, aceitação e aprimoramento das características pessoais**, enquanto que para o Ramo Pioneiro está no processo de **integração do jovem à sociedade**, privilegiando sobretudo o serviço à comunidade, com expressão da cidadania (UEB, 2012, 2016a).

A forma de avaliar os jovens se dá através da realização de atividades que se traduzem quase sempre em jogos, consideradas como indicadores de desempenho. Essas dinâmicas são passíveis de modificação e adaptação para uso em diferentes circunstâncias, e as suas bases são: ser do agrado das crianças e jovens, possuir regras simples e claras, além de um objetivo educativo. Não cabe, aqui, discorrer sobre as propostas dos jogos escoteiros em si, pois são diversos, no entanto, devido às características básicas do movimento, que preza pelo desenvolvimento de valores na formação do cidadão, houve o interesse em utiliza-lo como referência para a pesquisa.

TRAJETÓRIAS CRIATIVAS

O projeto Trajetórias Criativas, proposta metodológica que intenciona promover autoria, criação, protagonismo e autonomia a jovens de 15 a 17 anos que ainda se encontram no ensino fundamental, é resultado de uma parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Secretaria de Educação desse Estado, com apoio do Ministério da Educação. Com intuito de promover ações educativas abertas, adaptáveis às escolas do país e às possibilidades de inovação, o projeto teve início em 2011, em instituições da rede pública estadual de ensino de Porto Alegre e Alvorada (BRASIL, 2014a, p. 1). O ponto de partida para a sua criação foi a constatação de que quase metade do total de jovens brasileiros

entre 15 e 17 anos se encontra fora da escola ou em defasagem idade-ano. A fim de contribuir para a mudança desse cenário, através da superação dos desafios que impedem a regularidade e sequência escolar desse público, o projeto propõe um trabalho integrado entre diferentes áreas do conhecimento.

As ações sugeridas são destinadas ao uso dos professores, na intenção de que possam auxiliar no processo de renovação da crença do jovem em si mesmo. Por esse motivo, suas orientações mostram-se abertas para serem livremente utilizadas, permitindo aos envolvidos ter autonomia suficiente para decidir seguir novos caminhos e assumir novos papéis, se assim for conveniente à sua realidade e necessidade.

A estratégia desenvolvida pelo Trajetórias Criativas defende a participação de diversos agentes, tendo início a partir do estabelecimento de parcerias de trabalho construídas entre Universidade, Rede Escolar (pública de ensino), Escola (pública), Família e Estudante (BRASIL, 2014a, p. 4). Todos os parceiros devem decidir livremente o seu papel como tal, comprometendo-se a assumir sua função dentro da gestão compartilhada que acaba se desenvolvendo com o trabalho colaborativo. A respeito da participação da universidade no projeto, esta é tida como a responsável pela formulação do seu modelo teórico metodológico inicial e, por este motivo, é o agente que realiza mais comunicações com os demais gestores da ação e ainda com o público final alcançado por ela, que são os jovens assistidos e suas famílias.

> [...] além do acompanhamento em rede, a universidade atua presencialmente e a distância, junto à equipe de professores da escola, mediante reuniões de estudos e planejamento ou via interações por meio da rede eletrônica. Nessas oportunidades, realizam-se trocas, esclarecimentos e orientações que contribuem para tomadas de decisão quanto aos processos criativos demandados pelo modelo teórico metodológico inicial e à sua plena apropriação pela escola (BRASIL, 2014a, p. 10-11).

Diante da condição semelhante em que a presente pesquisa foi desenvolvida, dentro da academia, essa ação de referência comprova a possibilidade de haver parcerias mais sólidas entre as universidades e redes escolares no que tange também a outros temas, como pode ser o caso do patrimônio.

Os elementos de uma Trajetória são as "Atividades Desencadeadoras", que impulsionam as possibilidades de trabalho integrado, e as "Atividades Derivadas", que provêm das primeiras e se dividem em várias outras. O projeto possui sete cadernos publicados, sendo o primeiro dedicado a explicação da sua proposta, e os demais destinados a trabalhar com outros temas, são eles: Identidade, Convivência, Olhares, Território, Memória e Iniciação Científica. Para fins de estudo do projeto como ação educativa de referência, foram escolhidos para análise a Identidade, o Território e a Memória, pela relação que podem apresentar com o patrimônio.

A **Trajetória Identidade** trata das relações entre os indivíduos e os espaços em que vivem e atuam, buscando compreender a influência que um exerce sobre o outro na construção de uma identidade, entendida como "processo em permanente atualização, passando por mudanças, rupturas, adaptações e reinvenções que permitem a continuidade do indivíduo, do grupo e da própria sociedade" (BRASIL, 2014b, p. 1). Através de atividades diversas, o que se pretende é trazer para o dia-a-dia do jovem a percepção própria sobre os locais que vivencia, demonstrando as relações de causa e consequência que existem entre a ação do indivíduo e os espaços que vivencia.

Essa mesma discussão pode ser trazida ao explorar o patrimônio, pois as cidades, seus componentes e características são reflexos dos modos de vida de uma sociedade.

A **Trajetória Territórios** traz como foco os conceitos de "território" e "territorialidade", os quais carregam consigo alguns outros, como "limite" e "fronteira", além de diversas discussões. O estudo desse tema permite a compreensão do espaço geográfico – que vai além da mera definição de lugar – da formação social, dos espaços de poder, dentre outros. É considerado que:

> Territórios só surgem a partir do estabelecimento de um conjunto de relações que vinculam um indivíduo ou um grupo de indivíduos a um determinado espaço, ou seja, se configuram pelo estabelecimento de uma territorialidade. As territorialidades, por sua vez, são espaços de ação e relação constituídos por identidades culturais e políticas, não necessariamente configurando territórios no sentido espacial concreto (BRASIL, 2014c, p. 7).

Através das diversas atividades que propõe, esses conceitos são explorados por meio do estudo das relações existentes em determinado território e que se refletem na vida cotidiana de cada indivíduo. A discussão acaba apresentando semelhanças com o tema da identidade, demonstrando como os conceitos que envolvem o patrimônio possuem conexões entre si. Por este motivo, o tema pôde ser igualmente incorporado às estratégias que tratam do patrimônio, produto desta pesquisa.

A **Trajetória Memórias** trabalha com o conceito de "tempo social", destacando transformações de diversas ordens em diferentes épocas. O foco recai também sobre as temporalidades vivenciadas pelas gerações e a possibilidade de projeção futura, tornando compreensível os valores comuns a determinados grupos ou sociedades. Através da exploração de memórias coletivas, as atividades propostas por esta trajetória buscam auxiliar no processo de resgate e construção da identidade pessoal, despertando ainda o sentimento de pertencimento a determinados grupos (BRASIL, 2014d, p. 3). Partindo do princípio de que "lugares são, também, uma importante referência para a construção das memórias individual e coletiva, uma vez que representam as relações construídas pelos indivíduos com esses espaços [...]" (BRASIL, 2014d, p. 9), obtém-se a relação entre esse tema e o patrimônio, tão intimamente conectados.

Uma medida comum a todas as trajetórias é a proposta de que sejam realizadas exposições por parte desses alunos de produtos criados por eles, como forma de instiga-los a produzir um material próprio que exprima o seu aprendizado. De maneira geral, a abordagem metodológica adotada pelo Trajetórias Criativas trabalha com temas de interesse à pesquisa por estarem intrinsecamente incluídos em discussões de interesse patrimonial.

MEMÓRIA JOÃO PESSOA

O Memória João Pessoa, como dito anteriormente, é um projeto de extensão cujas atividades são realizadas pelo Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória (LPPM), vinculado ao Departamento de Arquitetura do Centro de Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É coordenado pelos professores Maria Berthilde Moura Filha e Ivan Cavalcanti Filho, ambos vinculados ao

departamento mencionado, e conta com a participação de alunos da graduação do curso. Seu objetivo é a divulgação de informações a respeito do patrimônio sobretudo edificado, da história e memória da cidade de João Pessoa.

A partir de pesquisas realizadas no meio acadêmico, foi criada uma base de dados em plataforma digital que, passando por uma etapa de organização e sistematização de informações, resultou em um portal eletrônico próprio do projeto, cuja função é levar o conhecimento produzido acerca do patrimônio para a maior quantidade de pessoas possível. A ideia é transmitir esse conteúdo para um público diverso, muitas vezes leigo, a fim de que passe a enxergar o valor histórico e sociocultural dos bens patrimoniais de João Pessoa, sejam eles materiais ou imateriais.

Assim, o seu *website* www.memoriajoaopessoa.com.br passa por transformações constantes em busca de manter-se atualizado e atrativo para os usuários. Nele, são explorados diversos conteúdos relacionados a temática patrimonial, alguns dos quais se mostraram de interesse para o desenvolvimento das estratégias de educação patrimonial elaboradas com esta pesquisa. Um deles é referente a **história** da cidade, contada desde a sua fundação até os dias de hoje, através do uso de uma linha do tempo contendo informações e ilustrações sobre os principais fatos que marcaram a urbe em determinado momento. Outro conteúdo de interesse diz respeito a diversos **conceitos** abarcados pela temática do Centro Histórico, os quais muitas vezes são desconhecidos pela população.

Além destes, há inúmeros conteúdos que são divulgados também através de redes socais, segunda linha de atuação do projeto. O uso desse tipo de mídia tem por objetivo criar um canal de interação com o público virtual que, via de regra, possui perfis nessas redes. Assim, tanto o *site* quanto conteúdos referentes ao patrimônio são difundidos através desse meio, tornando a temática mais comum ao cotidiano de seus usuários.

A partir do ano de 2013, quando o *website* já se encontrava bem consolidado e repleto de conteúdos, o Memória João Pessoa alcançou um novo patamar, levando oficinas de educação patrimonial até escolas de ensino fundamental e médio, de modo a ampliar o seu público para um presencial. Desde então, essas oficinas se tornaram uma importante estratégia na disseminação de informações e discussões acerca do patrimônio e da sua necessária preservação. A sua aplicação é feita em instituições públicas ou privadas, as quais podem já possuir essa disciplina como atividade extracurricular ou não.

A experiência agrega valores tanto para os integrantes do projeto quanto para os alunos das escolas, na medida em que os primeiros têm a oportunidade de vivenciar uma prática didática, transmitindo a outrem o que acabaram de aprender na vida universitária, e os segundos, por sua vez, passam a deter um conhecimento essencial para o desenvolvimento do seu lado crítico e consciente de cidadãos. Isto é, os jovens deixam de ser indiferentes ao patrimônio, e passam a inclui-lo no rol de suas preocupações, devendo futuramente contribuir para sua salvaguarda (SILVA et al., 2017).

Apesar de ter tido início com turmas de Ensino Fundamental e Médio, posteriormente, foram incluídas também turmas de Jovens e Adultos (EJA), agregando uma maior variedade entre as faixas etárias possíveis de se trabalhar. Foi necessário, então, criar diferentes procedimentos para a explanação de um mesmo conteúdo,

resultando em uma oficina dividida em dois momentos. O primeiro deles é comum a todos, enquanto o segundo conta com atividades diferentes de acordo com o público para o qual se dirige.

A primeira etapa, de conotação mais teórica, é caracterizada pela apresentação de alguns conceitos relativos ao patrimônio, além da transmissão de informações sobre exemplares locais – conteúdo retirado do *site*, que serve também para sua divulgação. Já a segunda etapa é caracterizada por um momento mais leve, em que é realizada uma dinâmica ou exibido um vídeo, a depender do público para o qual é aplicada.

Para o Ensino Fundamental, é utilizado um jogo de tabuleiro com ilustrações de diversos exemplares de patrimônio material arquitetônico (edifícios de naturezas civil, institucional e religiosa); urbano (praças) e natural (parques e reservas naturais) da cidade de João Pessoa, como forma de despertar a curiosidade nos jovens e estimular a sua participação mediante o clima competitivo que se estabelece. Para as turmas de Ensino Médio e EJA, a dinâmica utilizada explora a memória social através da exibição de determinado vídeo produzido pela equipe do projeto e disponível no seu *website*. Essa medida é um recurso estratégico para que os jovens e adultos possam se localizar e perceber que determinado patrimônio está, muitas vezes, próximo do seu dia-a-dia, podendo provocar o seu envolvimento na discussão.

Como membro participante do projeto, a percepção obtida com a aplicação das oficinas apontou para a existência de diferentes tipos de carência entre os públicos alcançados – como já discutido anteriormente. A princípio, foi percebida uma suposta diferença entre escolas públicas e privadas no que tange ao conhecimento e vivência do patrimônio local. A descoberta dessas fragilidades foi tomada como motivação para o desenvolvimento da pesquisa, pois foi compreendida a necessidade em utilizar dinâmicas mais direcionadas para cada grupo, de acordo com suas demandas particulares.

Essas demandas demonstraram possuir maior relação com as diferentes faixas etárias do que com as redes de ensino. Assim, foi necessário conhecer melhor esse público-alvo, orientar-se por experiências já em prática e, com isso, identificar necessidades e possibilidades na sua formação que apontassem para características singulares norteadoras de novos caminhos. A descoberta desses caminhos tornou possível a elaboração de dinâmicas educativas mais eficientes, produtivas e atrativas no campo de ensino da conservação do patrimônio para crianças e jovens.

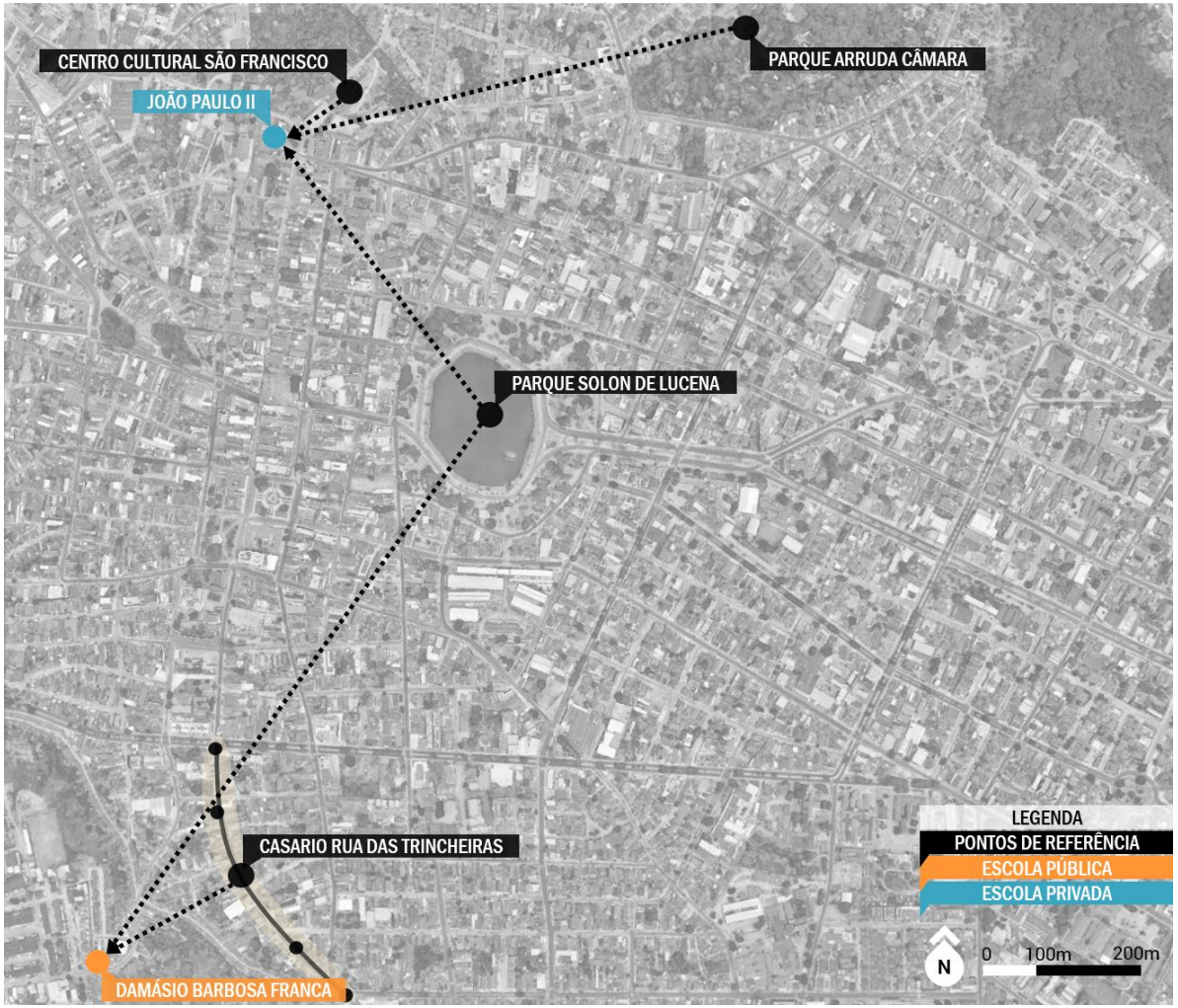
02. O PÚBLICO-ALVO

Em função do objetivo proposto e da experiência obtida no trabalho de educação patrimonial junto ao projeto Memória João Pessoa, definiu-se como universo de pesquisa os alunos de Ensino Fundamental das escolas da cidade, por intermediarem o Ensino Infantil e Médio e por ser a fase em que os jovens estão mais abertos a aceitação de novas ideias.

Partindo da experiência que possibilitou a constatação da diferença entre públicos, optou-se por trabalhar com escolas públicas e privadas, localizadas no Centro (Figura 5) e na praia (Figura 6), de modo a conhecer a pluralidade de perfis possíveis de serem trabalhados com as oficinas e suas necessidades particulares, resultando em um total de quatro escolas para estudo de caso.

A ideia de lidar com localidades e realidades diferentes também foi pautada no anseio de abarcar a um público tão diversificado quanto possível que independesse de parâmetros relativos à rede de ensino. Assim, os grupos de alunos presentes em tais estabelecimentos foram caracterizados a partir do levantamento de suas necessidades específicas, dando embasamento para a elaboração de estratégias de educação patrimonial adequadas.

Figura 05: Mapa com trecho do Centro da cidade e arredores, contendo as escolas pública e privada selecionadas para estudo, além de pontos de referência próximos a estas.



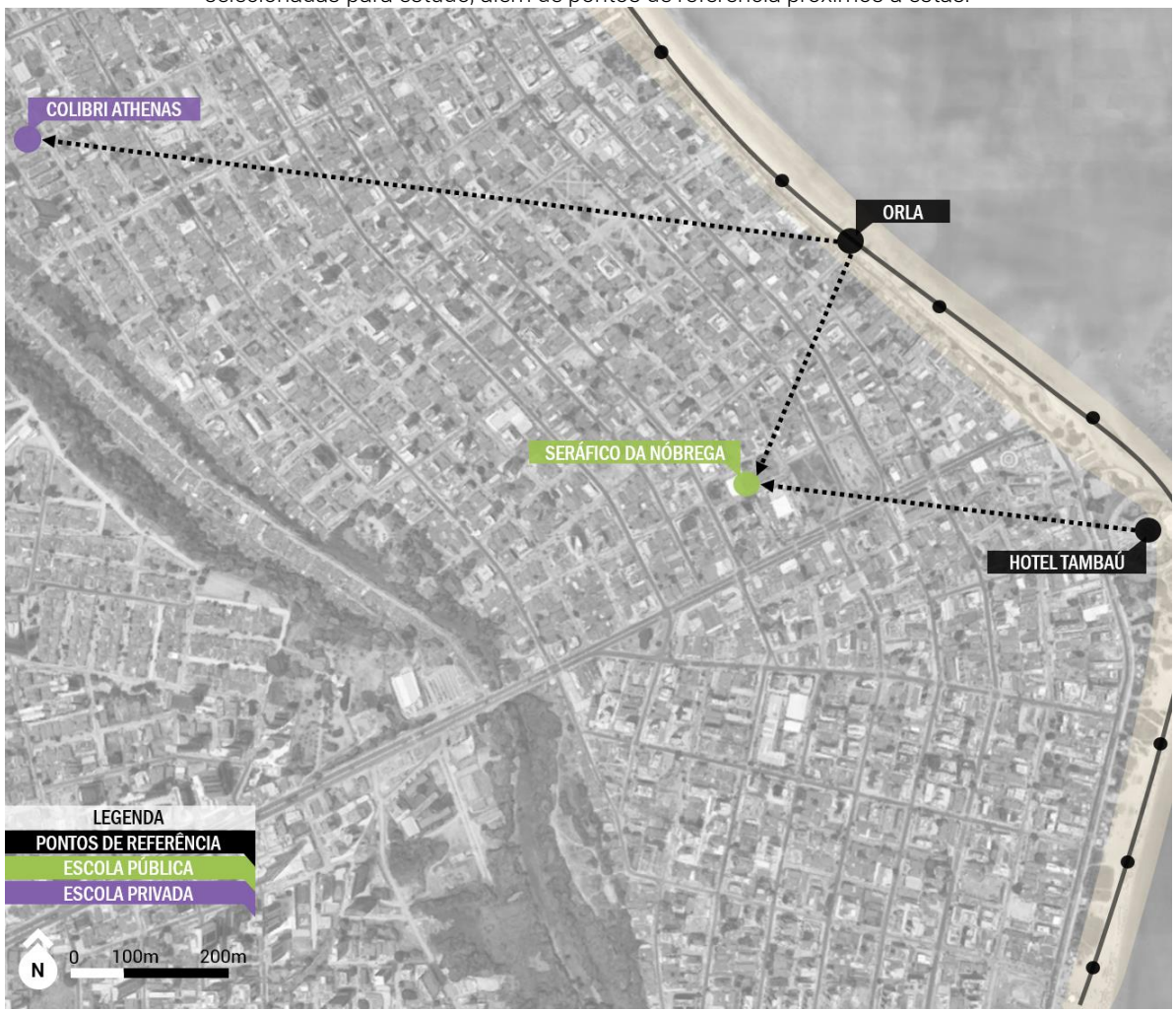
Fonte: Google Earth, editado por autora, 2018.

Com isso, esperou-se mapear as relações existentes entre a percepção e o (re) conhecimento sobre o patrimônio dos alunos que estão junto ao Centro Histórico e em contato mais cotidiano com essa realidade, e daqueles que estão no outro extremo da cidade, muitas vezes ignorando o valor histórico que esta possui e voltando-se apenas para o turismo.

Foi feita, então, uma verificação dos estabelecimentos de ensino localizados nessas áreas, utilizando os seguintes critérios: escolas não visitadas por oficinas de educação patrimonial previamente, com oferta de Ensino Fundamental I e II e integralmente públicas ou particulares. Além disso, foram priorizadas aquelas situadas próximas a edifícios ou espaços de forte presença enquanto referenciais urbanos, seja por constituir um patrimônio oficialmente reconhecido, ou divulgado pelo turismo.

Com base em tais determinações, foram selecionados o Colégio João Paulo II, localizado no largo em que se encontra o Centro Cultural São Francisco, área de preservação rigorosa fiscalizada pelo IPHAN e pelo IPHAEP, e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Damásio Barbosa Franca, situada no Bairro das Trincheiras e próxima ao importante casario da rua de mesmo nome. Para as instituições da praia, foram escolhidas a Escola Municipal de Ensino Fundamental Seráfico da Nóbrega, relativamente próxima ao Hotel Tambaú, e o Colégio Colibri Athenas, que dentre os estabelecimentos

Figura 06: Mapa com trecho da Orla Marítima da cidade e arredores, contendo as escolas pública e privada selecionadas para estudo, além de pontos de referência próximos a estas.



Fonte: Google Earth, editado por autora, 2018.

particulares desse entorno, foi o único que se disponibilizou para contribuir com a pesquisa, ao descobrir que seria preciso participar de questionários.

02.1 | NECESSIDADES DO PÚBLICO-ALVO

Uma vez determinadas as instituições de ensino para estudo de caso, foram elaborados questionários a fim de fazer o levantamento das necessidades específicas desse público, analisando, através de suas respostas, qual a relação estabelecida entre os alunos e o patrimônio. Com isso, foi possível identificar as distinções entre aqueles de diferentes faixas etárias e redes de ensino e, assim, traçar perfis para os quais foram direcionadas as estratégias elaboradas como resultado final da pesquisa.

02.1.1 | ELABORAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS

Inicialmente, foram elaborados dois modelos de questionários de caráter experimental (Apêndices 01 e 02) com intuito de averiguar a sua funcionalidade e possibilitar quaisquer aprimoramentos julgados necessários. Cada um dos modelos se destinou a um dos Ensinos Fundamentais – I e II – a fim de se adequar ao diferente linguajar dos alunos e seu respectivo grau de entendimento. Não foi exigido o reconhecimento do estudante pelo nome, apenas a escola e a série/turma da qual fazia parte, a fim de facilitar a apuração dos resultados sem grandes problemas.

As perguntas do questionário foram divididas em três temas: identificação, referências e experiências com práticas educativas. Com o primeiro, **identificação**, buscou-se identificar o perfil do aluno, com as seguintes informações: idade, bairro em que mora, cidade natal e meio de transporte mais utilizado ao se deslocar pela cidade. A última destas surgiu a partir de uma das constatações levantadas enquanto participante do projeto Memória João Pessoa, que se baseou na possibilidade de haver relação entre o uso do transporte coletivo ou particular e o reconhecimento e vivência da cidade. Essa e outras constatações tiveram início com percepções subjetivas e pessoais quando em sala de aula, nas escolas onde foram realizadas oficinas de educação patrimonial pelo projeto de extensão. Desse modo, as perguntas escolhidas para compor os questionários tiveram o objetivo de comprovar ou refutar tais prévias conjecturas e suspeitas, além de revelar outros fatores até então não percebidos.

Com o segundo tema, voltado para mapear **referências**, questionou-se sobre lugares considerados importantes em João Pessoa, se já haviam estado em algum destes, qual gostariam de visitar e para onde costumavam ir quando saíam para se divertir. A intenção era descobrir se os alunos compreendiam marcos patrimoniais como importantes, qual a proximidade que possuíam com estes (ou outros) e se os associavam a diversão/lazer. Já com o terceiro tema, destinado a apurar as **experiências com práticas educativas** e preferências dos alunos acerca do tipo de aula com a qual mais se identificassem, buscou-se sondar se o aluno já havia estudado a história da cidade na escola, se preferia uma aula teórica ou de campo e se, quando em aula teórica, preferia apenas ouvir ou participar de alguma dinâmica. As respostas para tais perguntas apontaram para caminhos utilizados na elaboração do produto final da pesquisa.

De modo geral, esperava-se obter elucidações que induzissem ao entendimento de como o patrimônio da cidade é percebido pelos estudantes e de que forma se dá a relação entre ambos. Por exemplo,

qual o tipo de ligação que existe entre o *habitar*, o *visitar* e o *vivenciar*? De que forma essa relação influencia no (re) conhecimento dos bens patrimoniais de valor para a sociedade? Questionamentos como esses puderam direcionar os conceitos a serem trabalhados com cada público, além de auxiliar na escolha da metodologia utilizada nas oficinas de educação patrimonial.

Como complemento para esse questionário piloto, propôs-se ainda um mapa mental a ser feito pelos alunos, solicitando que cada um desenhasse o caminho de sua casa até a escola. Na condição de teste, esse material foi aplicado a apenas dois estudantes, um de Ensino Fundamental I (Apêndice 03), de escola particular, e outro de Fundamental II (Apêndice 04), de escola pública, os quais já supriram a demanda para avaliação do modelo.

Como resultado da primeira experiência com a aplicação do questionário, foi possível observar que algumas respostas sugeriram a necessidade de complementos para as suas respectivas perguntas, como é o caso da questão que pede exemplos de lugares importantes em João Pessoa – no modelo 01 de questionário. Uma das respostas obtidas foi "centro da cidade", o que poderia indicar o reconhecimento da importância histórica que possui. No entanto, quando lhe foi perguntado o motivo, a criança respondeu que se devia ao comércio, pois nesse local era possível comprar qualquer coisa. Assim, a resposta apresentou um sentido dúbio, que poderia resultar em análises completamente diferentes. Para evitar esse tipo de situação, passou-se a incluir uma justificativa sobre o porquê de determinado local ser considerado importante. A pergunta equivalente a essa no modelo 02 também gerou considerações que indicaram a necessidade de alterações. Ao utilizar o termo "pontos turísticos" em detrimento de "lugares importantes", houve um direcionamento, ainda que não intencional, que levou a criança a responder com marcos realmente consolidados como pontos turísticos, os quais muitas vezes coincidem com aqueles reconhecidos como patrimônio. Assim, optou-se pela utilização do mesmo termo do modelo 01, para que o estudante ficasse mais livre e contribuísse com uma resposta espontânea.

De volta ao modelo 01, foi indagada a preferência por uma aula em sala ou em algum outro lugar, fazendo uso de tais termos na tentativa de se adequar ao nível das crianças de menor idade. A intenção era questionar sobre a opção por uma aula teórica ou de campo, no entanto, a resposta obtida foi "no pátio", o que fugiu das expectativas sem oferecer grandes contribuições. Assim, os termos utilizados foram corrigidos para "na escola" ou "em algum outro lugar (em visita, passeio) ".

Quanto ao mapa mental, presente em ambos os modelos, foi possível perceber que o seu desenvolvimento por parte dos estudantes não teria muita utilidade para o que se pretendia investigar com a pesquisa. Dessa maneira, houve uma nova formulação de exercício, que passou a explorar aspectos visuais, com imagens de pontos referenciais importantes e de fácil reconhecimento espalhados pela cidade, questionando o aluno se ele conhecia aquele local, se já havia ido até lá, e se poderia/saberia dizer o seu nome. A nova proposta teve o intuito de facilitar o raciocínio do corpo estudantil, e verificar de forma mais clara a relação que este possui com o patrimônio edificado e urbano de João Pessoa.

Ao cruzar esse exercício com as perguntas feitas inicialmente, pôde ser observada a possibilidade de haver algum direcionamento das respostas caso aluno visualizasse as imagens no momento inicial ou

concomitante ao das questões. Assim, ficou determinado que estas apareceriam em uma outra página, impossibilitando eventuais tendências por parte dos alunos em aproveitar as sugestões que teriam acesso visualmente como suas próprias respostas.

Para o questionário final, foram aprimoradas as questões já idealizadas, sobretudo as discutidas anteriormente, de modo que houve uma fusão entre os modelos 01 e 02. Buscou-se deixá-los mais claros, a fim de que atendessem a todos os públicos (Apêndice 05). É válido ressaltar que todas as perguntas foram abertas para que não houvesse direcionamento ou limitação de respostas. A respeito da segunda etapa proposta, as imagens exploradas foram referentes aos seguintes locais: Parque Sólon de Lucena, Praça Antenor Navarro, Parque Arruda Câmara, Porto do Capim, Farol Cabo Branco, Centro Cultural São Francisco, Hotel Tambaú, Hotel Globo, Lyceu Paraibano, Praça Vidal de Negreiros, Casa da Pólvora e Igreja da Misericórdia. A intenção em mesclar pontos importantes localizados no centro da cidade e na orla foi investigar a relação que os alunos frequentadores de tais bairros possuem com esses espaços.

02.1.2 | APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS E ANÁLISE DE RESULTADOS OBTIDOS

Estando definido o modelo final de questionário a ser aplicado nas escolas selecionadas anteriormente, foi necessário ainda delimitar um grupo mais restrito que pudesse representar as turmas do Ensino Fundamental como um todo, a fim de que o material pudesse ser empregado. Dessa forma, foram elegidos grupos de seis alunos das turmas de 2°, 4°, 6° e 8° anos do Ensino Fundamental para aplicação do questionário. A quantidade de estudantes foi escolhida como seis por turma para que, com o total de dezesseis turmas, os resultados se apresentassem em quantidade próxima ao valor de cem, chegando a noventa e seis alunos e apresentando, assim, uma variedade de respostas considerável para análise. Já a escolha das séries foi feita de modo intercalado devido a proposta de abranger todo o Ensino Fundamental – I e II – no curto período de tempo destinado à pesquisa, o que tornou essencial a criação de uma alternativa para trabalhar com tamanho público em reduzido tempo. Assim, justifica-se o número de séries que, apesar de intercaladas – foram escolhidas as de número par – responderam satisfatoriamente à diferença de idades e percepções que se almejava estudar.

Para sistematizar as informações obtidas a partir dos questionários, foram determinadas quatro cores para identificação da escola a que pertence cada turma abordada, são elas:

Figura 07: Aplicação de questionários e legenda associando escolas a cores.

Fonte: Acervo da autora, editado pela mesma, 2018.

Fazendo uso da sistematização de informações, a qual resultou em gráficos e tabelas, a análise dos questionários foi feita de acordo com as turmas e faixas etárias em que foram aplicados, reunindo as diferentes escolas participantes da pesquisa. Assim, tem início com os alunos de 2º ano e finda com os do 8º.

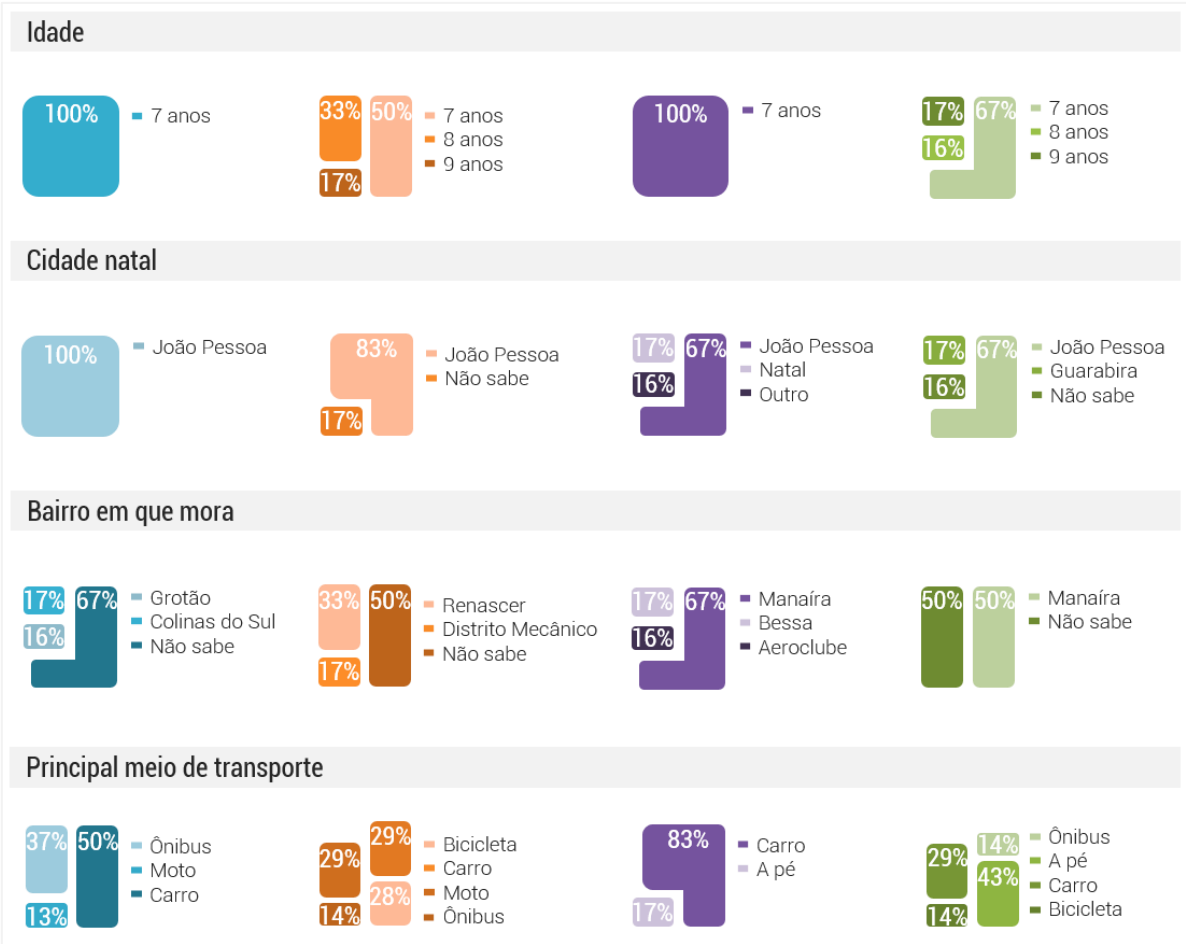
2º ANO FUNDAMENTAL

A aplicação dos questionários feita aos alunos de 2º ano do ensino fundamental gerou alguns gráficos (Gráfico 01), cuja leitura aponta para uma faixa etária que varia entre os 07 e 09 anos de idade, havendo uma predominância de crianças com 07. Quanto a cidade natal, a maior parte desses alunos afirmou ser natural de João Pessoa, enquanto alguns apontaram não saber responder e uma pequena parcela demonstrou vir de outras cidades. Assim, teoricamente, a maioria dos alunos apresentou certa predisposição em conhecer mais a respeito de João Pessoa.

Com relação ao bairro em que moram, foi comum a vários estudantes não saber responder ou dar uma resposta incorreta para tal questionamento, muitas vezes indicando nomes de ruas ou da cidade.

Apesar disso, aqueles que conseguiram, demonstraram morar próximos aos bairros em que estudam, com exceção daqueles do Colégio João Paulo II, que afirmaram vir de bairros mais distantes. Uma possível explicação para tal deslocamento pode ser levantada com base na ideia de as crianças apenas acompanharem os pais em direção ao seu local de trabalho, visto que o Centro é uma área que comporta inúmeros trabalhadores vindos de outras localidades.

Gráfico 01: Respostas referentes ao item Identificação do questionário aplicado às turmas de 2º ano.



Fonte: Elaborado por autora, 2018.

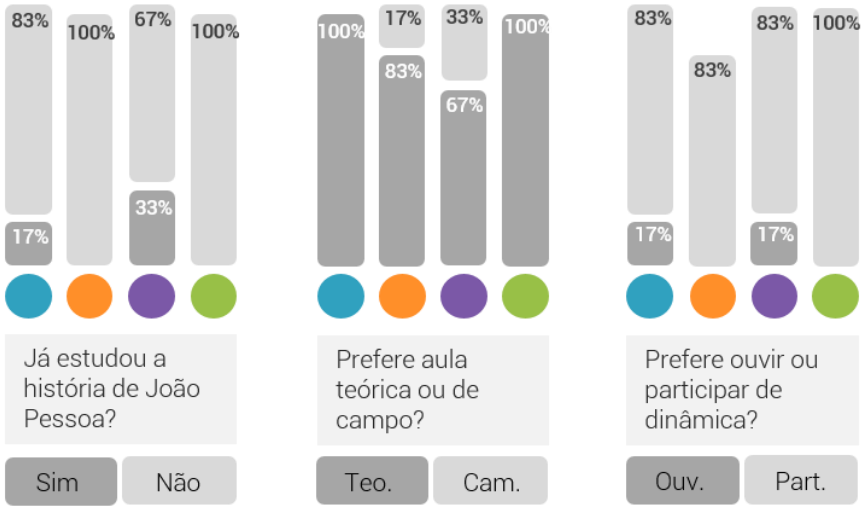
Um outro aspecto também relevante adveio das respostas obtidas na Escola Damásio B. Franca, em que determinada quantidade de estudantes apontou morar no "Renascer", conjunto habitacional localizado no bairro da Ilha do Bispo. Além disso, uma pequena parcela indicou ainda morar no Distrito Mecânico, que fica próximo ao local da escola e muitas vezes é confundido com o próprio bairro – delimitado pela prefeitura como Trincheiras. Com isso, foi revelado que grande parte dos alunos de tal faixa etária apresenta conflitos a respeito da delimitação do que é **rua**, **bairro** e **cidade**, demonstrando a falta da noção sobre territórios e territorialidades. Ademais, de acordo com aqueles que conseguiram dar respostas adequadas, percebeu-se que o seu *habitar* muitas vezes foi coincidente com o seu *frequentar*.

Quanto ao principal meio de transporte utilizado, a maior parte dos alunos indicou fazer uso do carro, sobretudo aqueles das escolas particulares. De modo geral, no entanto, esses meios de deslocamento se mostraram variados, apontando para outros tipos como a bicicleta, a moto, o ônibus e até mesmo o "andar a pé". Com esses dados, foi possível constatar que o uso do ônibus não se mostrou atrelado ao conhecimento/vivência da cidade.

Com o item de experiências com práticas educativas, foi observado que a maior parte dos alunos de 2º ano ainda não havia estudado sobre a história de João Pessoa na escola (Gráfico 02). Já quando indagados sobre a preferência por uma aula teórica ou de campo, a maioria optou pela primeira e, uma vez nesta, predominantemente houve o interesse em participar de dinâmica.

Seguindo adiante, foram analisados os dados obtidos a partir do item de referências presente no questionário (Gráfico 03), a começar pelos lugares considerados importantes para a cidade. Como resultado, as crianças que estudam no Centro e arredores apontaram para referências como "praça" e a própria escola – esta última também presente em respostas da Escola Seráfico da Nóbrega – devido a serem locais onde se pode brincar e onde se aprende, respectivamente.

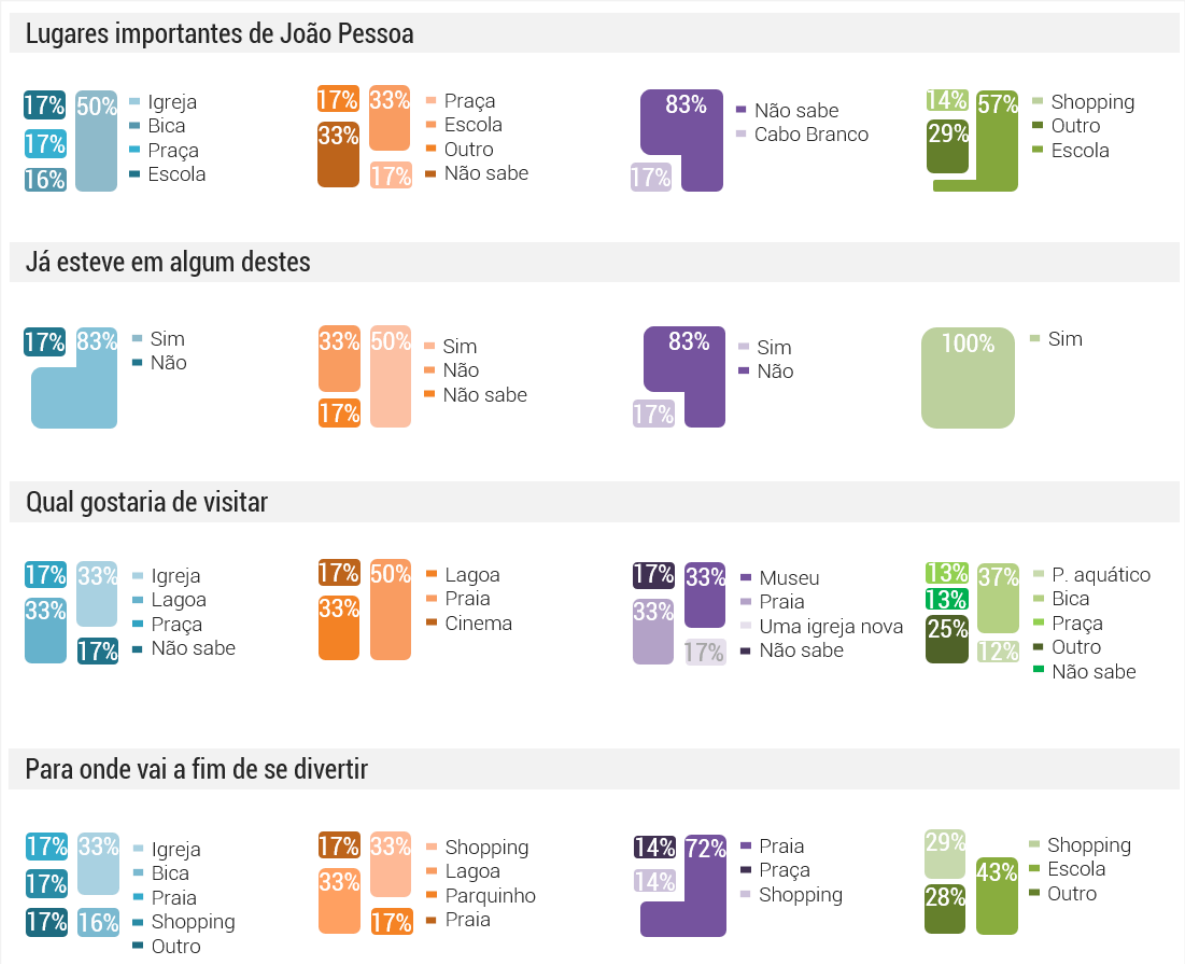
Gráfico 02: Respostas referentes ao item Experiências com Práticas Educativas do questionário aplicado às turmas de 2º ano.



Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Aqueles do Colégio João Paulo II destacaram a "igreja", atribuindo o motivo de ser o local onde se aprende a rezar e a falar com Deus, o que se torna compreensível a partir do conhecimento de que a instituição segue uma linha religiosa e se localiza muito próxima ao Centro Cultural São Francisco, de modo que seus alunos demonstraram haver criado uma relação afim com o conjunto religioso.

Gráfico 03: Respostas referentes ao item Referências do questionário aplicado às turmas de 2º ano.



Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Uma parcela menor não associou locais com relevância patrimonial a suas respostas e, alguns ainda afirmaram não saber responder, como foi o caso de destaque do Colégio Colibri Athenas, escola particular da orla. Foi possível observar também, ainda que através das minorias, que os alunos atribuíram importância a locais próximos aos que vivenciam, na medida em que a Bica apareceu em apontamentos de uma escola do Centro, e Cabo Branco apareceu em apontamentos de uma escola da orla.

Quando questionados se já haviam visitado algum desses locais, a maioria dos alunos afirmou que sim – no Colégio João Paulo II, até mesmo a Lagoa foi indicada, apesar de não ter sido mencionada anteriormente. No entanto, especificamente os estudantes do Colégio Colibri Athenas responderam de forma negativa, o que remeteu a sua posição com a pergunta anterior. Foi possível notar, assim, que grande parte desse público já esteve nos lugares considerados importantes, evidenciando a vivência como um meio capaz de tornar mais sólida a valorização do espaço.

A respeito dos locais que gostariam de visitar, de modo geral, os alunos indicaram pontos de próxima localização, tornando aparente a existência de um vínculo entre suas referências espaciais e seu cotidiano. No entanto, quanto mais distante o estabelecimento se mostrou do Centro Histórico, com maior nitidez se pôde observar a atratividade apresentada pela orla. O exemplo disso foi a Escola Damásio B. Franca, onde houve destaque para a praia,

apesar de a escola estar situada nas proximidades do Centro – apenas um tanto afastada do seu núcleo principal. Ganhou relevância também o fato de a Bica se fazer presente na maior parte das respostas da Escola Seráfico da Nóbrega, que fica no outro extremo da cidade, afirmando como esse parque é um marco de amplo alcance e reconhecimento.

No quesito que trata do lugar para onde vão com intuito de diversão, obtiveram-se respostas diversas, mas apenas nas escolas do Centro e arredores houve apontamentos para referências ligadas ao patrimônio, como é o caso da "igreja" – novamente mencionada pelos alunos do João Paulo II, pelo provável motivo já identificado anteriormente – da Bica e Lagoa. Nas demais escolas, surgiram nomes como "shopping" e "praia" com grande insistência.

Diante disso, notou-se que os alunos da orla conhecem/vivenciam com mais frequência os locais situados apenas no bairro em que estudam/moram, ideia que ratifica a necessidade de levar o conhecimento sobre a existência e importância do outro lado da cidade, com maior carga histórica, para esse público que muitas vezes cresce alheio a sua própria história. A respeito da percepção dos alunos de 2º ano sobre alguns exemplares do patrimônio local e referências arquitetônicas presentes na praia, foram analisados os dados obtidos com a segunda etapa do questionário (Tabela 01):

Tabela 01: Respostas referentes ao reconhecimento de exemplares do patrimônio local por parte dos alunos de 2º ano.

LEGENDA

QUANTIDADE DE ALUNOS QUE:

1 – CONHECE O LOCAL

2 – JÁ ESTEVE NO LOCAL

3 – IDENTIFICA O LOCAL PELO NOME

	2º ANO											
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3
LAGOA	6	4	5	6	6	6	4	4	4	6	6	5
BICA	6	3	5	4	3	3	4	4	4	X	X	X
FAROL CABO BRANCO	X	X	X	1	X	X	2	1	1	4	2	1
HOTEL TAMBAÚ	X	X	X	X	X	X	2	1	1	2	1	1
LYCEU PARAIBANO	2	X	1	1	X	1	X	X	X	3	2	X
CASA DA PÓLVORA	2	X	1	X	X	X	X	X	X	X	X	X
ANTENOR NAVARRO	3	X	1	4	3	X	1	1	X	1	1	X
PORTO DO CAPIM	1	X	X	1	1	1	X	X	X	X	X	X
CONJU. FRANCISCANO	5	1	4	X	X	X	1	1	1	1	X	X
HOTEL GLOBO	1	1	1	X	X	X	X	X	X	1	1	X
PONTO DE CEM RÉIS	1	X	X	X	X	X	X	X	X	2	2	X
I. DA MISERICÓRDIA	2	X	1	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Considerando o total de seis alunos (por turma/escola), observa-se que a Lagoa e a Bica foram reconhecidas por praticamente todos, além de largamente visitadas e identificadas pelo nome. Cruzando informações, foi descoberto que os alunos da Escola Seráfico da Nóbrega apontaram o desejo em visitar a Bica e afirmaram não a conhecer através da foto, o que pode ser uma indicação de que eles apenas ouviram falar sobre ela. O contrário pode ser observado com as referências situadas na praia, o Farol Cabo Branco e o Hotel Tambaú, identificados apenas pelos alunos das escolas próximas que, apesar de conhece-los, dificilmente já estiveram ali ou souberam identifica-los pelo nome.

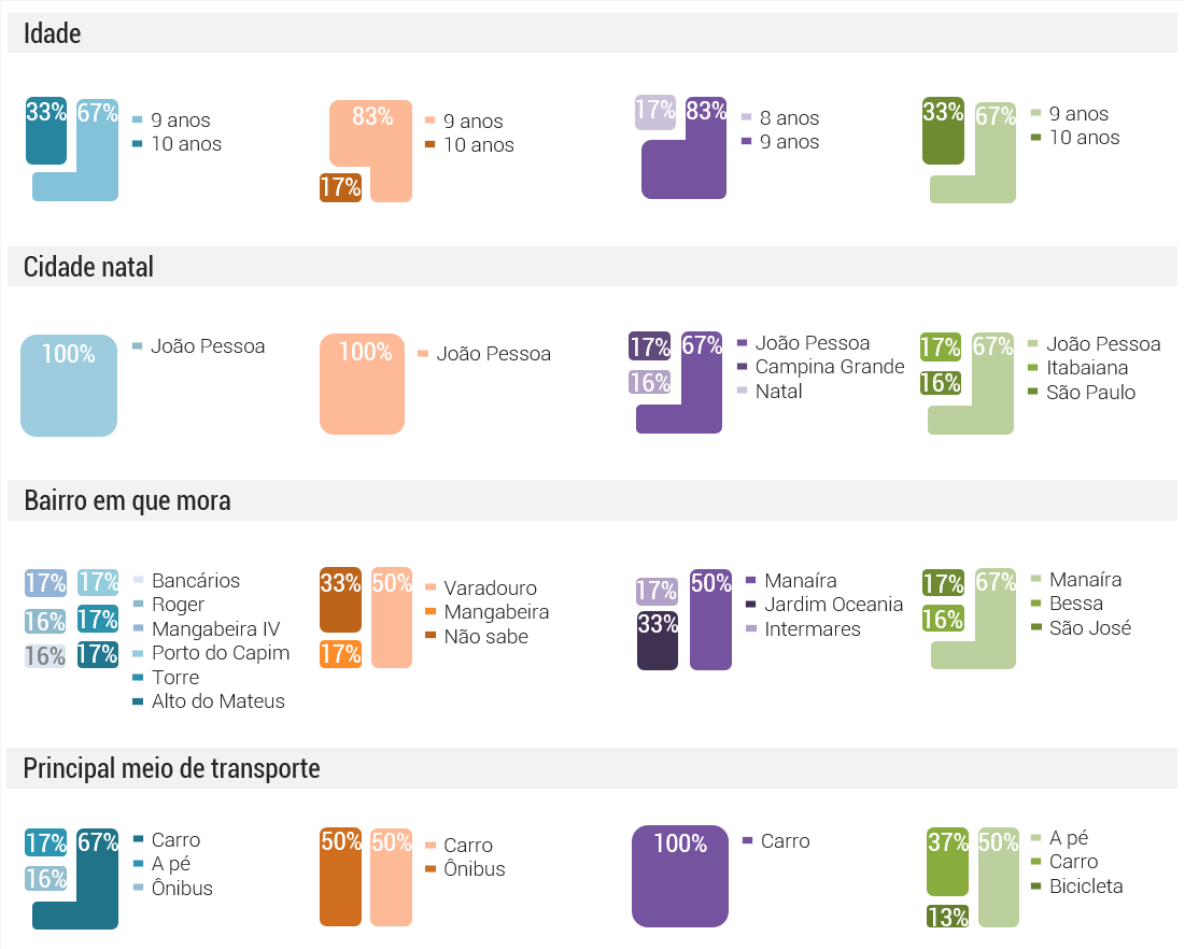
Quanto aos demais exemplares, alguns como a Praça Antenor Navarro e o Centro Cultural São Francisco ganharam um pouco de destaque dentre as escolas próximas, apesar de a praça não haver sido nomeada. No entanto, o que pôde ser observado foi que há pouco reconhecimento e vivência de tais espaços por parte de alunos com essa faixa etária.

No tocante ao Colégio João Paulo II, ressaltaram-se ainda algumas informações: uma das crianças nomeou a Igreja de Santo Antônio (erroneamente conhecida como São Francisco) como "escola", constatando a influência que esta possui no seu local de estudo, devido a tamanha proximidade. Outro aluno nomeou o Lyceu Paraibano também como escola, no entanto, esta não se referia a *sua* escola como no primeiro caso, mas à função que se desenvolve nessa edificação, considerada um marco para a cidade. Já na Escola Seráfico da Nóbrega, um aluno nomeou o Hotel Tambaú como Hotel Manaíra, demonstrando saber apenas a sua função, e que fica na praia.

4º ANO FUNDAMENTAL

A aplicação dos questionários feita com os alunos de 4º ano do ensino fundamental gerou gráficos (Gráfico 04) que puderam ser interpretados da seguinte forma: quanto a sua faixa etária, há uma variação entre os 08 e 10 anos de idade, com predominância daqueles que possuem 09. A maior parte dessas crianças é natural de João Pessoa, com uma parcela que vem de outras cidades da Paraíba ou de outros estados.

Gráfico 04: Respostas referentes ao item Identificação do questionário aplicado às turmas de 4º ano.



Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Os alunos das escolas situadas nos arredores do Centro apontaram, muitas vezes, morar próximos ao local de estudo – assim como aqueles próximos à orla – apesar de haver uma parcela que indicou vir de locais mais distantes, como foi o caso daqueles que afirmaram morar em Mangabeira. Um caso que merece ressalva é dos alunos da Escola Damásio B. Franca que indicaram residir no Varadouro na intenção de dizer que moravam no bairro da escola – conforme foi possível observar durante a aplicação do questionário – o qual, na verdade, é Trincheiras.

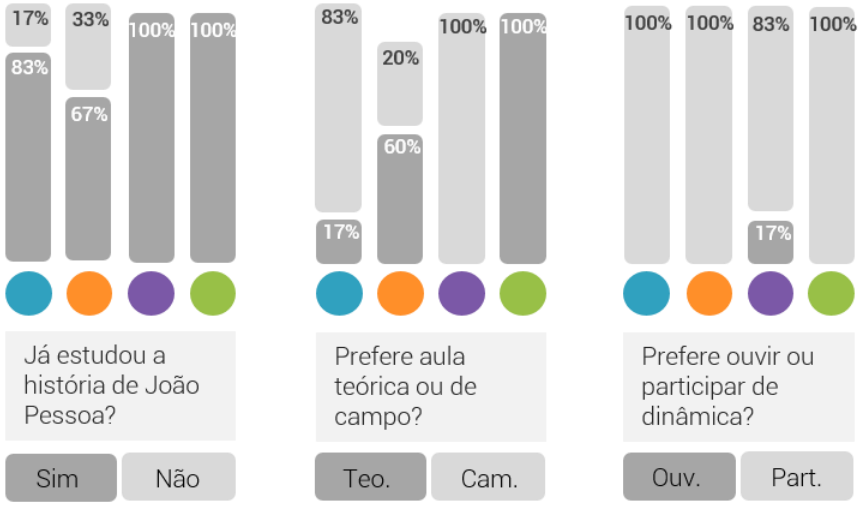
Com isso, foi possível notar como a própria delimitação do território se mostra confusa para os seus frequentadores/moradores. Ademais, houve uma pequena parcela que afirmou não saber responder à pergunta, remetendo ao quadro das turmas de 2º ano. Apesar desses exemplos, comparativamente, os alunos de 4º ano já demonstraram possuir uma maior noção de territorialidade.

Quando questionados sobre o principal meio de transporte utilizado, novamente demonstraram fazer o uso do carro de forma predominante, ainda que outros meios tenham sido mencionados, como o ônibus e o deslocamento feito a pé. Mais uma vez, não foi possível criar relações de influência entre o uso do transporte público e o reconhecimento ou vivência da cidade por parte dos alunos.

Com o item de experiências com práticas educativas presente no questionário, foi possível observar (Gráfico 05) que a maioria dos estudantes dessa faixa etária já havia estudado a história de João Pessoa na escola, revelando um avanço em relação aos colegas de 2º ano – geralmente, as escolas oferecem uma disciplina voltada para a história da Paraíba, precisamente no terceiro ou quarto ano do Ensino Fundamental. Acerca da preferência por uma aula teórica ou de campo, a maior parte dos estudantes das Escolas Damásio B. Franca e Seráfico da Nóbrega optou pela teórica, enquanto que os alunos dos Colégios João Paulo II e Colibri Athenas optaram pela aula de campo.

Essa constatação pode estar associada a suposição da aparente necessidade de explorar conteúdos teóricos para as escolas públicas, e práticos para as privadas. No entanto, afirmar que isso é um fato a essa altura seria ainda imprudente, principalmente quando se considera que há uma série de outros fatores que devem ser analisados juntamente a este. Por fim, independente da escolha pela aula teórica ou de campo, a opção pela participação em alguma dinâmica foi unânime.

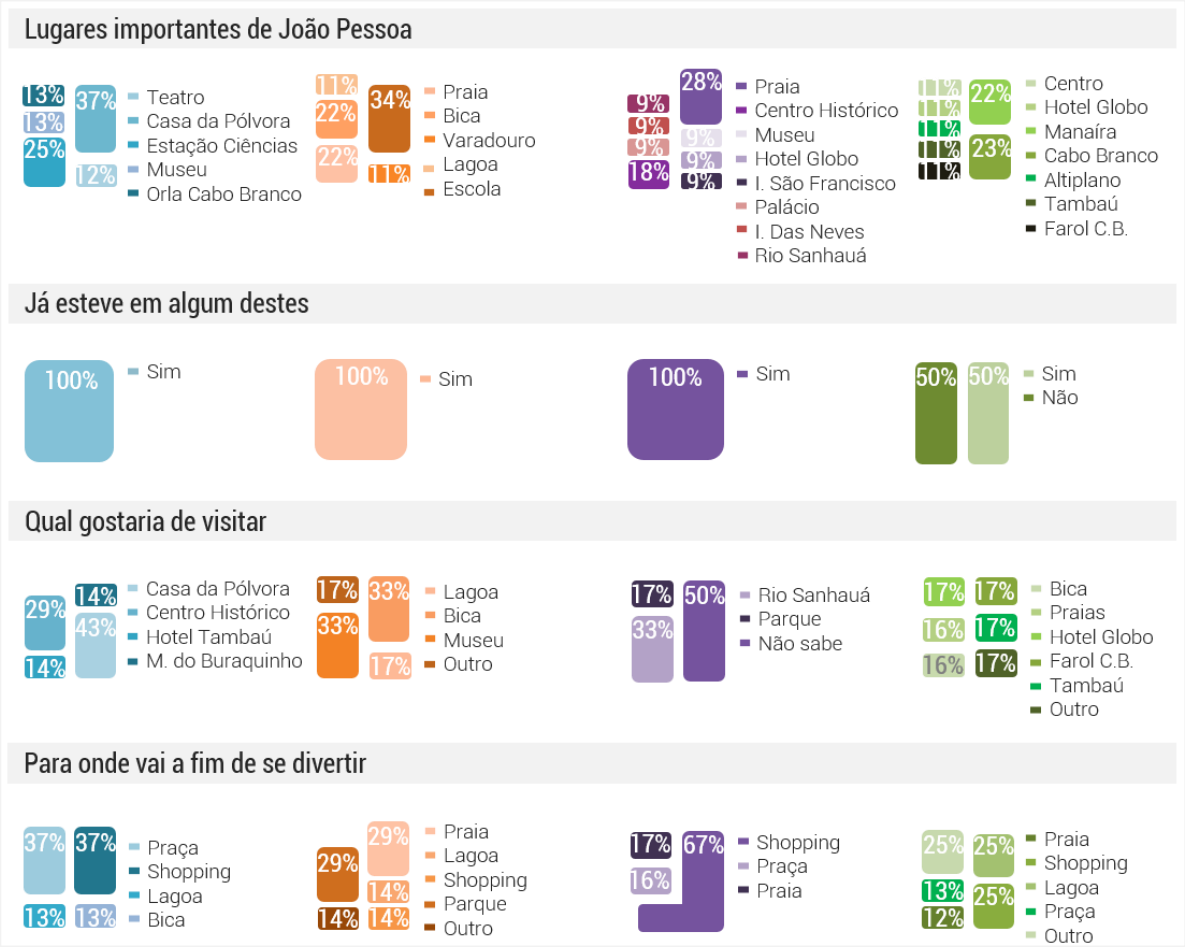
Gráfico 05: Respostas referentes ao item Experiências com Práticas Educativas do questionário aplicado às turmas de 4º ano.



Fonte: Elaborado por autora, 2018.

A partir da análise do item de referências (Gráfico 06) do questionário, foi possível observar uma maior variedade de lugares considerados importantes na cidade, incluindo, agora, referências próximas como também distantes a sua localização, e muitas delas de valor patrimonial.

Gráfico 06: Respostas referentes ao item Referências do questionário aplicado às turmas de 4º ano.



Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Nas escolas do Centro e arredores se falou na Casa da Pólvora, por exemplo, atribuindo a razão a sua participação no início da história da Paraíba, motivo esse – que faz alusão a importância histórica – empregado também em defesa a outros exemplares mencionados. Apareceram ainda nomes como a Estação Ciências e Orla de Cabo Branco, mais distantes, pelo motivo de haver ali coisas importantes e por se aprender sobre a natureza, respectivamente.

Foi possível atentar, também, para a importância conferida à própria escola – como muito aconteceu com os alunos de 2º ano – por parte daqueles da Escola Damásio B. Franca que, além de a elencarem com maior destaque, por ser um local onde se aprende, elencaram também o Varadouro, alegando ser este o bairro em que está inserida a escola – o que, conforme explicado anteriormente, não procede como informação verdadeira, pois a escola fica no bairro das Trincheiras. Isso confirma a ideia errada que se tem e se transmite sobre os limites territoriais do local.

De modo geral, a praia, a Bica e a Lagoa foram justificadas pela diversão que proporcionam, na medida em que oferecem à criança a possibilidade de brincar.

Nas escolas próximas a orla, os pontos de maior destaque foram os próprios bairros dos arredores, como Manaíra e Cabo Branco, sob o pretexto de serem lugares conhecidos pelos alunos e por possuírem praias, justificativa também utilizada para elencar o Altiplano e Tambaú. Os estudantes apontaram também para o Farol Cabo Branco como sendo representante da cidade. Ademais, referências como o próprio Centro Histórico ou edificações ali presentes apareceram nas respostas, o que se deve, possivelmente, ao fato de os alunos haverem estabelecido o seu primeiro contato com a história da Paraíba no currículo escolar programado para as turmas de 4º ano, despertando o interesse em conhecer esses lugares.

Um fator interessante foi a indicação do "museu" em respostas dos Colégios João Paulo II e Colibri Athenas, visto que na cidade praticamente não há edificações como essa.

Quando questionados se já estiveram em algum destes locais, a maioria afirmou que sim e, a respeito de quais gostariam de visitar, houve indicações de pontos próximos a ambas as localidades. O Centro Histórico, inclusive, foi uma das respostas obtidas com a turma do Colégio João Paulo II, que está completamente inserido nesse contexto. Isso reafirmou a recente relação estabelecida entre o aluno que já vivenciava o espaço e que agora passou a conhecer sua história, atribuindo-lhe mais valor. Sobre os locais associados ao lazer, o "shopping" novamente assumiu um papel predominante, aparecendo nas respostas de todas as turmas. A "praça", "praia" e Lagoa também se mostraram como pontos associados ao lazer, ainda que com menor ênfase.

Com a segunda etapa do questionário (Tabela 02), a Lagoa e a Bica se mostraram como patrimônios mais conhecidos e visitados de modo geral, não só pelos alunos próximos como também pelos mais distantes, ainda que a última não tenha apresentado o mesmo alcance que a primeira para aqueles que estão na orla. Alguns identificaram a Lagoa pelo nome Parque Sólon de Lucena, demonstrando um maior nível de conhecimento, como já se suspeitava.

Tabela 02: Respostas referentes ao reconhecimento de exemplares do patrimônio local por parte dos alunos de 4º ano.

LEGENDA

QUANTIDADE DE ALUNOS QUE:

1 CONHECE O LOCAL

2 JÁ ESTEVE NO LOCAL

3 IDENTIFICA O LOCAL PELO NOME

	4º ANO											
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3
LAGOA	6	4	6	6	6	6	6	3	6	6	6	6
BICA	6	4	6	6	6	6	3	3	3	2	2	2
FAROL CABO BRANCO	5	1	5	4	1	3	6	5	6	4	1	2
HOTEL TAMBAÚ	5	X	5	3	2	3	4	1	4	5	3	4
LYCEU PARAIBANO	5	X	5	4	2	4	X	X	X	4	2	2
CASA DA PÓLVORA	6	3	6	X	X	X	X	X	X	X	X	X
ANTENOR NAVARRO	6	1	6	6	4	X	5	5	5	4	2	X
PORTO DO CAPIM	5	X	5	2	2	2	X	X	X	1	1	X
CONJU. FRANCISCANO	6	4	6	2	2	1	5	5	5	2	2	1
HOTEL GLOBO	6	1	6	X	X	X	X	X	X	1	X	X
PONTO DE CEM RÉIS	5	1	5	2	1	2	X	X	X	1	1	X
I. DA MISERICÓRDIA	4	1	4	3	3	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: Elaborado por autora, 2018.

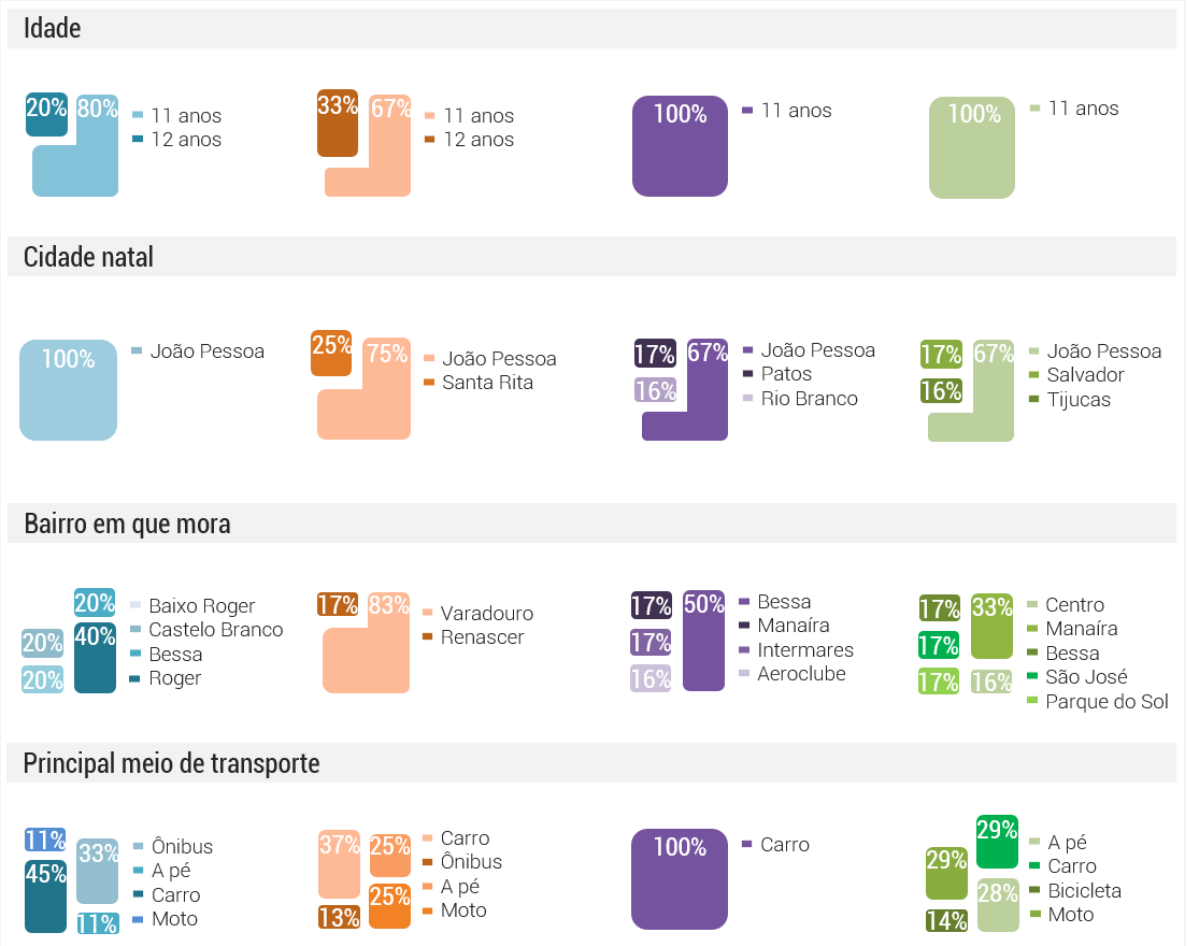
Com relação ao Farol Cabo Branco e Hotel Tambaú, a maior parte dos alunos conseguiu reconhece-los, no entanto, poucos foram os que afirmaram já tê-los visitado, havendo alguma predominância daqueles de localidade próxima. Quanto a sua identificação, equivocaram-se ao chamar "Farol de Tambaú", além de outros como "Cabo Branco" – termo também utilizado para nomear o Hotel Tambaú, juntamente a "praia".

Os demais exemplares voltados para o Centro Histórico mostraram-se mais reconhecidos e vivenciados pelos estudantes próximos. Os únicos que ganharam destaque considerável, até nas escolas de fora do bairro, foram a Praça Antenor Navarro e o Conjunto Franciscano, como bem aconteceu com as turmas de segundo ano. Sobre a Antenor Navarro, a praça foi apontada como local conhecido por praticamente todos os alunos, os quais, no entanto, a identificaram como "Centro Histórico", demonstrando como esse conceito precisa ser melhor definido para esse público. O Porto do Capim foi nomeado como "mangue", e alguns identificaram-no também como "rio da Ilha do Bispo", sendo este um bairro próximo por onde passa um menor afluente do rio Sanhauá.

6º ANO FUNDAMENTAL

A aplicação dos questionários para os alunos de 6º ano gerou dados (Gráfico 07) que tornaram possível definir a faixa etária desse público em torno dos 11 e 12 anos de idade – predominando os primeiros.

Gráfico 07: Respostas referentes ao item Identificação do questionário aplicado às turmas de 6º ano.



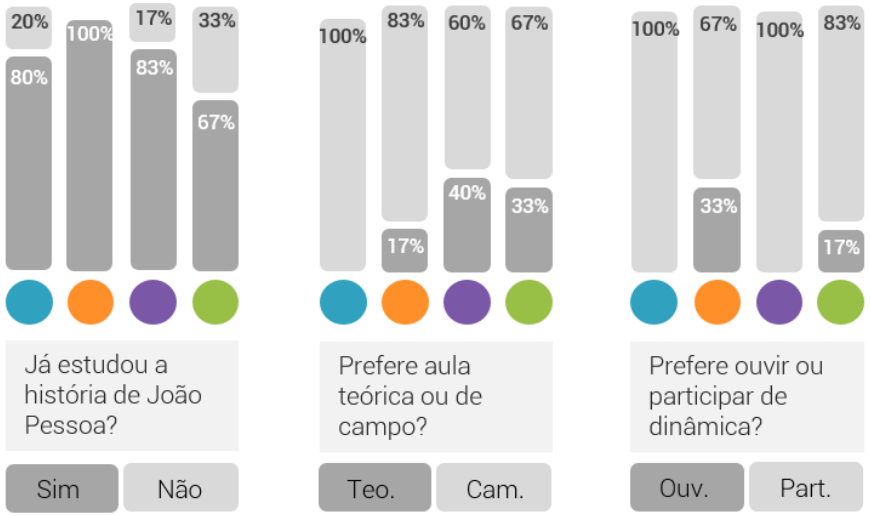
Fonte: Elaborado por autora, 2018.

A maior parte apontou ser natural de João Pessoa, com algumas exceções que indicaram vir de Santa Rita, cidade muito próxima, dentre outros municípios da Paraíba ou não. Considerando tais informações, foi possível constatar uma pré-disposição por parte desse grupo de jovens em ter conhecimento acerca da cidade, visto que é a sua própria.

Assim como nas demais séries analisadas, o *habitar* quase sempre coincidiu com o *frequentar* dos alunos, na medida em que uma parcela considerável indicou morar em bairros próximos a escola, e apenas alguns apontaram vir de localidades mais distantes – como é o caso de uma fração do Colégio João Paulo II que reside no Bessa, por exemplo. Esse quadro se mostrou comum a todas as turmas trabalhadas e, em contrapartida, houve pequenos grupos que ainda responderam incorretamente à questão, apresentando nomes como "Renascer", identificado anteriormente como um conjunto habitacional na Ilha do Bispo, e "Parque do Sol", residencial em Gramame.

Sobre o principal meio de transporte utilizado, o carro se sobressaiu dentre as demais indicações, assim como aconteceu nas análises realizadas até então. No entanto, em quase todas as turmas de sexto ano, ele passou a dividir espaço de forma mais equilibrada com outros meios de deslocamento, como o ônibus, o andar a pé, a moto e mesmo a bicicleta. Tais meios se mostraram compatíveis com a proximidade já averiguada entre o *habitar* e o *frequentar*, uma vez que, geralmente, jovens dessa faixa etária, apesar de possuírem um pouco mais de autonomia, não costumam sair com frequência para destinos diferentes da escola, podendo facilmente andar a pé ou fazer uso de veículos de pequeno porte, como os indicados, no percurso casa-escola.

Gráfico 08: Respostas referentes ao item Experiências com Práticas Educativas do questionário aplicado às turmas de 6º ano.



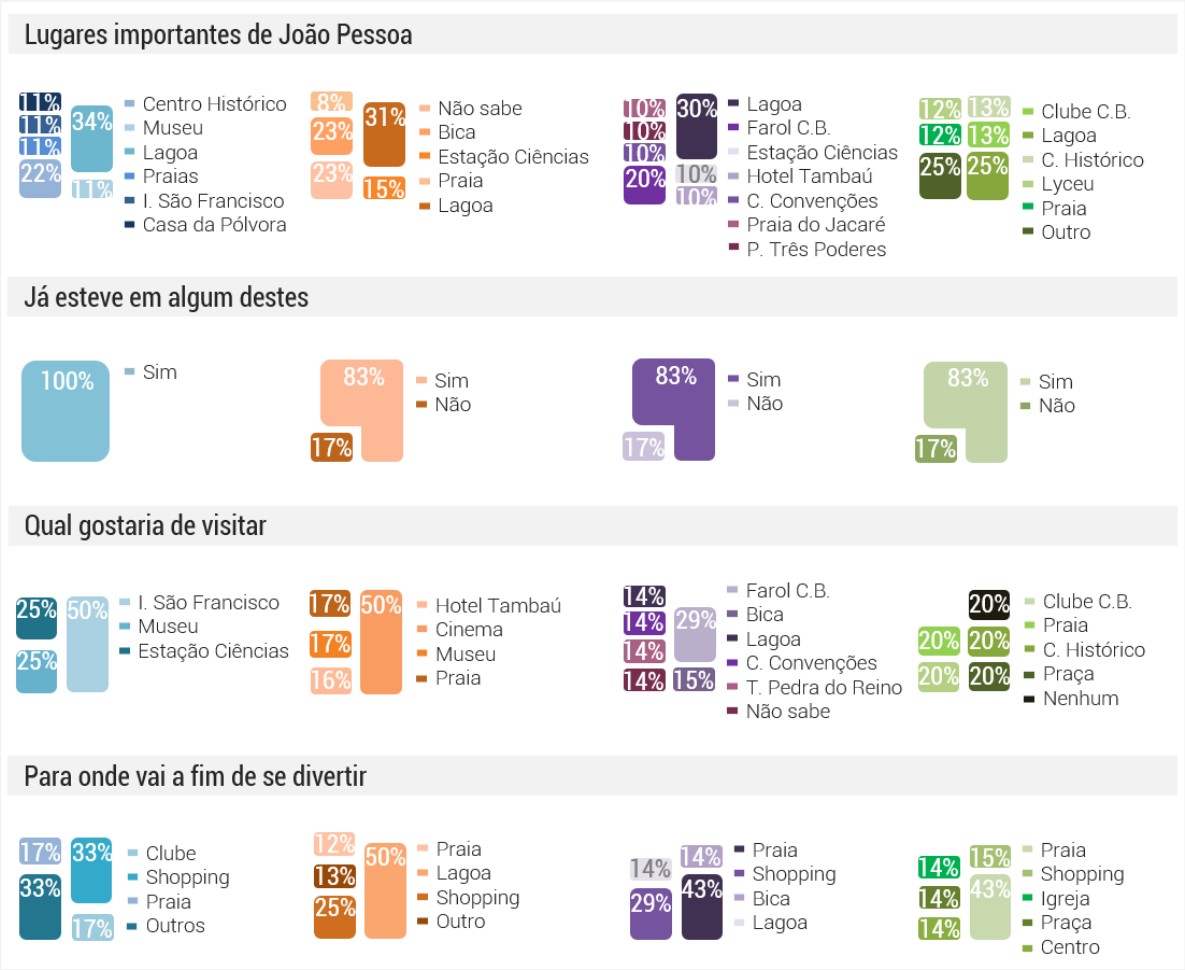
Fonte: Elaborado por autora, 2018.

A respeito do item de experiências com práticas educativas presente no questionário, foi possível reafirmar (Gráfico 08) que os alunos, depois de passarem pelo quarto ano, já haviam estudado a história de João Pessoa, fato que deveria lhes garantir, ou ao menos facilitar, o conhecimento acerca do assunto. Quanto a preferência por uma aula teórica ou de campo, a maioria dos estudantes indicou a segunda opção. E, por fim, a maior parte deles demonstrou interesse em participar de alguma dinâmica quando em classe.

Com relação ao item de referências (Gráfico 09), foi verificado um leque maior e mais variado de lugares importantes para a cidade, comum a todas as turmas. A Lagoa foi a principal indicação em todas as escolas, ressaltando o seu caráter de marco para a cidade. Nas instituições do Centro, foram elencados locais carregados de

valor patrimonial e situados sobretudo no bairro, como o próprio Centro Histórico ou a Bica, por exemplo, para então, em segundo plano, serem apontadas as praias e edificações próximas a elas, como a Estação Ciências. Já nas escolas da orla, de maneira semelhante, foram elencados diversos locais ali situados, alguns considerados de valor patrimonial e outros não, como foi o caso do Farol Cabo Branco e Centro de Convenções, respectivamente.

Gráfico 09: Respostas referentes ao item Referências do questionário aplicado às turmas de 6º ano.



Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Por último, foram elegidas algumas referências de valor patrimonial do Centro, como a Praça dos Três Poderes e o Lyceu Paraibano. De modo geral, as justificativas utilizadas remeteram a importância histórica das referências citadas e ao fato de serem pontos turísticos da cidade.

Dentre as razões indicadas, uma chamou atenção devido a associação feita pelo aluno entre a importância do Parque Sólon de Lucena e o fato de ter sido fundado pelo seu tataravô, demonstrando que a partir do momento em que há o sentimento de pertencimento – ou identidade – com determinado bem, este passa a ser valorizado de forma mais concreta.

Quando questionados se já estiveram nesses lugares, a maioria afirmou que sim, alguns levantando nomes que não haviam sido sequer mencionados anteriormente, como Ponto de Cem Réis. E sobre a intenção em visitar algum destes, houve indicações variadas, ganhando destaque dentre os alunos do Colégio João Paulo II a Igreja de Santo Antônio – conhecida por eles como São Francisco – possivelmente devido a visibilidade que a edificação adquire por estar praticamente vizinha à escola, como já explanado previamente. De modo geral,

houve a intenção de visita a lugares situados em ambas as localidades que estão sendo trabalhadas. Como ressalva, a afirmação de que "não sabe", ou não deseja visitar nenhum desses locais, esteve presente nas escolas afastadas do centro.

A respeito do espaço que apontaram buscar com intuito de lazer, nas escolas da orla, os alunos destacaram a "praia", seguida do "shopping". Este último apareceu também nas demais respostas: no Colégio João Paulo II dividiu espaço com outros locais não relacionados ao patrimônio, e na Escola Damásio B. Franca, ficou atrás da Lagoa, que ganhou vulto dentre os estudantes. Com isso, foi possível perceber que muitos jovens não associaram o conceito de diversão – e, portanto, atrativo para vivenciar – aos espaços de valor patrimonial, quadro que foi se mostrando comum entre as escolas.

A segunda etapa do questionário (Tabela 03) revelou, novamente, a Lagoa e a Bica como os lugares mais conhecidos e visitados pela maioria dos alunos, independentemente de estarem em localidades próximas ou distantes. O Farol Cabo Branco e o Hotel Tambaú, cuja tendência é estarem mais presentes no cotidiano daqueles que estão próximos a praia, confirmaram-se também como referências amplamente reconhecidas por parte de todos. Apesar disso, foram poucos os que afirmaram já ter estado no Farol, muitas vezes o identificando como Estação Ciências, possivelmente devido à proximidade entre os locais. A mesma ausência aconteceu com o Hotel Tambaú, com exceção da grande quantidade de alunos da Escola Damásio B. Franca que indicou já ter ido ao local, provavelmente por o identificar apenas como "praia" ou "Tambaú", desprendendo-se da ideia do edifício.

Tabela 03: Respostas referentes ao reconhecimento de exemplares do patrimônio local por parte dos alunos de 6º ano.

LEGENDA

QUANTIDADE DE ALUNOS QUE:

1 CONHECE O LOCAL

2 JÁ ESTEVE NO LOCAL

3 IDENTIFICA O LOCAL PELO NOME

	6º ANO											
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3
LAGOA	5	5	5	6	6	6	6	5	5	5	4	5
BICA	5	4	5	6	6	5	4	4	4	4	4	4
FAROL CABO BRANCO	5	2	5	4	2	1	6	3	5	5	3	4
HOTEL TAMBAÚ	5	1	5	5	4	5	6	2	3	2	X	1
LYCEU PARAIBANO	5	5	5	4	1	3	2	1	X	4	1	4
CASA DA PÓLVORA	5	4	5	2	1	2	2	X	X	1	1	X
ANTENOR NAVARRO	5	4	5	4	1	X	5	2	1	4	2	1
PORTO DO CAPIM	2	1	2	X	X	X	1	X	1	1	1	X
CONJU. FRANCISCANO	5	2	5	4	1	2	3	2	2	2	1	X
HOTEL GLOBO	2	1	2	2	X	X	2	1	X	1	1	X
PONTO DE CEM RÉIS	5	4	5	3	2	1	X	X	X	2	2	1
I. DA MISERICÓRDIA	2	1	2	1	X	X	2	1	X	4	2	X

Fonte: Elaborado por autora, 2018.

O Lyceu se mostrou mais facilmente identificado e muitos conseguiram nomeá-lo, apesar de um aluno da Escola Seráfico da Nóbrega tê-lo chamado de "uma escola no centro", o que confirmou a notoriedade da instituição na cidade como um todo, até mesmo para aqueles que o conhecem apenas como "escola". A Praça Antenor Navarro foi reconhecida e visitada sobretudo pelos alunos do Colégio João Paulo II que, no entanto, identificaram-na como "Centro Histórico", assim como as minorias das outras turmas e escolas que a nomearam.

As demais referências continuaram sendo mais reconhecidas, vivenciadas e identificadas corretamente pelos alunos do Centro. Alguns casos específicos foram o do Porto do Capim, por exemplo, que continuou passando despercebido e, em caso contrário, recebeu o nome de Rio Sanhauá, demonstrando um avanço em relação aos nomes já recebidos pelas turmas anteriores.

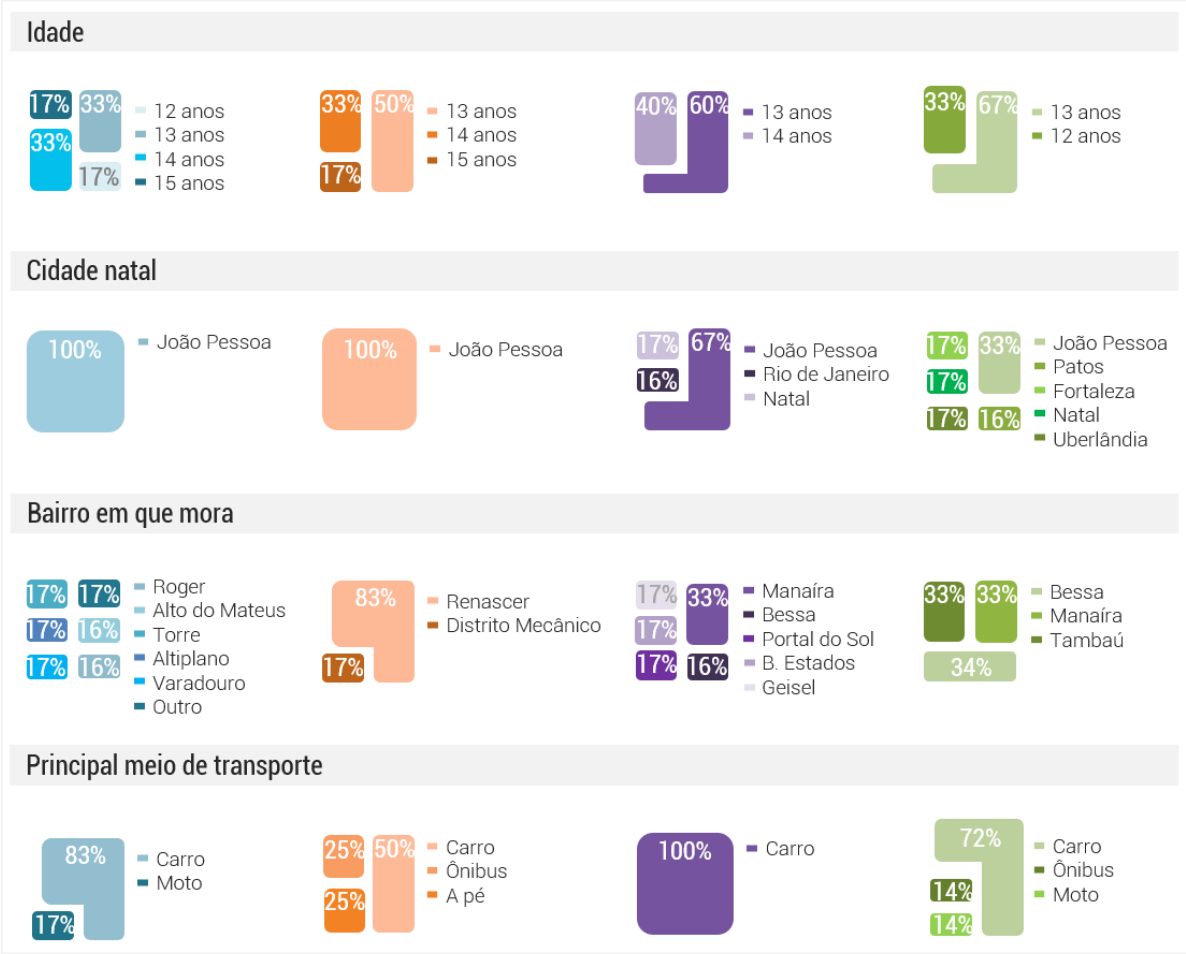
Um outro caso foi o do Conjunto Franciscano que permaneceu, também, melhor reconhecido pelos alunos mais próximos, apesar de a maioria afirmar nunca o ter visitado. Foi chamado de "Museu São Francisco" ou "Igreja São Francisco". Sobre o Ponto de Cem Réis, este recebeu maior destaque dentre os alunos próximos – alguns o nomearam apenas como "praça".

De modo geral, os alunos das escolas do Centro aparentaram ter mais contato com o Centro Histórico da cidade, sobretudo aqueles do Colégio João Paulo II, que estão verdadeiramente inseridos em uma área carregada de interesse patrimonial. Em contrapartida, os mais próximos da praia apontaram para o contrário, demonstrando pouca vivência nessas áreas, apesar de destacarem a Lagoa e a Bica dentre os poucos locais que indicaram já ter estado.

8º ANO FUNDAMENTAL

A aplicação dos questionários para alunos de 8º ano gerou dados (Gráfico 10) que permitiram definir a faixa etária desse público como a de maior variância dentre todas – dos 12 aos 15 anos de idade – predominando a de 13 anos e sendo raros os de 15.

Gráfico 10: Respostas referentes ao item Identificação do questionário aplicado às turmas de 8º ano.



Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Quanto a cidade natal, a maioria indicou ser de João Pessoa, como observado nas demais turmas e escolas, no entanto, no caso específico do oitavo ano da Escola Seráfico da Nóbrega, muitos alunos informaram ser de outras cidades e até estados, o que foi levado em conta na investigação de suas respostas.

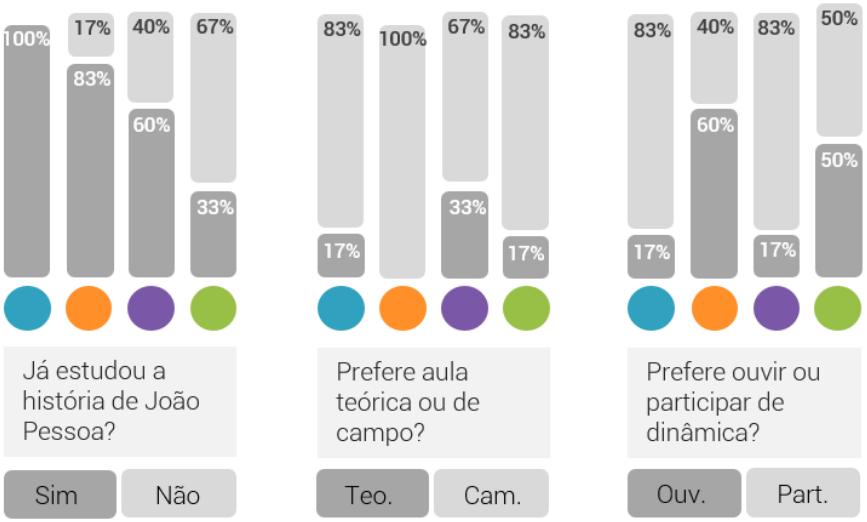
A respeito do bairro em que moram, a maior parte dos alunos apontou para locais próximos ao local de estudo, à exceção daqueles do Colégio João Paulo II, que demonstraram vir de diferentes bairros da cidade, sendo alguns demasiadamente distantes, como o Altiplano. Com a turma da Escola Damásio B. Franca, foi repetitiva a resposta "Renascer", assim como em séries anteriores, o que demonstrou que alguns alunos da escola, de modo geral, enxergam esse conjunto habitacional como o próprio bairro.

Sobre o principal meio de transporte utilizado, o carro foi o veículo mais apontado dentre as turmas de todas os estabelecimentos, aparecendo o ônibus com papel secundário apenas nas Escolas Damásio B. Franca e Seráfico da Nóbrega, ambas públicas municipais.

Com o item de experiências com práticas educativas do questionário (Gráfico 11) foi revelado que os alunos, em maioria, já haviam estudado a história de João Pessoa na escola, confirmando uma descoberta já feita – à exceção daqueles da Escola Seráfico da Nóbrega, devido ao fato de que a maioria veio de outras cidades e possivelmente não acompanhou as séries anteriores em que tal conteúdo foi ministrado. A maior parte dos estudantes apresentou preferência por aula de campo e, a respeito de apenas ouvir a uma aula em classe ou participar de dinâmica, grande parte dos alunos dos Colégios João Paulo II e Colibri Athenas indicou a primeira opção, enquanto que uma maior parcela dos estudantes da Escola Damásio B. Franca apontou para a segunda. A turma da Escola Seráfico da Nóbrega dividiu-se ao meio entre as duas opções.

Esse último quesito tem relação com a personalidade dos jovens, que podem ser introvertidos e preferirem não participar ativamente de atividades propostas, ou extrovertidos, almejando exatamente esse tipo de exercício. Cabe ao professor, ou quem esteja a frente, ministrar a ação de modo a atender a ambos os públicos, ofertando a possibilidade de participação ou não.

Gráfico 11: Respostas referentes ao item Experiências com Práticas Educativas do questionário aplicado às turmas de 8º ano.



Fonte: Elaborado por autora, 2018.

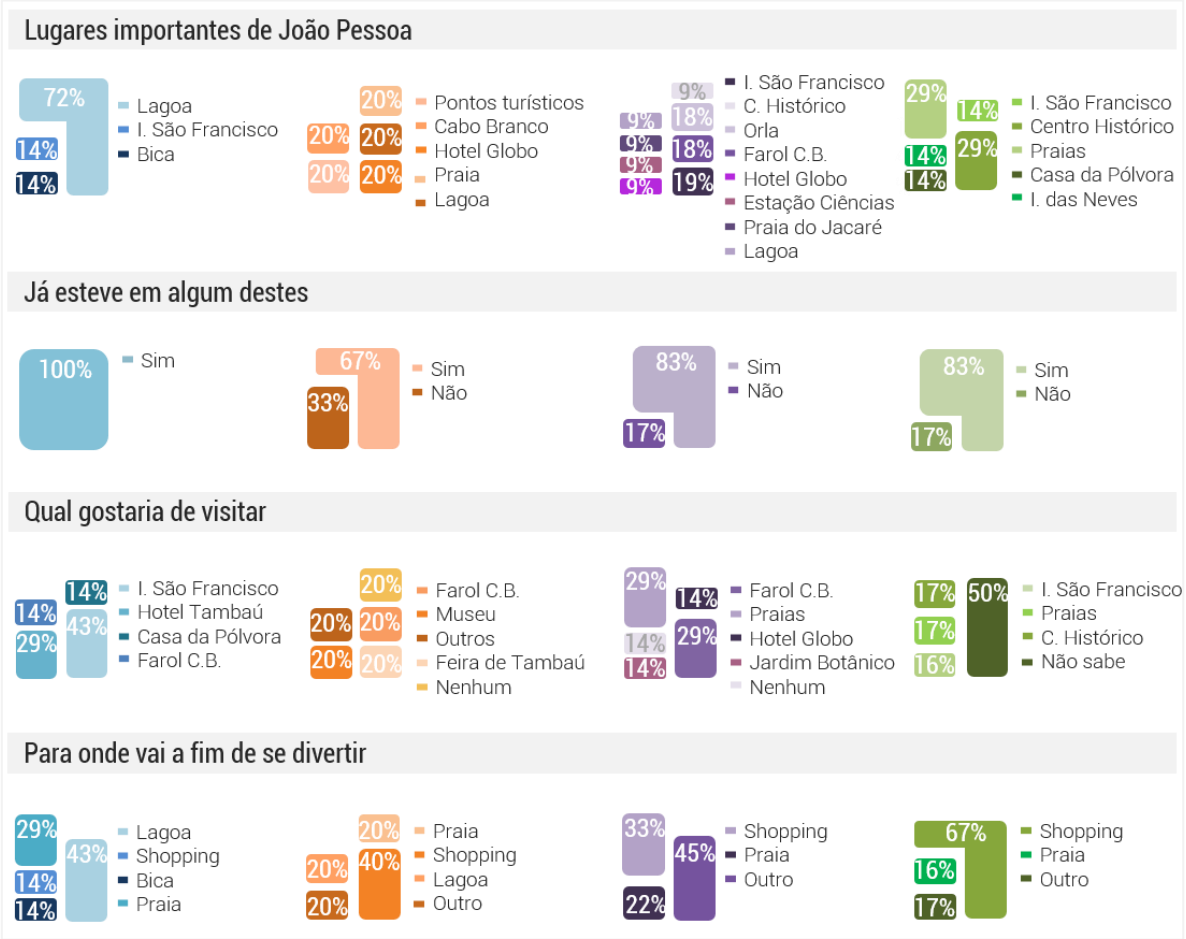
Os apontamentos obtidos através da análise do item de referências do questionário (Gráfico 12) revelaram que os alunos, de um modo geral, consideram importantes para a cidade lugares situados tanto

no Centro Histórico quanto próximos a Orla, como é o caso da Estação Ciências, indicada por uma parcela do Colégio Colibri Athenas. As referências tendem a ser mais mistas quanto mais distantes dos extremos Centro Histórico e Orla, como é o caso da Escola Damásio B. Franca, que fica nos arredores do Centro, porém, mais afastada do seu eixo principal.

As justificativas utilizadas remeteram a importância histórica dos bens citados, além de questões culturais. Quando voltadas para bens localizados na praia, discorreram sobre as belas paisagens e a calmaria proporcionada pela beira-mar, ressaltando a sensação de bem-estar ao vivenciar esses locais. Quando questionados se já estiveram em algum destes, a resposta da maioria foi positiva, surgindo nomes não mencionados até então, como a Feirinha de Tambaú. A maior parte dos lugares destacados como importantes foram também já visitados, demonstrando a existência de uma relação entre aquilo que se conhece e aquilo que se atribui valor.

Acerca do interesse em visitar algum desses locais, os jovens incluíram em suas respostas diversos exemplos de localidades distintas, alguns apontando para lugares próximos e outros distantes. Na Escola Seráfico da Nóbrega, a maior parte dos alunos afirmou não saber essa resposta. De modo geral, pôde ser observada a influência da orla da cidade como área de interesse por parte desse público que apresentou, em grande quantidade, a intenção em visitar referências aí situadas.

Gráfico 12: Respostas referentes ao item Referências do questionário aplicado às turmas de 8º ano.



Fonte: Elaborado por autora, 2018.

A respeito do lugar associado à diversão, o "shopping" se repetiu nas respostas de todas as turmas, ganhando maior destaque nas Escolas Damásio B. Franca e Seráfico da Nóbrega. Isso confirma a ideia que começou a ser construída com as demais séries, de que esse local é um atrativo irrevogável para o público jovem. A Lagoa surgiu também para as instituições dos arredores do Centro, enquanto a "praia" esteve presente em respostas de todas as escolas, mostrando que há uma relação entre a vivência do lugar e o "considerá-lo divertido", mas também há a influência da atrativa orla como local de lazer.

A respeito do reconhecimento e vivência de determinadas referências urbanas (Tabela 04) foi possível fazer algumas constatações: a Lagoa e a Bica continuaram a se mostrar como os principais marcos referenciais da cidade dentre os escolhidos para a pesquisa, na medida em que se mostraram como os mais conhecidos e visitados perante as turmas, apresentando valores quase sempre máximos naquelas localizadas em suas proximidades.

Tabela 04: Tabela relativa ao reconhecimento de alguns exemplares do patrimônio de João Pessoa por parte dos alunos de 8º ano das escolas selecionadas.

LEGENDA

QUANTIDADE DE ALUNOS QUE:

1 CONHECE O LOCAL

2 JÁ ESTEVE NO LOCAL

3 IDENTIFICA O LOCAL PELO NOME

	8º ANO											
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3
LAGOA	6	4	6	6	6	6	6	6	5	5	5	4
BICA	6	5	6	6	6	6	4	4	3	4	2	2
FAROL CABO BRANCO	6	4	6	5	1	1	6	3	4	6	2	3
HOTEL TAMBAÚ	5	1	5	4	X	X	6	4	5	4	1	2
LYCEU PARAIBANO	6	1	6	5	1	3	4	3	2	4	1	1
CASA DA PÓLVORA	6	1	6	3	X	1	3	1	1	3	1	2
ANTENOR NAVARRO	6	3	6	4	1	1	6	5	4	6	5	5
PORTO DO CAPIM	4	X	4	1	X	X	1	X	X	2	X	X
CONJU. FRANCISCANO	6	2	6	3	X	X	4	4	3	2	X	X
HOTEL GLOBO	5	1	5	2	X	X	5	4	2	3	X	1
PONTO DE CEM RÉIS	5	1	5	3	2	2	3	3	1	2	1	1
I. DA MISERICÓRDIA	5	1	5	2	X	X	2	1	X	1	X	X

Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Foi considerado também que a turma da Escola Seráfico da Nóbrega era composta por vários alunos vindos de outras localidades, reafirmando o destaque da Lagoa, na medida em que até estes a reconheceram. Já o Farol Cabo Branco e o Hotel Tambaú, de maior relação com as escolas da praia, mostraram-se mais conhecidos – e, às vezes, visitados – por alunos de instituições particulares, trazendo uma reflexão sobre a visão elitista que muitas vezes está vinculada a esses lugares.

Dentre os alunos do Colégio Colibri Athenas que nomearam o Hotel Tambaú, alguns o fizeram como Hotel Cabo Branco. As demais referências se mostraram conhecidas por grande parte de todas as turmas. Porém, a sua vivência se mostrou mais presente em escolas particulares. Para a identificação pelo nome, teve destaque o João Paulo II, enquanto os demais não apresentaram resultados muito positivos – a Praça Antenor Navarro foi nomeada como "Centro Histórico". O Conjunto Franciscano foi confundido com a Igreja Das Neves por alguns, e o Ponto de Cem Réis foi identificado por outros como Paraíba Palace Hotel, edificação que ilustra o questionário. Já a Igreja da Misericórdia foi, muitas vezes, nomeada apenas como "igreja".

APANHADO GERAL

Em posse das informações levantadas, foi possível fazer algumas considerações a respeito do público alcançado com as turmas de Ensino Fundamental estudadas. Direcionando o foco da análise para a sua relação com o patrimônio, foi elaborado um quadro síntese (Quadro 01) com os lugares mais repetidos no quesito de importância para a cidade e de interesse em visita. Os dados foram divididos por turma e por localidade, considerando todas as escolas.

Quadro 01: Síntese referente aos lugares que mais se repetem nas respostas dos questionários aplicados.

	LUGARES QUE MAIS SE REPETEM	
	CENTRO	ORLA
	IMPORTANTES PARA A CIDADE	
2 ANO	IGREJA + ESCOLA + PRAÇA + **NÃO SABE**	**NÃO SABE** + ESCOLA + **OUTRO**
4 ANO	CASA DA PÓLVORA + ESTAÇÃO CIÊNCIAS + ESCOLA + BICA + LAGOA	PRAIA + HOTEL GLOBO + CENTRO HISTÓRICO
6 ANO	LAGOA + CENTRO HISTÓRICO + BICA + PRAIA	LAGOA + FAROL + **OUTRO**
8 ANO	LAGOA + PRAIA	I. SANTO ANTONIO + CENTRO HISTÓRICO + PRAIA + FAROL
	DE INTERESSE EM VISITA	
2 ANO	IGREJA + LAGOA + PRAIA	MUSEU + PRAIA + BICA + **OUTRO**
4 ANO	CASA DA PÓLVORA + CENTRO HISTÓRICO + BICA + MUSEU	**NÃO SABE** + RIO SANHAUÁ + PRAIA
6 ANO	I. SANTO ANTÔNIO + MUSEU + CINEMA + ESTAÇÃO CIÊNCIAS	FAROL + **NÃO SABE/NENHUM**
8 ANO	I. SANTO ANTÔNIO + HOTEL TAMBAÚ + FAROL	FAROL + **NÃO SABE** + PRAIA

Fonte: Elaborado por autora, 2018.

A respeito da opinião das turmas de 2º ano – de faixa etária 07-09 anos – sobre lugares considerados importantes, o **não saber** e a **escola** se mostraram presentes entre todos os alunos. Os estudantes da praia apontaram ainda para referências desassociadas ao patrimônio, enquanto os do Centro indicaram "igreja" e "praça".

Uma das justificativas para esse quadro está na pouca idade do público: esses alunos acabaram de ser alfabetizados, portanto, ainda estão iniciando a fase de descoberta de novos conteúdos. A opção pela "escola" foi possivelmente motivada pelo universo no qual está inserida a criança de 07 a 09 anos, que não conhece muitos locais além deste, pois não tem ainda autonomia para tanto. Apesar disso, algumas delas já demonstraram se relacionar com áreas de interesse patrimonial, como é o caso das que indicaram "igreja" e "praça". Ainda que não saibam o valor que esses espaços têm, e que essa relação estabelecida seja inconsciente, o fato de frequenta-los já as faz atribuir-lhes algum valor.

Ainda com essa série, ocorreu uma repetição entre os locais de interesse para visita, estando isso associado à proximidade, ou não, que os mesmos têm com o cotidiano

dos alunos, bem como por serem considerados divertidos. Assim, estudantes das escolas do Centro mencionaram a praia, enquanto aqueles das escolas da orla referiram a Bica. Há também que ser considerada a falta noção a respeito de **territórios** presente em tal faixa etária, na medida em que a maior parte dos alunos confundiu nomes de ruas, bairros e cidade, ou mesmo indicou não saber onde mora. Esse conjunto de fatores levou a crer que este público é ainda alheio a ideia de patrimônio.

Os estudantes de 4º ano – de faixa etária 09-10 anos – revelaram ter nessa idade o primeiro contato com a **história da Paraíba e de João Pessoa**, o que aparentou lhes despertar o interesse e curiosidade em conhecer locais inseridos na cidade. Isso se comprova com o surgimento de novos lugares considerados importantes e que fazem parte de um repertório de interesse patrimonial, como o Hotel Globo e o próprio Centro Histórico, indicados inclusive pelas turmas de escolas situadas na orla. Esses apontamentos também apresentam relação com as áreas que frequentam, como é o caso da Bica e Lagoa, apontadas pelas turmas de escolas do Centro, e os demais exemplos que puderam ser observados. Em contrapartida, a Estação Ciências foi apontada em escolas do Centro, o que demonstra a larga influência que a obra possui por toda a cidade, apesar de ficar afastada. Percebe-se que as relações estabelecidas pelos jovens com os lugares considerados importantes, atrelados ao patrimônio, são feitas agora de forma consciente, diferentemente dos primeiros.

Quanto aos locais com interesse em visita, foi possível destacar referências do Centro Histórico, como o Rio Sanhauá, abordado pelos alunos da praia. Essa indicação comprova que o interesse pelas áreas patrimoniais teve princípio com o conhecimento adquirido sobre a história local, na escola, pois essa referência é muito específica, aparecendo sobretudo na narrativa sobre a fundação da cidade. Também foi ressaltado o **não saber** por estudantes da praia. Resumidamente, os alunos de tal faixa etária se mostraram detentores de um maior nível de conhecimento em relação aos primeiros, incluindo o conteúdo do patrimônio, por ser este o momento em que passam a estudar a história da Paraíba.

Os estudantes de 6º ano – de faixa etária 11-12 anos – demonstraram associar como locais importantes para a cidade àqueles de sua vivência, dando ênfase sobretudo à Lagoa. A justificativa para tanto está atrelada ao fato de que frequentar determinado local o torna conhecido e, quando assim o é, a sua apropriação e sentimento de pertencimento acontece de forma mais fácil.

Em relação aos locais que gostariam de visitar, o Farol Cabo Branco dividiu espaço com o **não saber** pelos alunos da orla, demonstrando a ênfase dada por estes ao ponto turístico próximo. Aqueles situados no Centro priorizaram também alguns exemplares considerados e consolidados como turísticos, como a Igreja de Santo Antônio e a Estação Ciências. Indicaram ainda o "museu", que se mostrou intrigante por não haver muitos exemplares na cidade, no entanto, o uso da edificação diz respeito a história e ao patrimônio, dando sentido a relação mais íntima que existe entre o Centro e os alunos que o vivenciam. Quanto ao "cinema", foi uma novidade apresentada unicamente por esse público, podendo haver alguma justificativa não alcançada através do questionário.

De modo geral, esses alunos demonstraram possuir considerável conhecimento e discernimento a respeito de bens patrimoniais, associando-os à importância histórica da cidade. Porém, já não

aparentaram compartilhar do entusiasmo apresentado pelos alunos de 4º ano que, por estarem com o conteúdo recente na memória, revelaram mais interesse em áreas patrimoniais.

Por fim, nas turmas de 8º ano – de faixa etária 12-15 anos – os alunos apontaram como lugares importantes diversos exemplares também relacionados com o turismo, presentes tanto no Centro quanto na orla. Essas referências, que por vezes se sobrepõem aos bens patrimoniais, surgiram também como locais de interesse em visita, no entanto, dentre todos os estudantes houve preferência por exemplares na orla da cidade, os quais se configuram como pontos reconhecidamente turísticos. Com isso, nota-se uma semelhança entre alunos de 6º e 8º anos, que apontam para locais de importância histórica, mas não apresentam argumentos concretos que justifiquem suas escolhas além do próprio turismo.

Cruzando informações, a **localidade** e o **grau de entendimento** correspondente a cada faixa etária foram os aspectos que se mostraram mais relevantes para a formação de perfis de públicos e norteadores de caminhos para a elaboração das estratégias ao final da pesquisa.

02.2 | PERFIS DO PÚBLICO-ALVO

A partir da análise realizada foi possível traçar perfis de públicos-alvo, os quais acabaram por se desprender da suposição inicial que originou a pesquisa, pautada em diferenças entre redes de ensino público e privado. Com os resultados obtidos através do questionário, pôde-se ver que a diferença existente devido as localidades e faixas etárias ganha espaço frente a esta primeira.

Além disso, tratar do nível dos diversos ensinos envolve questões de cunho social muito mais complexas e que não podem ser generalizadas. Assim, os perfis criados surgiram como resultado da análise embasada sobretudo no critério **faixa etária**, e, em segundo plano, **localidade**.

Resumidamente, as faixas etárias estudadas e suas respectivas características foram:

- 07-09 anos: crianças aparentemente alheias ao patrimônio, com falta de referência de território;
- 09-10 anos: crianças curiosas e interessadas em conhecer o patrimônio, por estarem estudando a história da Paraíba;
- 11-12 anos: jovens com percepção do patrimônio, mas apontando para exemplares turísticos;
- 12-15 anos: jovens com percepção do patrimônio, mas apontando para exemplares turísticos.

Nota-se que os dois últimos apresentaram características semelhantes, razão pela qual foi decidido que consistiriam em um único grupo. Dessa maneira, a divisão dos perfis escolhidos para trabalhar, por fim, não foi determinada exatamente como as definidas por turma. Para a nova delimitação, também se apropriou das fases de desenvolvimento da criança e jovem consideradas pelo Movimento Escoteiro, que aponta para a existência da "infância intermediária" e "pré-adolescência", etapas que abarcam as idades estudadas. De acordo com o Escotismo, essas faixas etárias são classificadas da seguinte forma:

- 6,5-10 anos: infância intermediária, em que a ênfase educativa está nos jogos coletivos e socialização das crianças, dividida entre:

  Infância média: 6,5 – 9 anos
  Infância tardia: 9 – 10 anos

- 11-14 anos: pré-adolescência, em que a ênfase educativa está na criação e autonomia dos jovens, dividida entre:

  Pré-puberdade: 11 – 12 anos
  Puberdade: 13 – 14 anos

As idades abarcadas pela Infância Intermediária dos Escoteiros correspondem ao primeiro e segundo grupos estudados com o questionário, enquanto a Pré-Adolescência corresponde aos terceiro e quarto grupos. Com isso, mesclando-se as informações, poderiam ser definidos dois perfis, um deles voltado para as crianças de menor idade, em que o patrimônio ainda é praticamente desconhecido, e um voltado para as mais velhas, em que já há algum conhecimento sobre o tema, mas, muitas vezes, falta interesse. No entanto, dos 07 aos 14 anos de idade, que seriam o mínimo e o máximo alcançados pelos perfis, há uma grande diferença no nível de entendimento de conteúdos e da própria visão de mundo por parte do indivíduo, o que resultaria em um hiato entre esses públicos.

Para evitar que isso aconteça, se recorreu a descoberta feita através dos questionários que mostrou haver, entre essas duas fases, um momento decisivo de influência na percepção dos jovens a respeito do patrimônio, que é o fato de estudarem a história da Paraíba como currículo escolar. Esse estudo acontece entre os 09-10 anos, e parece ser o período em que o aluno tem maior aptidão, ou interesse, em conhecer mais a respeito do assunto. Pensando nisso, a fim de prolongar um pouco mais essa fase do despertar a curiosidade, e para marcar o intermédio entre as duas etapas propriamente definidas, são propostos os seguintes perfis de alunos:

- PERFIL 01. **Faixa etária de 07 a 09 anos**, com a qual pretende-se trabalhar com a introdução ao conceito de patrimônio, partindo da exploração sobre território;

- PERFIL 02. **Faixa etária de 10 a 11 anos**, cuja ideia é abordar a história da cidade, como forma de contribuir para a aprendizagem do aluno e mesmo para a escola;

- PERFIL 03. **Faixa etária de 12 a 14 anos**, com a qual se pretende tratar sobre conceitos, uma vez que os alunos desse grupo demonstram possuir conhecimento, sem, no entanto, apresentar fundamentação conceitual que explique o porquê que o patrimônio é importante.

A respeito da localidade, fator também influente na relação dos estudantes com o patrimônio, a ideia foi criar estratégias que atendessem aos diversos públicos encontrados próximos ou distantes do Centro Histórico. Assim, a descoberta dessa relação com o local frequentado se mostrou útil para o momento de elaboração das ações de educação patrimonial, as quais passaram a incluir espaços e vivências em lugares mais variados, abrangendo toda a cidade e não apenas o Centro. Por fim, uma vez analisados e definidos os perfis de alunos encontrados no Ensino Fundamental, foi possível criar estratégias embasadas em suas necessidades reais e específicas.

03. AS ESTRATÉGIAS

A última etapa da pesquisa foi destinada a elaboração e aplicação do seu produto final, que são estratégias de educação patrimonial voltadas para diferentes públicos, nesse caso, jovens de 07 a 14 anos de idade, com diferentes perfis entre si. As ações foram desenvolvidas tomando por base as carências e necessidades descobertas em cada perfil, além de fazer uso dos projetos educativos estudados previamente e utilizados como referência. Seu objetivo é transmitir conhecimentos sobre o patrimônio de João Pessoa para jovens de tal faixa etária, os quais se encontram no período mais extenso do ensino formal, no Ensino Fundamental I e II. Assim, uma vez adquirido esse conhecimento, se torna mais fácil para o indivíduo desenvolver o sentimento de pertencimento que antecede a valorização de sua história e bens patrimoniais.

03.1 | ELABORAÇÃO DE ESTRATÉGIAS

Como ponto de partida para a elaboração das estratégias, foi feito um apanhado dentre as ações educativas utilizadas como referência em busca de elementos que pudessem ser absorvidos, servindo de auxílio ao seu propósito. Assim, do Memória João Pessoa, foi resgatada a forma como se desenvolvem suas oficinas, divididas em dois momentos, em que um é voltado para a apresentação e exposição de conteúdos, e o outro é reservado para a realização de dinâmica. O projeto em si, por trabalhar com a educação patrimonial na cidade de João Pessoa, se tornou o principal correlato utilizado, de modo que o conteúdo ministrado em suas oficinas, obtidos através de pesquisas acadêmicas disponíveis em seu *website*, foi também a base da qual fez uso esta pesquisa.

Do Trajetórias Criativas, foram absorvidos os temas "território", "memória" e "identidade", os quais se inserem no universo do patrimônio, apesar de esse não ser o foco do projeto. Pelo fato de suas ações se voltarem para um público de maior idade, de 15 a 17 anos, as atividades que propõe se mostraram relativamente complexas e, assim, apenas a sua essência foi filtrada para servir de inspiração.

Por sua vez, algumas características do Movimento Escoteiro foram também assimiladas, como é o caso da sua orientação em "aprender fazendo", que se mostra um excelente método para capturar o interesse dos jovens, bem como a "vida em equipe", na qual se trabalha com grupos, e as "atividades progressivas", que acompanham o desenvolvimento e grau de entendimento do indivíduo. Além disso, as bases que considera para um jogo voltado à crianças e jovens foram também fonte de inspiração, das quais se pôde buscar algumas referências, como: ser atrativo, ter regras simples e claras, ter um objetivo educativo, não se prolongar demais, e criar expectativa.

Serviram também como suporte para a criação de estratégias as respostas colhidas através dos questionários a respeito das experiências com práticas educativas (Quadro 02). Com elas, se verificou que a maior parte dos alunos indicou interesse em participar de uma aula de campo, em detrimento de aula teórica, com exceção daqueles de 2º ano. No entanto, criar estratégias em que fosse necessário o deslocamento de estudantes para fora da escola acarretaria em alguns possíveis problemas, como: a necessidade da autorização dos responsáveis, o que exigiria um material para assinatura a ser enviado antes da execução da oficina, além da questão da segurança, ou insegurança, em andar com um grupo de

jovens pelas ruas da cidade. Essas condições se mostraram como barreiras para a realização das ações, a menos que fossem propostas pelo próprio estabelecimento de ensino. Como esse não foi o caso, no momento, foi decidido que as atividades aconteceriam dentro da escola.

No entanto, para atender ao desejo também expresso pelos jovens através do questionário, foram propostas dinâmicas dentro da sala de aula, pois a maioria deles apontou para o interesse em participar destas.

Quadro 02: Síntese referente a preferência de alunos por aula de campo e dinâmica em classe.

	INTERESSE EM PARTICIPAR DE	
	AULA DE CAMPO	DINÂMICA EM CLASSE
2 ANO	25%	87,5%
4 ANO	54,16%	95,83%
6 ANO	70,83%	83,3%
8 ANO	83,3%	58,3%

Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Em posse de tais determinações, as estratégias elaboradas foram divididas em três grupos, de acordo com os perfis traçados na etapa anterior (Quadro 03).

Quadro 03: Perfis de públicos-alvo criados e respectivos temas abordados nas estratégias de educação patrimonial elaboradas.

PERFIS DE PÚBLICOS-ALVO	
FAIXA ETÁRIA	TEMA ABORDADO
07 – 09 anos	Territórios
10 – 11 anos	História
12 – 14 anos	Conceitos

Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Para o **perfil 01**, a proposta se desenvolveu da seguinte forma: a primeira coisa a ser pensada foi a dinâmica, com a abordagem do tema patrimônio aliado ao conceito de território. A ideia para tanto foi um jogo de montar, semelhante a um quebra-cabeça, feito com peças grandes o suficiente para permitir que as crianças se movimentassem no momento de montá-las. Nestas peças, foi estampado o mapa da cidade de João Pessoa, composto por seus bairros. E, para levantar a discussão patrimonial, foram destacados os que compõem o Centro Histórico, em peças menores, a fim de trabalhar o conceito. Em cada peça representante de um bairro, foram ressaltados alguns exemplares do patrimônio local nele contidos, com a intenção de serem abordados para despertar a curiosidade nos alunos, fazendo-os tomar conhecimento de sua herança e considera-la como, de fato, sua.

Uma vez confirmada a possibilidade de execução da ideia, foram pensados nos bairros e marcos referenciais a serem destacados, acrescentando, além do Centro Histórico, alguns pontos atrativos para a cidade, de localizações diversas, com o objetivo de mostrar como ela se expandiu até chegar à orla. Com isso, a intenção foi alcançar públicos de diversas localidades, aproximando-se do seu cotidiano. Ao todo, foram escolhidos os seguintes bairros e seus respectivos marcos referenciais:

- **Varadouro**, com destaque para o Rio Sanhauá, Hotel Globo e Praça Antenor Navarro;
- **Roger**: com a Bica e a Igreja de Santo Antônio;
- **Tambiá**: com a Praça da Independência;
- **Centro**: com o Parque Sólon de Lucena, Praça Vidal de Negreiros e Igreja da Misericórdia;
- **Trincheiras**: com o Casario da Rua das Trincheiras;
- **Jaguaribe**: com a Igreja do Rosário;
- **Castelo Branco**: com a Universidade Federal da Paraíba;
- **Cristo**: com o Estádio Almeidão;
- **Penha**: com o Santuário de Nossa Senhora da Penha;
- **Mata do Buraquinho**;
- **Tambauzinho**: com o Espaço Cultural;
- **Tambaú**: com o Hotel Tambaú;
- **Cabo Branco**: com o Farol Cabo Branco e Estação Ciências.

Muitos destes pontos foram apropriados a partir dos exemplares citados nos questionários, e outros foram acrescidos para introduzir a ideia de referência territorial e de patrimônio. Assim, o bairro da Penha foi escolhido estrategicamente para se abordar a Procissão de mesmo nome que acontece anualmente na cidade, a qual pode ser considerada um patrimônio cultural. De forma semelhante, a Mata do Buraquinho também foi escolhida para introduzir a ideia do patrimônio ambiental. Com isso, foi possível abarcar as três categorias de patrimônio existentes.

Para a conclusão do jogo, foi criado um material ilustrativo, aplicado sobre as peças de montar, a fim de tornar o mapa mais compreensivo e atrativo, facilitando a montagem pelas crianças. No entanto, esse material não ficou pronto a tempo para a aplicação da estratégia a ser apresentada na pesquisa, de modo que foi utilizado, como piloto, o jogo sem ilustrações (Figura 08), mas que cumpriu seu papel de forma satisfatória.

Figura 08: Jogo de montar aplicado para público de perfil 01.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

A fim de acompanhar a dinâmica, foi desenvolvida uma apresentação (Apêndice 6) na qual se buscou abordar questões que envolvessem as crianças na temática. Para tanto, elas seriam inicialmente indagadas sobre o local em que moram, tornando possível estabelecer uma aproximação entre a discussão e o seu dia-a-dia. Haveria, então, uma condução de ideias fazendo-as perceber que para chegar à sua casa – local em que se pensa primeiro para responder à indagação – há todo um percurso que possibilita inúmeras respostas: é possível afirmar que se mora em determinado país, estado, cidade, bairro, rua e, então, em determinada casa. Os territórios mencionados foram apresentados em mapas no modelo da apresentação de modo que, ao chegar à residência, seria explicado que são as inúmeras edificações como essa, bem como aquelas de uso diferente, como escolas, hospitais, etc. que juntas formam um bairro, e assim por diante. É certo que há outros condicionantes que delimitam os bairros, no entanto, as crianças dessa faixa etária não apresentam um grau de entendimento que as permita entende-los, motivo pelo qual o conceito foi simplificado, a fim de que pudesse ser compreensível para elas.

Após esse momento introdutório de contextualização, se conduziria a conversa ao assunto do patrimônio da cidade de João Pessoa, quando as crianças seriam mobilizadas a montar o jogo, com as peças maiores. Em seguida, seria apresentado cada marco referencial destacado nos bairros, a começar pelos do Centro Histórico e findar com os da orla. Um por vez, os alunos poderiam colocar a peça menor, representante do bairro, no "tabuleiro" formado pelas peças do jogo, concluindo-o por fim. Essa estratégia foi pensada como forma de levar a educação patrimonial para os alunos dessa faixa etária a partir do conceito de "território" que se mostrou, até então, ainda incompreendido, corroborando para o seu aprendizado interdisciplinar, com foco na conscientização sobre a preservação da herança material, imaterial e ambiental da sociedade como um todo.

Para o **perfil 02**, a proposta se desenvolveu da seguinte forma: a sua dinâmica foi pensada para explorar a criatividade dos jovens, dando-lhes liberdade para criar um material capaz de exprimir sua percepção quanto ao conteúdo sobre a história da Paraíba que, a essa altura, é trabalhado nas disciplinas curriculares. A ideia principal foi pautada no uso de figuras ilustrativas que pudessem ser manipuladas livremente a fim de compor cenários. Esses, por sua vez, retratariam os acontecimentos de determinadas épocas da cidade. Portanto, para concretizar a proposta, foi preciso elaborar primeiro a sua apresentação (Apêndice 7), base através da qual foram criados os modelos de cenários.

Foi utilizado o *link* "Formação e Evolução" do *website* do Memória João Pessoa, que apresenta uma linha do tempo com datas importantes específicas para o município. Assim, foram explorados na apresentação os seguintes períodos e seus respectivos acontecimentos:

- 1575 – Criação da Capitania da Paraíba;
- 1585 – Fundação da cidade de Nossa Senhora das Neves;
- 1634 – Invasão holandesa e a cidade de Frederica;
- 1654 – A cidade da Parahyba;
- 1810 – Modernização da cidade da Parahyba;
- 1900 – De Parahyba a João Pessoa.

Compondo o material de exposição, utilizaram-se sínteses de tais recortes cronológicos e algumas imagens a fim de atrair os alunos. Na medida em que alguma edificação ou espaço urbano da cidade surgiu, em meio ao contexto histórico abordado na apresentação, o exemplar foi trazido em imagem, da forma como existe nos dias atuais, para que pudesse ser transmitido o conteúdo que lhe diz respeito. Em posse desse material, foram então pesquisadas as figuras que poderiam ilustrar aqueles acontecimentos, as quais possibilitaram três tipos de cenários (Figuras 09, 10 e 11), de acordo com os nomes já atribuídos a cidade:

- Cenário 01

  1575 – Criação da Capitania da Paraíba;

  1585 – Fundação da cidade de Nossa Senhora das Neves;

- Cenário 02

  1634 – Invasão holandesa e a cidade de Frederica;

- Cenário 03

  1654 – A cidade da Parahyba;

  1810 – Modernização da cidade da Parahyba;

  1900 – De Parahyba a João Pessoa.

Os cenários foram criados, primeiro, em meio digital, para que pudesse ser averiguada a sua viabilidade. Uma vez assegurada, foi feito um teste com uma criança inserida no perfil em questão, a fim de verificar se seria possível a ela criar cenas diferentes com as mesmas figuras e, assim, dar suas próprias impressões sobre as informações recebidas (Figuras 12, 13 e 14). O resultado se mostrou positivo, confirmando a autonomia da criança em representar, através da sua apreensão, os acontecimentos de determinadas épocas da cidade. Com isso, puderam ser concretizados os modelos físicos.

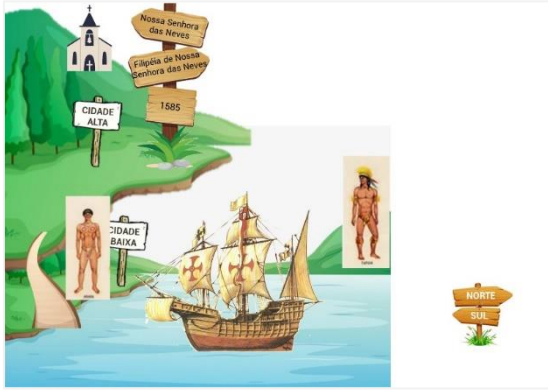
Para gerar nos estudantes uma expectativa maior em participar da atividade, foi pensado um meio de transformá-la em uma competição: seriam definidos três grupos de alunos devendo cada um destes compor uma das três opções de cenário. No entanto, as figuras lhes seriam apresentadas de forma aleatória, para que cada grupo decidisse quais as correspondentes ao seu cenário. A equipe vencedora seria a que produzisse um material de melhor qualidade, utilizando as figuras condizentes com sua respectiva época.

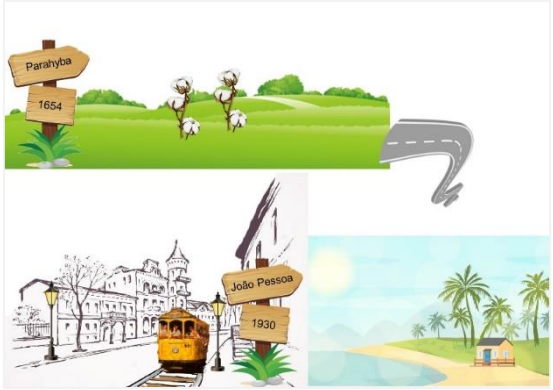
A ideia dessa oficina foi pautada no desejo de transmitir a história da formação e evolução da cidade para jovens que estão em um período de entusiasmo por a estudarem na escola, além de inserir em seu repertório exemplares patrimoniais que são registros vivos dessa narrativa. Com isso, se despertaria o interesse em conhecer as edificações e sítios urbanos históricos da cidade, o que – conforme analisado através dos questionários – é um fator de valorização e, consequentemente, preservação em favor dos mesmos.

Figuras 09, 10 e 11: Estudo dos possíveis cenários para jogo.

Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Figura 12, 13 e 14: Cenários montados por criança de 09 anos.





Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Por fim, para o **perfil 03**, a proposta se desenvolveu a partir da seleção dos conceitos trabalhados, os quais foram:

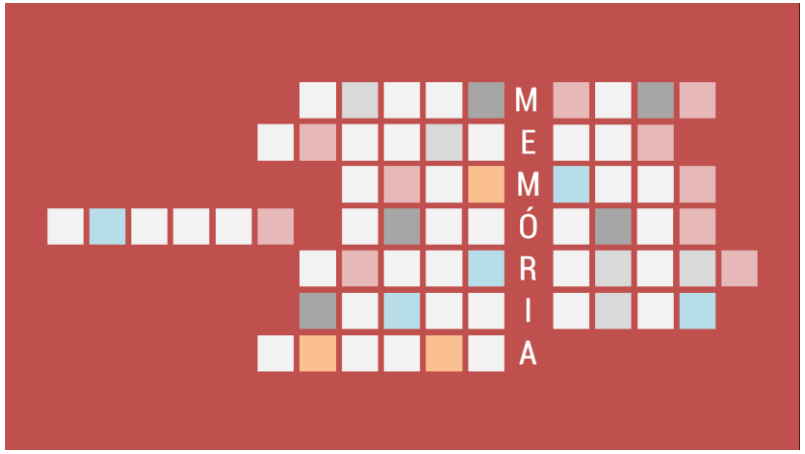
Memória	Tombamento
Cultura	Patrimônio
Conservação	Centro Histórico
Monumentos	Identidade

Surgiram então algumas possibilidades de dinâmica, todas baseadas em jogos de adivinhação de palavras. Um dos jogos é o "Quem sou eu? ", em que uma pessoa deve tentar adivinhar algo que esteja escrito e que apenas ela não possa ver, enquanto outros lhe dão dicas sobre aquilo. Outro jogo é o de "Palavras Cruzadas", em que se deve adivinhar as palavras cruzadas entre si, mediante dicas, e um terceiro, ainda, é o jogo da "Forca", em que as palavras devem ser adivinhas através do palpite de letras. Os dois últimos jogos são considerados tradicionais, de modo que a sua própria utilização seria uma referência a memória social.

Assim, foi elaborada uma apresentação (Apêndice 8), cujo momento inicial se pautou em uma breve contextualização da temática do patrimônio, fazendo conexões com diversos outros temas a ele relacionados. Passada essa etapa, seria aplicada uma dinâmica que resultou da combinação dos jogos de Palavras Cruzadas e da Forca (Figura 15), em que deveriam ser adivinhadas as palavras/conceitos através do palpite com letras. Para tanto, haveria a divisão de duas equipes de alunos, as quais fariam suas tentativas a cada vez. Quando uma palavra fosse acertada, seria então explicada, sempre buscando a interação com os jovens. Ao fim, a equipe vencedora acumularia pontos e participaria de uma segunda atividade, em que o outro grupo teria a chance de passar à frente e ganhar.

A segunda dinâmica foi pensada apropriando-se do jogo "Quem sou eu? ", com algumas adaptações. O material utilizado para a sua realização foi preparado fazendo uso da descrição de determinado conceito junto a imagens diversas que o exemplificaram (Figuras 16 e 17). Caberia a cada grupo entrar em consenso e tentar adivinhar qual objeto estava sendo tratado, de modo que aquele que conseguisse acertar, ganharia alguma pontuação. A equipe vencedora seria a que tivesse acumulado mais pontos ao final – isso ficaria a critério de quem fosse aplicar, por exemplo: 20 pontos para palavras cruzadas e 05 pontos para cada conceito identificado.

Figura 15: Jogo de palavras utilizado em oficina para público de perfil 03.



Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Com essa ação, houve o desejo de gerar nos jovens a reflexão do porquê o patrimônio deve ser considerado importante, fazendo-os entender o que torna a sua história e memória, registradas através

de edificações e espaços urbanos, um bem de valor para a sociedade que deve ser preservado. Essa discussão é muito importante para alunos enquadrados em tal perfil, visto que eles já possuem conhecimento sobre alguns marcos referenciais da cidade, mas, por vezes, lhe atribuem um valor devido apenas ao turismo.

Figuras 16 e 17: Exemplo de conceito explorado através de dinâmica elaborada para público de perfil 03.

Fonte: Elaborado por autora, 2018.

03.2 | APLICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS E ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Para a aplicação das estratégias elaboradas, momento de experimentação e observação, foram marcadas oficinas em duas instituições: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Damásio B. Franca, a qual participou da etapa dos questionários, e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Vaz de Camões, cuja participação se deu devido a um convite da equipe executiva do projeto Memória João Pessoa. Na primeira escola, foram ministradas as estratégias desenvolvidas para os perfis 01 e 02, com alunos de 07 a 09 anos e 10 a 11 anos, respectivamente. Já na segunda, foi aplicada a estratégia voltada para o perfil 03, de 12 a 14 anos.

Os primeiros eram da turma de segundo ano – **perfil 01** – um total de 25 alunos, com os quais foi desenvolvida a dinâmica sobre territórios, fazendo uso do jogo de montar. Conforme planejado, a oficina se estendeu partindo do questionamento "Onde eu moro? ", até chegar a explicação sobre os diferentes tipos de edificações que compõem um bairro e cidade. Nesse momento, foi pedido aos alunos que montassem o "quebra-cabeça" com o mapa de João Pessoa (Figuras 18, 19 e 20). Foi possível observar que houve dificuldade para eles ao longo da montagem, pelo provável motivo da ausência de ilustrações nas peças, situação em que se encontravam ainda a essa altura. Isso confirma que, a partir do momento em que a dinâmica for aplicada com as peças ilustradas, será possível obter um melhor resultado nessa fase.

Seguindo adiante, foram apresentados os bairros de destaque, contendo os pontos referenciais ressaltados em cada um deles,

quando um aluno por vez foi chamado para buscar a peça correspondente a tal território e coloca-la no espaço reservado no mapa. Com essa atividade também foi possível fazer algumas considerações: os estudantes se mostraram ansiosos em participar, querendo ir a frente e montar as peças menores representantes dos bairros. No entanto, essa ânsia os atrapalhou em prestar mais atenção às informações relativas as edificações e espaços urbanos apresentados: todos queriam se envolver, mas, como apenas um era chamado – para evitar tumultos – os demais já antecipavam, em meio a explicação, que seriam os próximos. Esse movimento acabou deixando as explicações um tanto conturbadas, de modo que, em determinado momento, foi-lhes dito que as peças só seriam encaixadas no restante do mapa ao final da dinâmica, por todos.

Em cima disso, foi repensada a forma de finalizar a ação, sugerindo-se que os alunos coloquem as peças restantes apenas ao final da atividade, quando pode se remeter ao que foi estudado, relembrando e perguntando-lhes quais são os bairros do Centro, quais os que estão na praia, em qual estão naquele momento – o da escola – etc. E, ainda, sugere-se que sejam marcados pequenos furos no mapa físico, em cada ponto referencial destacado, a fim de que possam ser inseridas aí pequenas placas indicando o nome de cada um dos locais.

Para tornar a atividade mais interessante, gerando expectativa, pode ser introduzida a competição. O seu funcionamento é dado da seguinte forma: com a divisão de dois ou três grupos, cada um destes poderá colocar as placas dos exemplares em determinados bairros, e a equipe que mais acertar será vencedora. Outra possibilidade, ainda, é fazer o mesmo exercício sem a divisão de equipes, em que cada aluno que acertar, poderá ganhar um prêmio.

Figuras 18, 19 e 20: Aplicação de estratégia elaborada para perfil 01. Crianças montando jogo com mapa da cidade.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

Com isso, as crianças se esforçarão para lembrar dos locais estudados, reforçando o conhecimento obtido e permitindo ao aplicador ter um retorno sobre a ação.

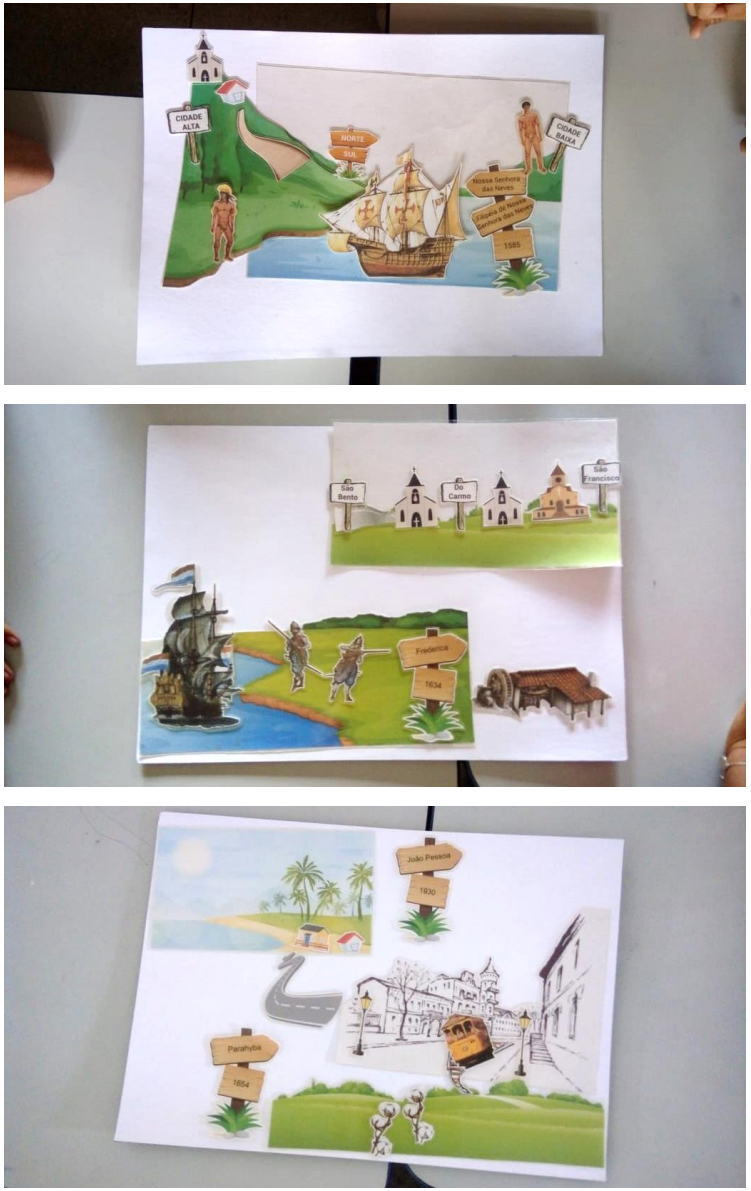
A estratégia gera nos alunos reflexões sobre delimitações territoriais e sobre o que há, em termos de patrimônio e marcos referenciais, em alguns dos territórios da cidade, cujo início se deu com os bairros do Centro Histórico. A escola em que foi aplicada a oficina se situa nessa área – Trincheiras – de modo que quando estavam sendo apresentados os bairros que compunham a cidade antiga, ao chegar neste, um dos alunos fez um comentário dando-se conta de que estava em um local que faz parte da história da formação da urbe. Foi possível perceber que o interesse estava sendo despertado naquela criança, demonstrando o resultado positivo da ação desenvolvida.

A aplicação da estratégia proposta para o público de **perfil 02** foi realizada na mesma escola, com uma turma de 15 alunos de quarto ano, com a qual se desenvolveu a dinâmica voltada para a história da cidade, fazendo uso do jogo da construção de cenários. Dentre todas as oficinas, essa transcorreu em maior conformidade com o que foi planejado, mantendo-se quase toda a sua proposta sem alterações, devido ao bom desempenho observado. Inicialmente, foi apresentada às crianças uma breve história da cidade, conforme apresentação elaborada. Ao chegar no momento da construção de cenários (Figuras 21, 22 e 23), foi decidido que em vez de misturar as figuras das diferentes épocas retratadas e deixar que os alunos as escolhessem corretamente, seriam já entregues a cada grupo as figuras relativas ao seu período, para que eles apenas montassem o cenário da sua maneira – evitando conflitos, caso integrantes de diferentes grupos desejassem utilizar as mesmas figuras.

Figuras 21, 22 e 23: Aplicação de estratégia elaborada para perfil 02. Crianças montando cenários e apresentando para os demais.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

Figuras 24, 25 e 26: Aplicação de estratégia elaborada para perfil 02. Cenários montados pelas crianças relativos a diferentes épocas.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

Assim, a turma foi dividida em três equipes e cada uma trabalhou na sua tarefa, criando diferentes cenários (Figuras 24, 25 e 26). Quando todos afirmaram ter acabado, por haver ainda algum tempo disponível, surgiu a ideia pedir para que cada grupo apresentasse o seu cenário, explicando o porquê de cada coisa. Dessa forma, os alunos tiveram que relembrar o conteúdo transmitido sobre a história da cidade e falar uns aos outros. Essa ideia se mostrou promissora, tornando-se uma nova sugestão para a realização da oficina. Para tanto, se propõe que essa etapa de apresentação final aconteça com os alunos sentados em seus lugares e apenas o grupo que for falar, à sua vez, tome a frente. A sugestão é feita porque, para a construção dos cenários, os grupos deslocaram-se pela sala para se reunir, e a exposição de seu produto para os demais aconteceu em torno de algumas mesas centrais, dando margem para a dispersão de alguns, que acabaram não prestando atenção nos colegas.

A estratégia se mostrou satisfatória, revelando o interesse das crianças na atividade desenvolvida, na medida em que pediram para continuar brincando com as figuras mesmo depois de haver acabado a dinâmica. O conteúdo também foi um ponto positivo, chamando atenção inclusive da professora presente em classe, que indicou interesse em levar a ação para outra escola, afirmando que foram ditas coisas que nem mesmo ela sabia, acerca da história de João Pessoa. Houve, apenas, uma ressalva quanto à exposição do conteúdo, a qual foi apontada por uma aluna que afirmou achar a atividade longa, o que, em verdade, comparada com outras – desde as aplicadas pelo projeto Memória João Pessoa à própria oficina anterior, aplicada para o segundo ano – não se confirma. No entanto, em cima disso, foi feita uma reflexão sobre o que poderia ter feito a criança pensar isso, chegando-se a conclusão de que o motivo pode estar na linguagem, tanto visual quanto textual, utilizada na

apresentação. Assim, para aperfeiçoar a apresentação da oficina, o material foi revisado, tornado mais ilustrado e com conteúdo mais enxuto e objetivo. Com isso, a estratégia deu-se por concluída.

Para a aplicação da estratégia elaborada para o público de **perfil 03**, foram realizadas duas oficinas, para turmas de nono ano, em uma instituição diferente das primeiras, a qual não se situa nas proximidades do Centro, mas no bairro de Mangabeira. A dinâmica, voltada para os conceitos relativos ao patrimônio, foi aplicada para 52 alunos, divididos em 24 e 28, de acordo com a turma (Figuras 27, 28 e 29).

Com a primeira, ocorreu conforme o planejado em sua elaboração: de início, um momento de contextualização, em seguida, o jogo das palavras e, por fim, a adivinhação dos conceitos mediante dicas. Com esta, foi possível observar que os alunos se preocuparam mais em adivinhar as palavras, no primeiro jogo, do que em prestar atenção ao significado e importância de cada uma delas, conforme eram descobertas. Na medida em que passaram para o jogo "Quem sou eu? ", a descoberta dos conceitos mostrou-se difícil, o que se deveu, em muito, ao fato de não terem prestado a atenção devida à explicação de cada palavra descoberta anteriormente.

A partir de tais resultados, foi possível repensar de que forma essa dinâmica se desenvolveria melhor, ainda a tempo para a segunda oficina, realizada no mesmo dia. Dessa forma, ficou determinado que o jogo "Quem sou eu? " seria aplicado depois do momento inicial e antes da adivinhação das palavras cruzadas. Além disso, agora ele seria aplicado como a própria explicação dos conceitos, sem haver a competição do jogo, que estimula nos alunos o desejo de vencer e acaba desviando-lhes a atenção.

Figuras 27, 28 e 29: Aplicação de estratégia elaborada para perfil 03. Jovens participando de jogo de palavras.

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2018.

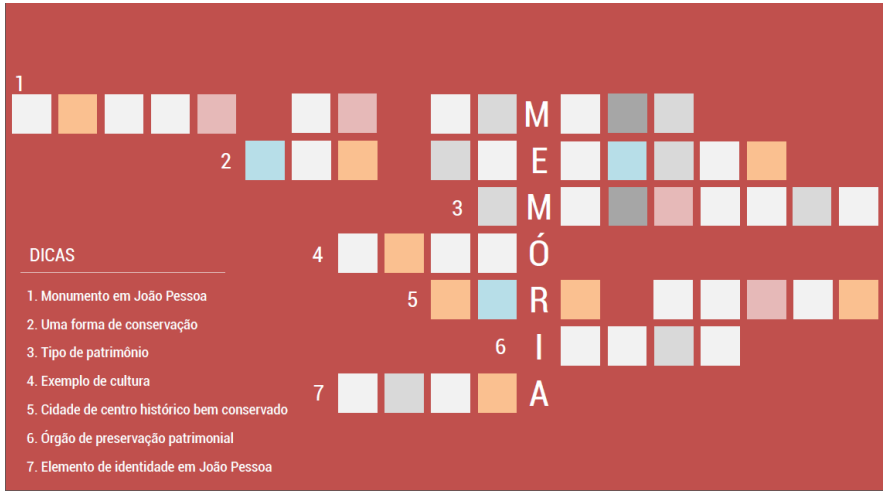
A descoberta da palavra seria feita em conjunto, trabalhando-se com as imagens e interagindo com os jovens. Essa forma de aplicação faria com que os alunos fixassem melhor os conceitos, na medida em que os veriam em texto e imagens, o que foi confirmado com a aplicação da segunda oficina, seguindo as novas determinações.

Para o momento da dinâmica do jogo, realizada agora ao final da ação, manteve-se a estratégia das palavras cruzadas, adivinhadas através do palpite de letras. O que aconteceu, dessa vez, foi que adivinhar as palavras se tornou muito fácil para eles, visto que tiveram um maior contato com os conceitos na atividade anterior, discutindo-os com maior atenção. Isso provou que, de fato, a melhor forma para a ação se desenvolver é com a sequência empregada nesta oficina: contextualização, "Quem sou eu? ", e Jogo de Palavras.

Então, considerando os aspectos positivos das alterações feitas, resta pensar uma forma de tornar o jogo mais interessante. A sugestão é que se adotem palavras diferentes dos conceitos abordados, porém, que se encontrem inseridas em suas discussões. Elas devem receber dicas (Figura 30) para auxiliar na sua descoberta, o que torna possível retomar as discussões patrimoniais. A equipe a vencer o jogo será aquela que acertar mais palavras, como antes. Dessa forma, as dicas e respectivas palavras propostas são:

- Monumento em João Pessoa: Fonte de Tambiá
- Uma forma de conservação: Uso adequado
- Tipo de patrimônio: Ambiental
- Exemplo de cultura: Forró
- Cidade de Centro Histórico bem conservado: Ouro Preto
- Órgão de preservação patrimonial: IPHAN
- Elemento de identidade em João Pessoa: Lagoa

Figura 30: Nova proposta para jogo de palavras.



Fonte: Elaborado por autora, 2018.

Por fim, a etapa de aplicação de estratégias foi concluída – ainda que tenham sido ministradas em caráter de teste – trazendo considerações relevantes sobre formas de desenvolvimento que poderiam trazer melhores resultados. A participação dos jovens nas dinâmicas e apresentações se mostrou como um saldo positivo no propósito a que se propunham, pois, ao fazê-lo, os estudantes demonstraram interesse pela temática. O simples fato de terem se envolvido e, por vezes, se identificado no contexto histórico da cidade, já sugere uma adesão às novas ideias com que tiveram contato. O que se espera é que este público tenha ganho alguma consciência sobre a importância de conservar o patrimônio, através das informações transmitidas com as dinâmicas e linguagem adequadas às diferentes fases de aprendizado em que se encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, iniciada a partir da experiência como membro do projeto de extensão Memória João Pessoa, se mostrou um desafio desde o princípio, visto que o seu produto final seria resultado da investigação de um público tão diverso e, no entanto, tão similar em termos de carência de conhecimento patrimonial. Isso mostra porque, ainda nos dias atuais, é tão difícil trabalhar esse tema, na medida em que falta, às grandes massas sociais, a noção e consciência sobre a importância em preservar sua história.

A mesma dificuldade, no entanto, serve como força propulsora que estimula o desejo em **agir**, isto é, em tomar uma atitude frente ao descaso com que é tratado o patrimônio, sobretudo local. Assim, a proposta da elaboração e aplicação de estratégias didáticas voltadas para a educação patrimonial foi resultado de um conjunto de experiências e percepções adquiridas e ressaltadas com o conhecimento obtido na graduação em arquitetura e urbanismo. Essas ações foram idealizadas com o intuito de contribuir no processo de descoberta do jovem como agente participante na construção da identidade cultural de toda uma sociedade e época.

Partindo dessa ideia, e considerando a pluralidade cultural em que se insere o patrimônio, seja ele material, imaterial ou ambiental, ao se trabalhar com educação patrimonial, deve-se ter em vista duas tarefas: a percepção do nível de conhecimento do público-alvo – ou, os condicionantes do contexto em que se insere – e, a partir disso, a transmissão de saberes fazendo uso de uma linguagem compatível com o seu grau de apreensão. Dessa forma, foram investigados os diferentes perfis de alunos encontrados no Ensino Fundamental das escolas do município, etapa que mais se prolongou no desenvolvimento da pesquisa, por se basear em uma análise qualitativa, envolvendo diversos fatores, com uma amostra de alunos considerável. Com base nos resultados obtidos através do conhecimento dessa realidade, foi possível propor ações de educação patrimonial idealizadas de acordo com as necessidades específicas dos perfis traçados.

Explorando o conceito de território como meio de introduzir a ideia de patrimônio para crianças ainda alheias a essa realidade, foi possível trabalhar a valorização do centro histórico da cidade, bem como de suas edificações e sítios urbanos. Explorando, também, o conceito de história como meio para consolidar o aprendizado de jovens em primeiro contato com esse conteúdo, foi possível abordar a trajetória de desenvolvimento da urbe e alguns bens arquitetônicos que surgiram ao longo desse tempo. Finalmente, explorando os próprios conceitos relativos ao patrimônio como meio de justificar a sua importância, foi possível revelar aos jovens como o seu cotidiano, no qual se inserem práticas e vivências, está repleto de significado, surgindo como processo e produto de suas ações.

Através da utilização das dinâmicas criadas para despertar nos jovens a curiosidade em conhecer sua herança, a educação patrimonial se confirma como abordagem contínua, em que a busca pelo entendimento do presente requer o conhecimento do passado. Diante disso, a fim de se manter como uma contribuição permanente, e não meramente passageira, as ações desenvolvidas por esta pesquisa serão incorporadas ao projeto Memória João Pessoa, tendo continuidade e colaborando efetivamente para aproximar o público de jovens do patrimônio da cidade de João Pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Heliana de Moraes et al. A prática da Educação Patrimonial: uma experiência no município de Restinga Sêca/RS. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.) **Educação Patrimonial: diálogos entre escola, museu e cidade**. João Pessoa: IPHAN, Caderno Temático 4, 2015.

AQUINO, Cristiane Valdevino de. Educação Patrimonial na sala de aula: A escola como patrimônio cultural. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.) **Educação Patrimonial: diálogos entre escola, museu e cidade**. João Pessoa: IPHAN, Caderno Temático 4, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica. **Trajetórias criativas: jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental: uma proposta metodológica que promove autoria, criação, protagonismo e autonomia – Caderno 1: proposta.** Brasília: Ministério da Educação, 2014a.

_____, Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica. **Trajetórias criativas: jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental: uma proposta metodológica que promove autoria, criação, protagonismo e autonomia – Caderno 2: Identidade.** Brasília: Ministério da Educação, 2014b.

_____, Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica. **Trajetórias criativas: jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental: uma proposta metodológica que promove autoria, criação, protagonismo e autonomia – Caderno 5: Território.** Brasília: Ministério da Educação, 2014c.

_____, Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica. **Trajetórias criativas: jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental: uma proposta metodológica que promove autoria, criação, protagonismo e autonomia – Caderno 6: Memória.** Brasília: Ministério da Educação, 2014d.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Intervenções sobre o patrimônio urbano: modelos e perspectivas**. Belo Horizonte: Fórum Patrimônio, 2007.

DIMENSTEIN, Dora. **Educação patrimonial, memória e cidadania: a experiência dos professores de História da rede municipal de Jaboatão dos Guararapes – PE**. Recife, 2017.

COSTA, Abel Taiguara Gomes et al. Proposta de roteiro turístico interpretativo e educação patrimonial na cidade de João Pessoa-PB a partir dos itinerários intramunicipal. In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO ARQUIMEMÓRIA 5, 2017, Salvador. **Anais do V Encontro Internacional sobre Preservação do Patrimônio Edificado**. Salvador: IAB-BA FAUFBA, 2017. 1 CD ROM.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. Educação Patrimonial: algumas diretrizes conceituais. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (Org.) **Educação Patrimonial**. Fortaleza: IPHAN, Cadernos do Patrimônio Cultural 1, 2015.

_____, Sônia Regina Rampim. Educação Patrimonial: um processo de mediação. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.) **Educação Patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: IPHAN, Caderno Temático 2, 2012.

_____, et al. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. IPHAN, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br – Acesso em 06 de março de 2018.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007.

GUALBERTO, Anna Luísa Dantas et al. Educação a serviço do patrimônio histórico pessoense: desafios e possibilidades. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM GRADUAÇÃO SUPERIOR COIPESU: OS DESAFIOS DA GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE, 2017, João Pessoa. **Anais do IV Encontro Internacional de Pesquisas em Graduação Superior**. João Pessoa: UFPB, 2017. 1 CD ROM.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras et al. **Guia básico da Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

MEDEIROS, Cleonécia Nayara Tenório de. Educação Patrimonial: A função das escolas na valorização arquitetônica e cultural dos bens materiais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL URBICENTROS V: CENTRALIDADES PERIFÉRICAS | PERIFERIAS CENTRAIS, 2016, João Pessoa. **Anais do V Seminário Internacional Urbicentros**. João Pessoa: UFPB, 2016. 1 CD ROM.

SILVA, Dandara Souza et al. A memória como instrumento para a educação patrimonial. In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO ARQUIMEMÓRIA 5, 2017, Salvador. **Anais do V Encontro Internacional sobre Preservação do Patrimônio Edificado**. Salvador: IAB-BA FAUFBA, 2017. 1 CD ROM.

UEB. **Apostila Curso Preliminar – Linhas: Dirigente Institucional e Escotista**. Curitiba, União dos Escoteiros do Brasil (UEB), 2012.

_____. **Escotistas em Ação – Ramo Escoteiro**. Curitiba, União dos Escoteiros do Brasil (UEB), 2015.

_____. **Escotistas em Ação – Ramo Lobinho**. Curitiba, União dos Escoteiros do Brasil (UEB), 2016b.

_____. **Estatuto dos Escoteiros**. Curitiba, União dos Escoteiros do Brasil (UEB), 2011.

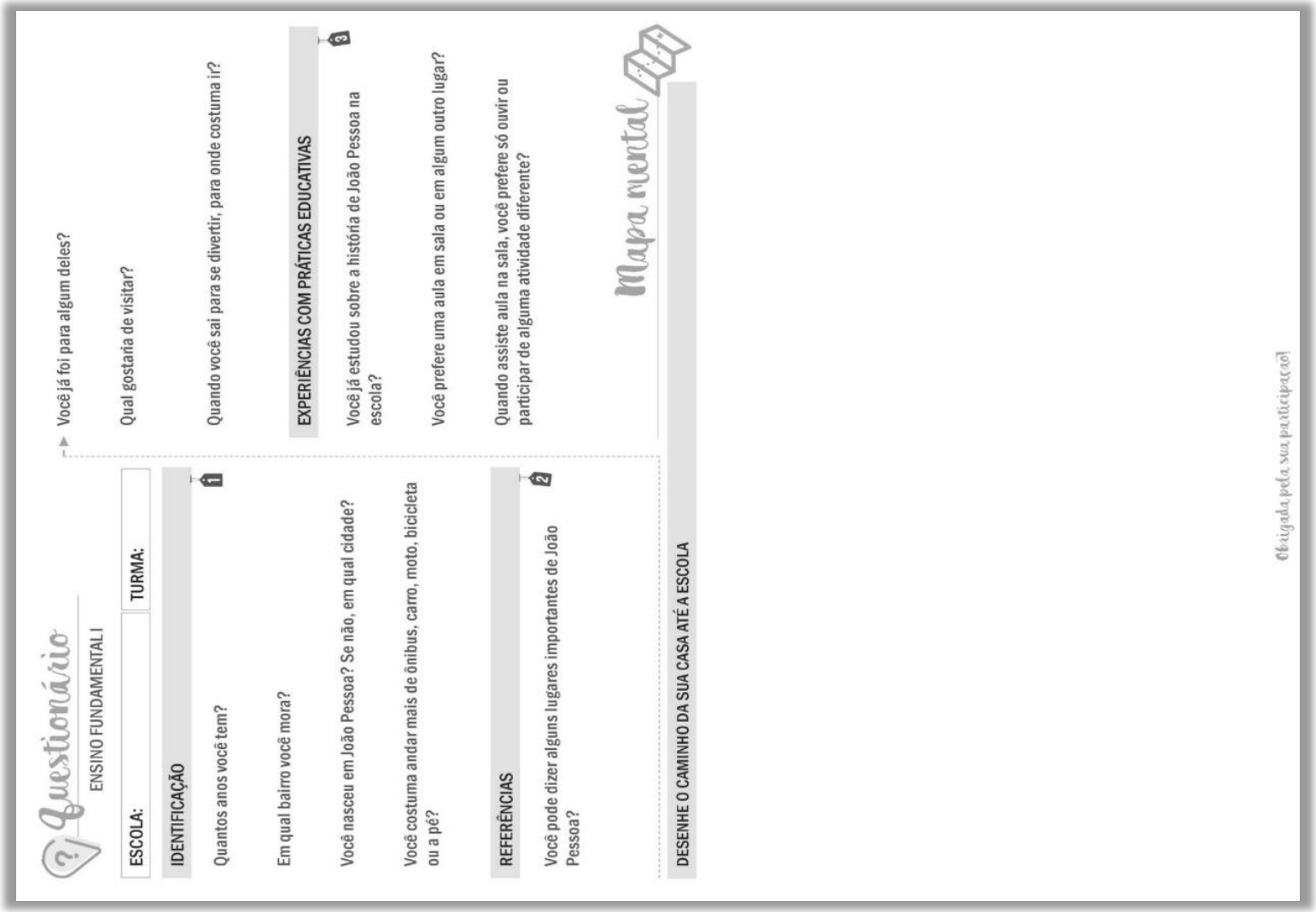
_____. **POR - Princípios, Organização e Regras**. Curitiba, União dos Escoteiros do Brasil (UEB), 2016a.

_____. **Projeto Educativo do Movimento Escoteiro**. Curitiba, União dos Escoteiros do Brasil (UEB), 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE 01 | MODELO PILOTO DE QUESTIONÁRIO 01

ENSINO FUNDAMENTAL I



Questionário

ENSINO FUNDAMENTAL I

ESCOLA: TURMA:

IDENTIFICAÇÃO 1

Quantos anos você tem?

Em qual bairro você mora?

Você nasceu em João Pessoa? Se não, em qual cidade?

Você costuma andar mais de ônibus, carro, moto, bicicleta ou a pé?

REFERÊNCIAS 2

Você pode dizer alguns lugares importantes de João Pessoa?

Você já foi para algum deles?

Qual gostaria de visitar?

Quando você sai para se divertir, para onde costuma ir?

EXPERIÊNCIAS COM PRÁTICAS EDUCATIVAS 3

Você já estudou sobre a história de João Pessoa na escola?

Você prefere uma aula em sala ou em algum outro lugar?

Quando assiste aula na sala, você prefere só ouvir ou participar de alguma atividade diferente?

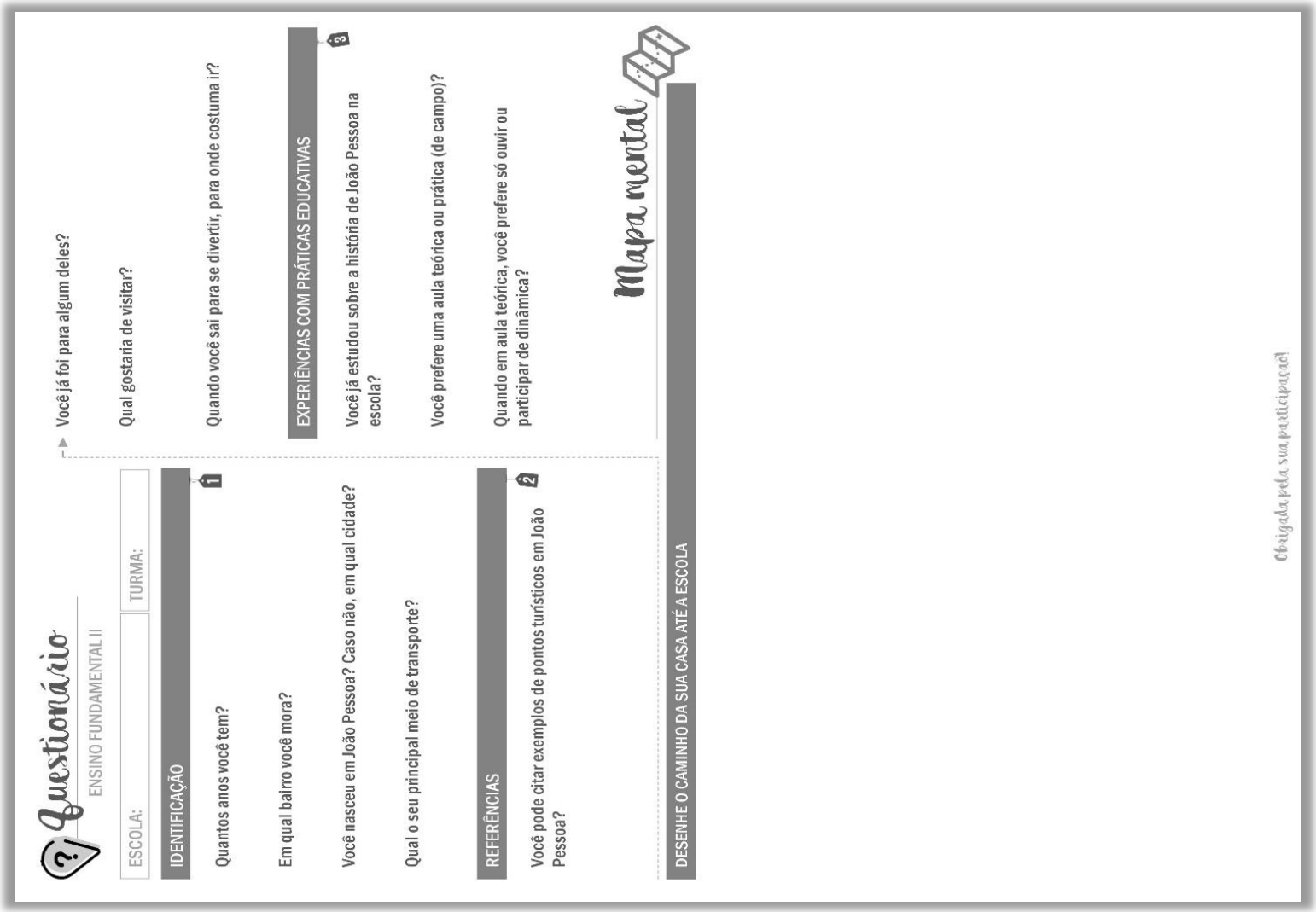
DESENHE O CAMINHO DA SUA CASA ATÉ A ESCOLA

Mapa mental

Obrigada pela sua participação!

APÊNDICE 02 | MODELO PILOTO DE QUESTIONÁRIO 02

ENSINO FUNDAMENTAL II



Questionário

ENSINO FUNDAMENTAL II

ESCOLA:

TURMA:

IDENTIFICAÇÃO 1

Quantos anos você tem?

Em qual bairro você mora?

Você nasceu em João Pessoa? Caso não, em qual cidade?

Qual o seu principal meio de transporte?

REFERÊNCIAS 2

Você pode citar exemplos de pontos turísticos em João Pessoa?

Você já foi para algum deles?

Qual gostaria de visitar?

Quando você sai para se divertir, para onde costuma ir?

EXPERIÊNCIAS COM PRÁTICAS EDUCATIVAS 3

Você já estudou sobre a história de João Pessoa na escola?

Você prefere uma aula teórica ou prática (de campo)?

Quando em aula teórica, você prefere só ouvir ou participar de dinâmica?

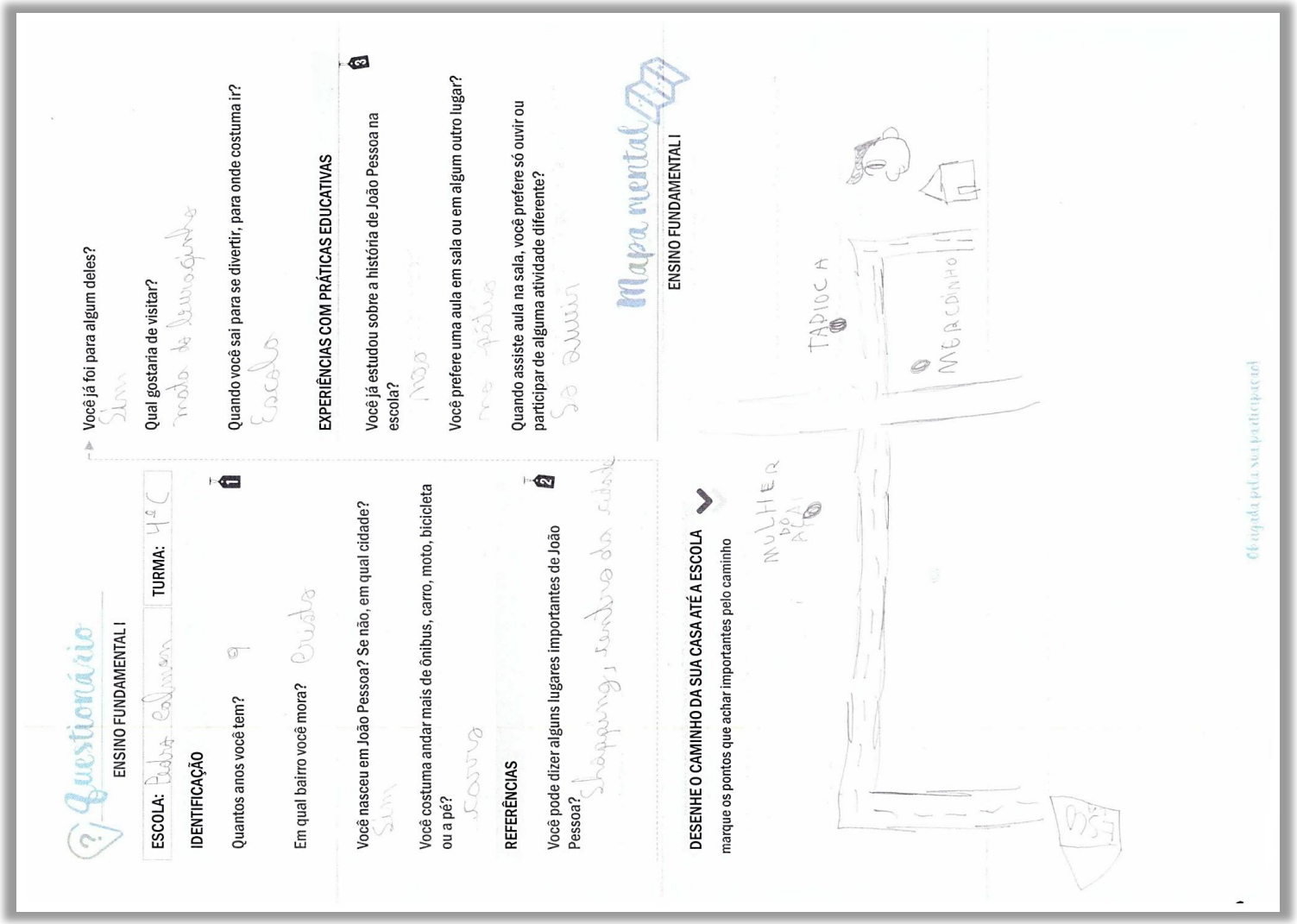
Mapa mental

DESENHE O CAMINHO DA SUA CASA ATÉ A ESCOLA

Obrigada pela sua participação!

APÊNDICE 03 | APLICAÇÃO DE MODELO PILOTO DE QUESTIONÁRIO 01

ENSINO FUNDAMENTAL I



Questionário

ENSINO FUNDAMENTAL I

ESCOLA: Pedro Calmon TURMA: 4ºC

IDENTIFICAÇÃO

Quantos anos você tem? 9

Em qual bairro você mora? Ondina

Você nasceu em João Pessoa? Se não, em qual cidade?
Sim

Você costuma andar mais de ônibus, carro, moto, bicicleta ou a pé?
Sempre

REFERÊNCIAS

Você pode dizer alguns lugares importantes de João Pessoa?
Shopping, Sanhauá da cidade

DESENHE O CAMINHO DA SUA CASA ATÉ A ESCOLA

marque os pontos que achar importantes pelo caminho

MULHER DO AÇÃO

TAPIOCA

MERCADINHO

Você já foi para algum deles?
Sim

Qual gostaria de visitar?
Parque do Lumiaçuba

Quando você sai para se divertir, para onde costuma ir?
Escola

EXPERIÊNCIAS COM PRÁTICAS EDUCATIVAS

Você já estudou sobre a história de João Pessoa na escola?
Não

Você prefere uma aula em sala ou em algum outro lugar?
Em sala

Quando assiste aula na sala, você prefere só ouvir ou participar de alguma atividade diferente?
Só ouvir

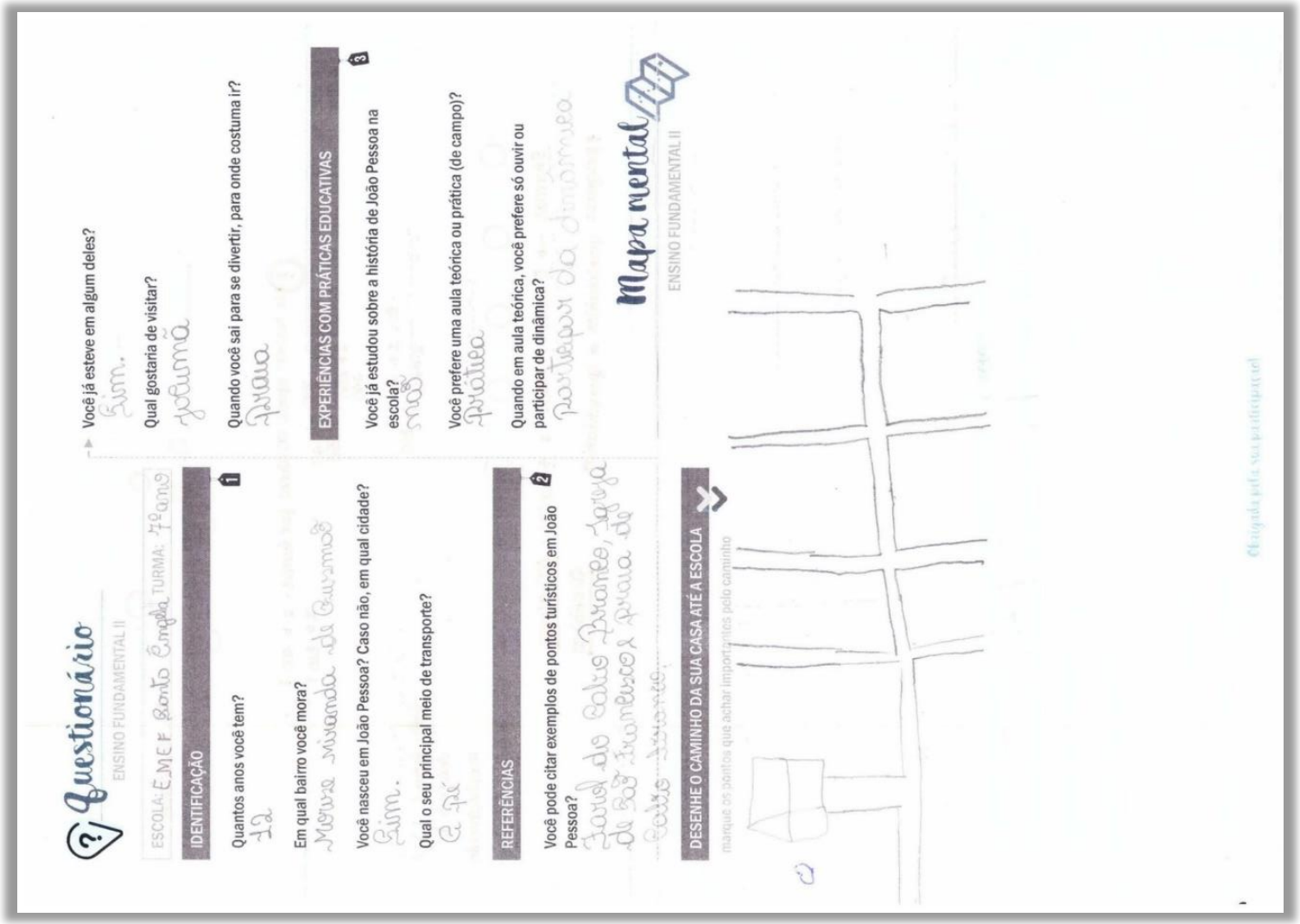
Mapa mental

ENSINO FUNDAMENTAL I

Chegada pela sua participação

APÊNDICE 04 | APLICAÇÃO DE MODELO PILOTO DE QUESTIONÁRIO 02

ENSINO FUNDAMENTAL II



Questionário

ENSINO FUNDAMENTAL II

ESCOLA: EMEF Santo Emydio TURMA: 7º ano

IDENTIFICAÇÃO

1

Quantos anos você tem?
12

Em qual bairro você mora?
Mussa Miranda de Carvalho

Você nasceu em João Pessoa? Caso não, em qual cidade?
Sim.

Qual o seu principal meio de transporte?
a pé

REFERÊNCIAS

2

Você pode citar exemplos de pontos turísticos em João Pessoa?
Farol do Cabo Branco, Igreja de São Francisco e Praia do Cabo Branco.

DESENHE O CAMINHO DA SUA CASA ATÉ A ESCOLA

marque os pontos que achar importantes pelo caminho

Você já esteve em algum deles?
Sim.

Qual gostaria de visitar?
Igreja

Quando você sai para se divertir, para onde costuma ir?
Praia

EXPERIÊNCIAS COM PRÁTICAS EDUCATIVAS

3

Você já estudou sobre a história de João Pessoa na escola?
não

Você prefere uma aula teórica ou prática (de campo)?
Prática

Quando em aula teórica, você prefere só ouvir ou participar de dinâmica?
Participar da dinâmica

Mapa mental

ENSINO FUNDAMENTAL II

Obrigada pela sua participação!

APÊNDICE 05.1 | MODELO FINAL DE QUESTIONÁRIO

ENSINO FUNDAMENTAL I E II - PÁGINA 01

Questionário

ESCOLA:

ENSINO FUNDAMENTAL I E II

TURMA:

IDENTIFICAÇÃO

Quantos anos você tem?

Em qual bairro você mora?

Você nasceu em João Pessoa? Se não, em qual cidade?

Qual o seu principal meio de transporte quando anda pela cidade (ônibus, carro, moto, bicicleta, a pé...)?

EXPERIÊNCIAS COM PRÁTICAS EDUCATIVAS

Você já estudou sobre a história de João Pessoa na escola?

Você prefere assistir uma aula na escola ou em algum outro lugar (em visita, passeio) ?

Quando em aula na escola, você prefere só ouvir ou participar de alguma dinâmica (atividade diferente, brincadeira) ?

REFERÊNCIAS

Você pode dizer alguns lugares importantes de João Pessoa? Por que você os acha importantes?

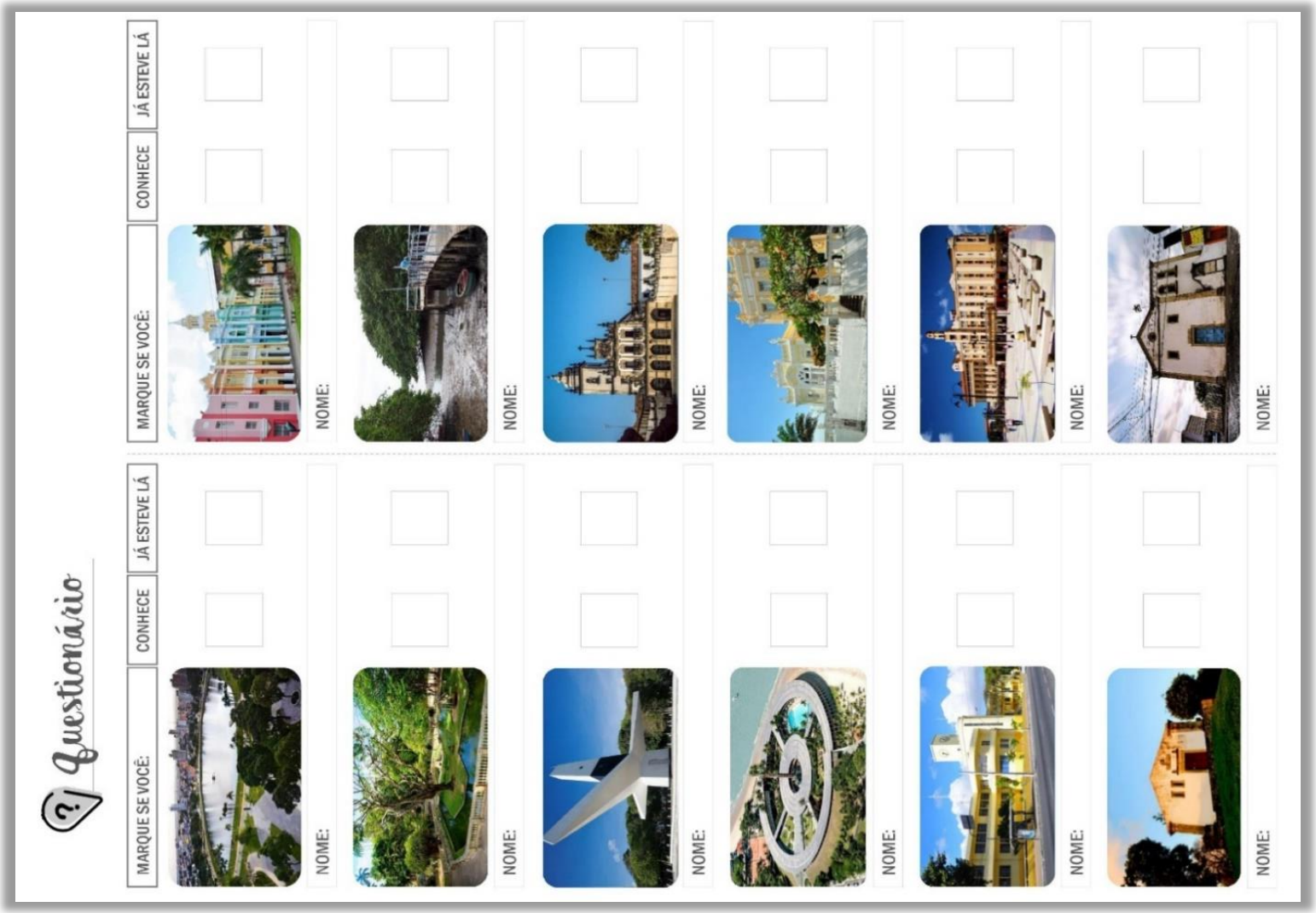
Você já foi para algum deles? Se sim, qual?

Qual/Quais gostaria de visitar?

Quando você sai para se divertir, para onde costuma ir?

APÊNDICE 05.2 | MODELO FINAL DE QUESTIONÁRIO

ENSINO FUNDAMENTAL I E II - PÁGINA 02



Questionário

MARQUE SE VOCÊ:	CONHECE	JÁ ESTEVE LÁ
NOME:		
NOME:		
NOME:		
NOME:		
NOME:		
NOME:		

MARQUE SE VOCÊ:	CONHECE	JÁ ESTEVE LÁ
NOME:		
NOME:		
NOME:		
NOME:		
NOME:		
NOME:		

APÊNDICE 06 | APRESENTAÇÃO DE OFICINA PARA PERFIL 01 – TERRITÓRIOS

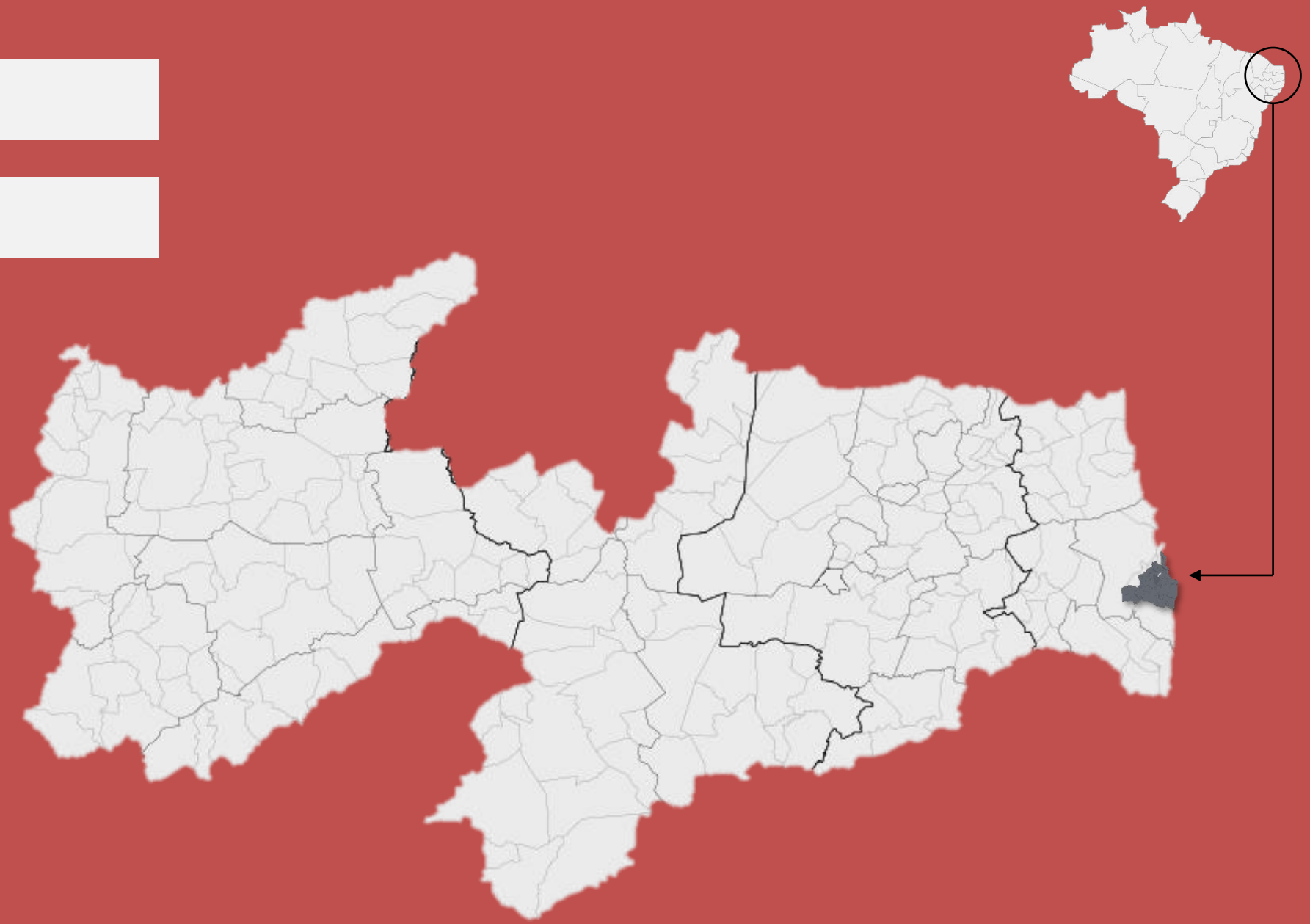
ENTENDENDO TERRITÓRIOS

ONDE EU MORO?

País

País

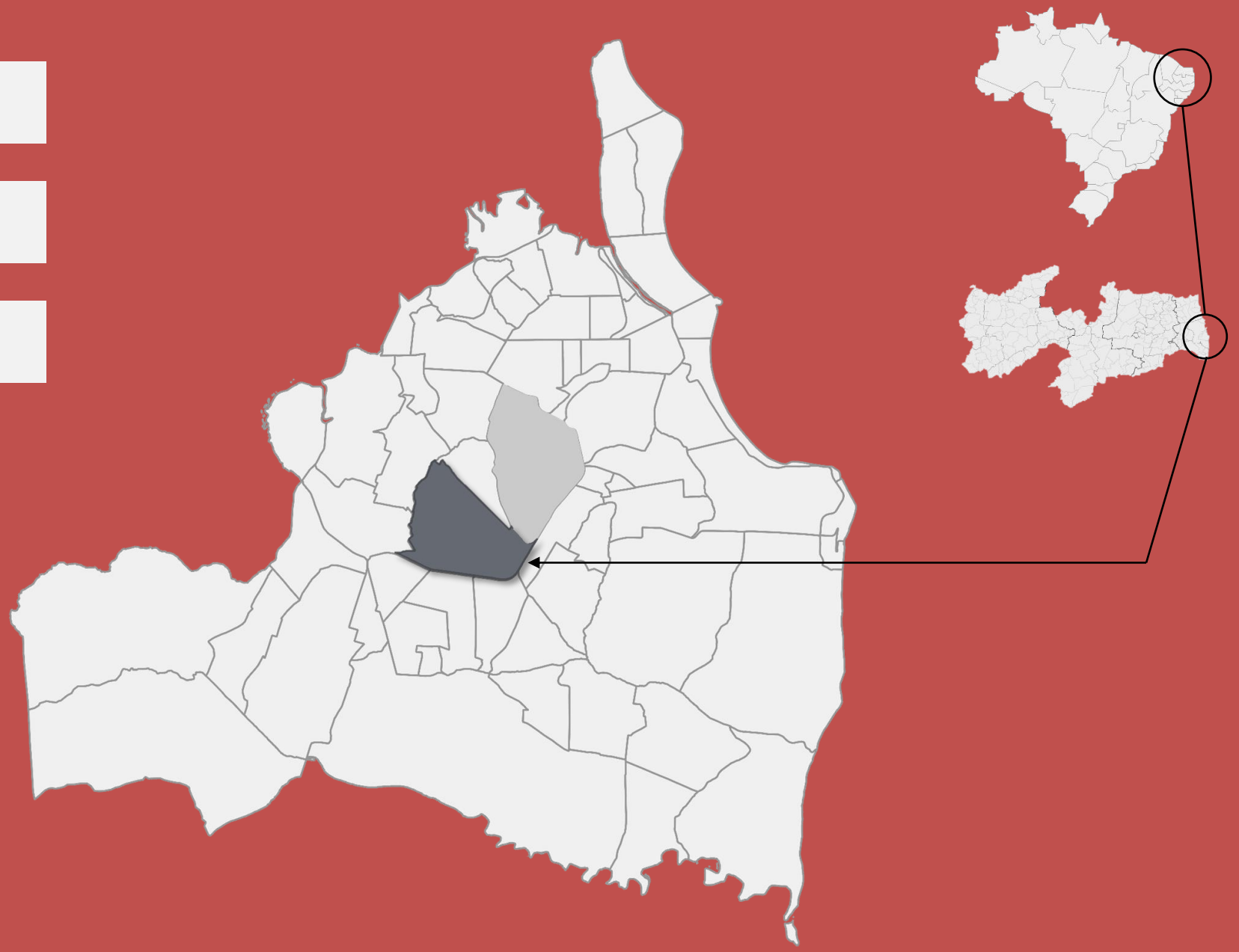
Estado



País

Estado

Cidade

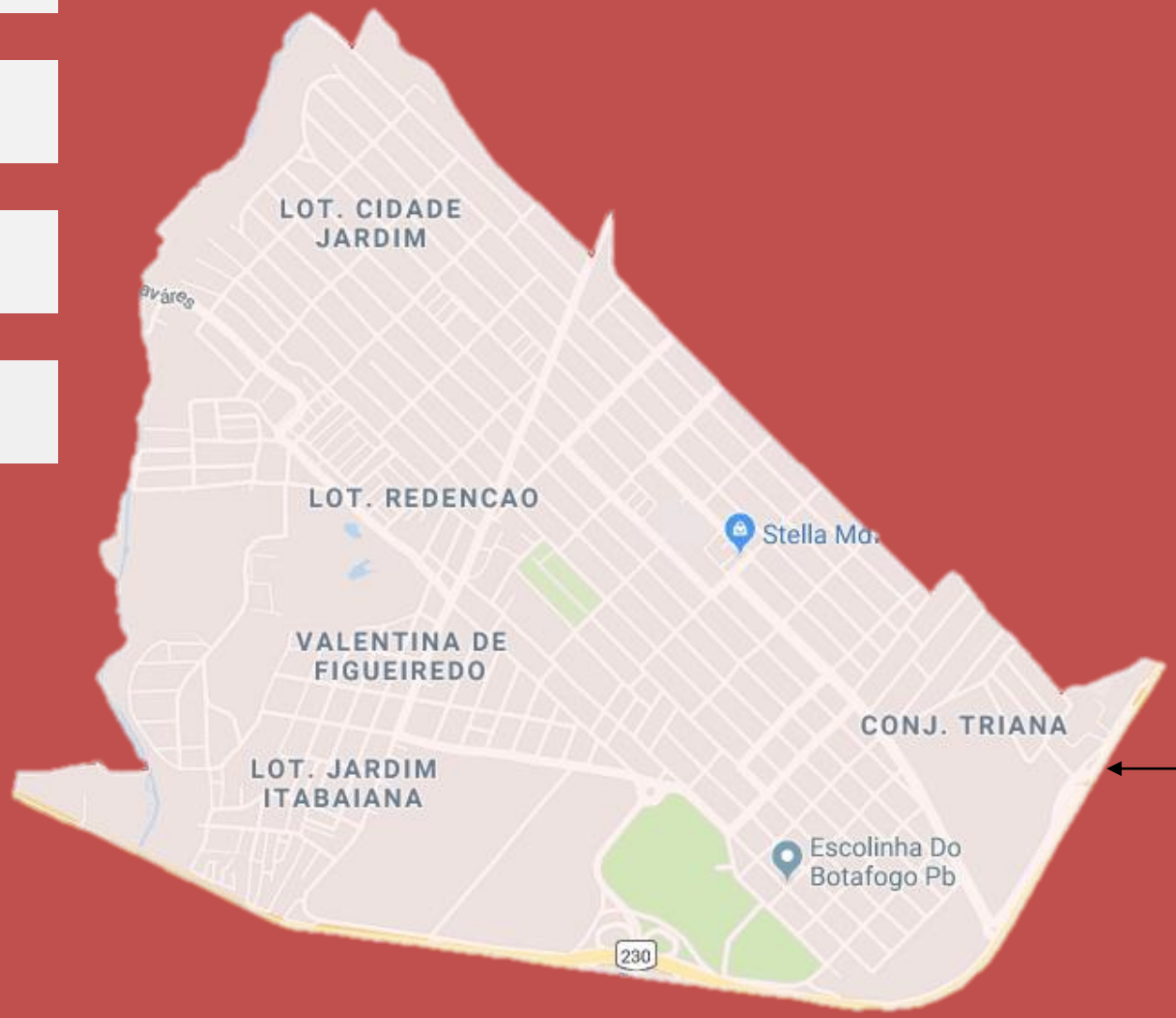


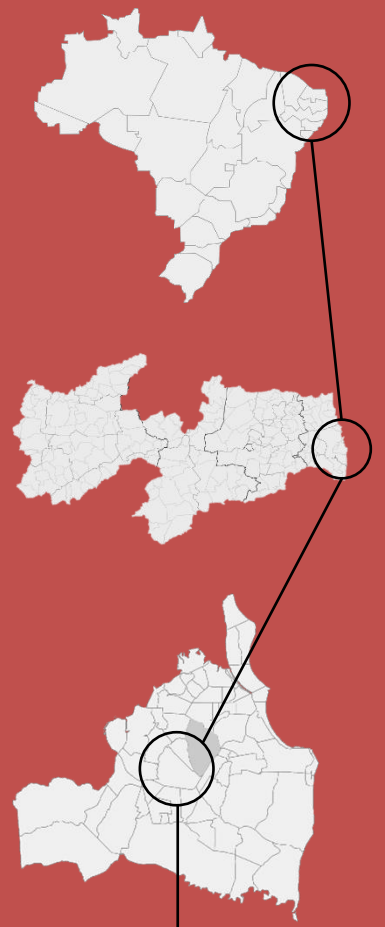
País

Estado

Cidade

Bairro





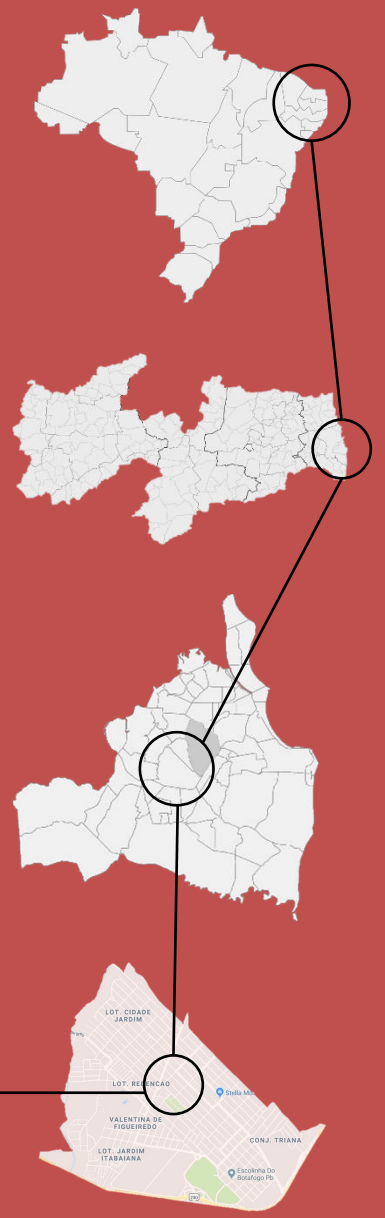
País

Estado

Cidade

Bairro

Rua



País

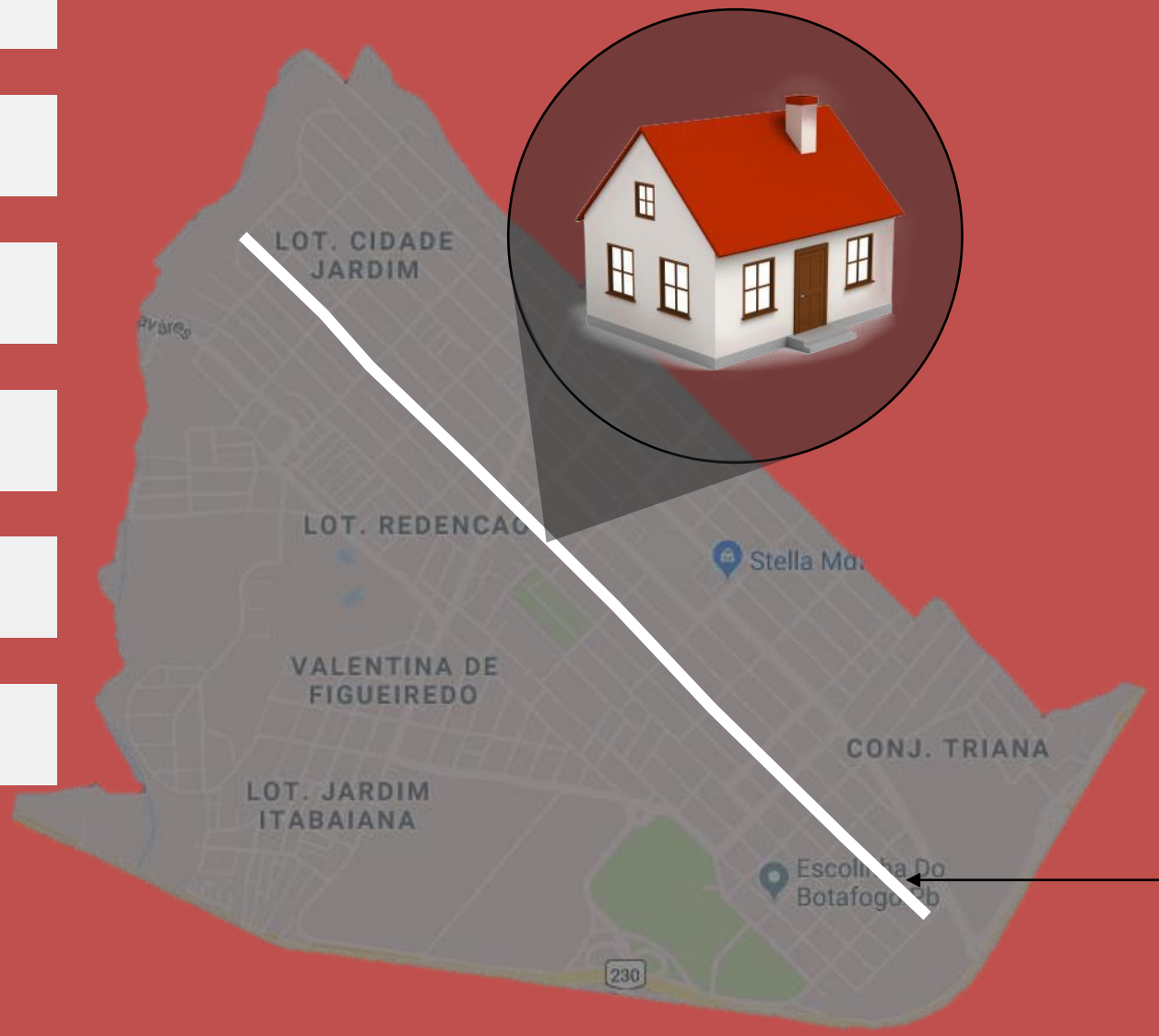
Estado

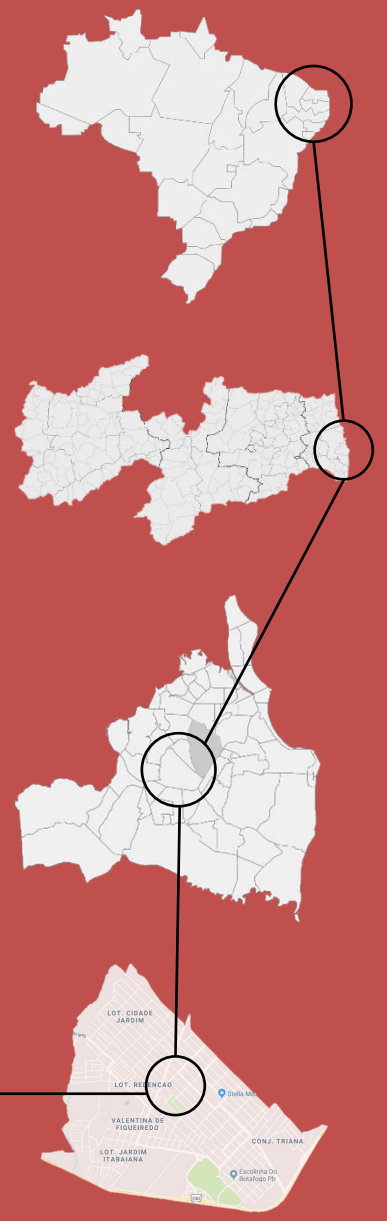
Cidade

Bairro

Rua

Casa





País

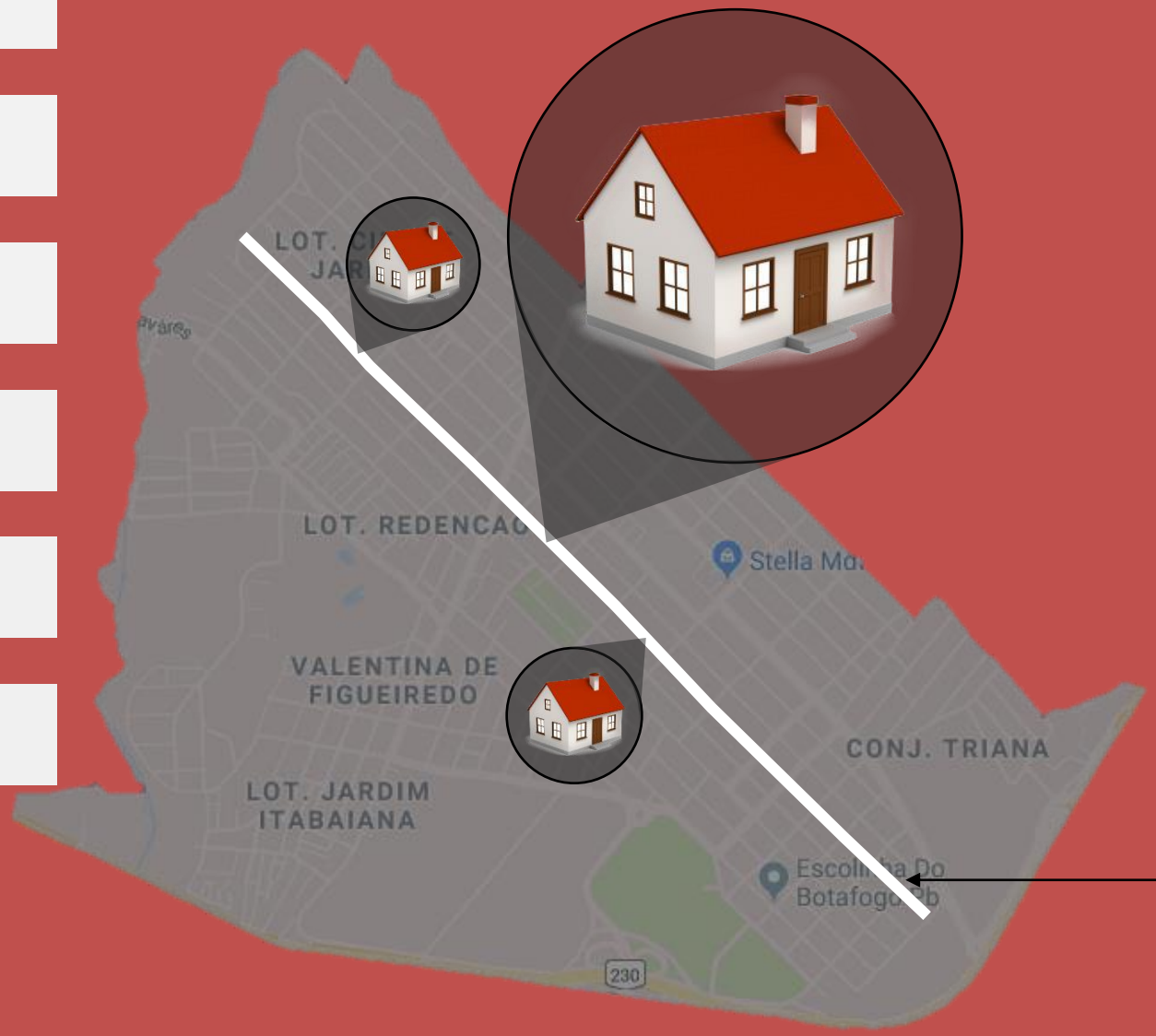
Estado

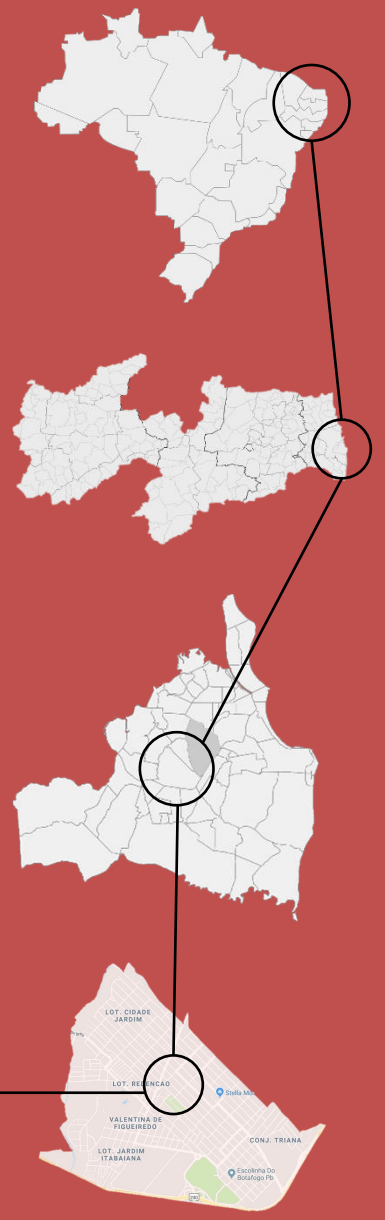
Cidade

Bairro

Rua

Casa





País

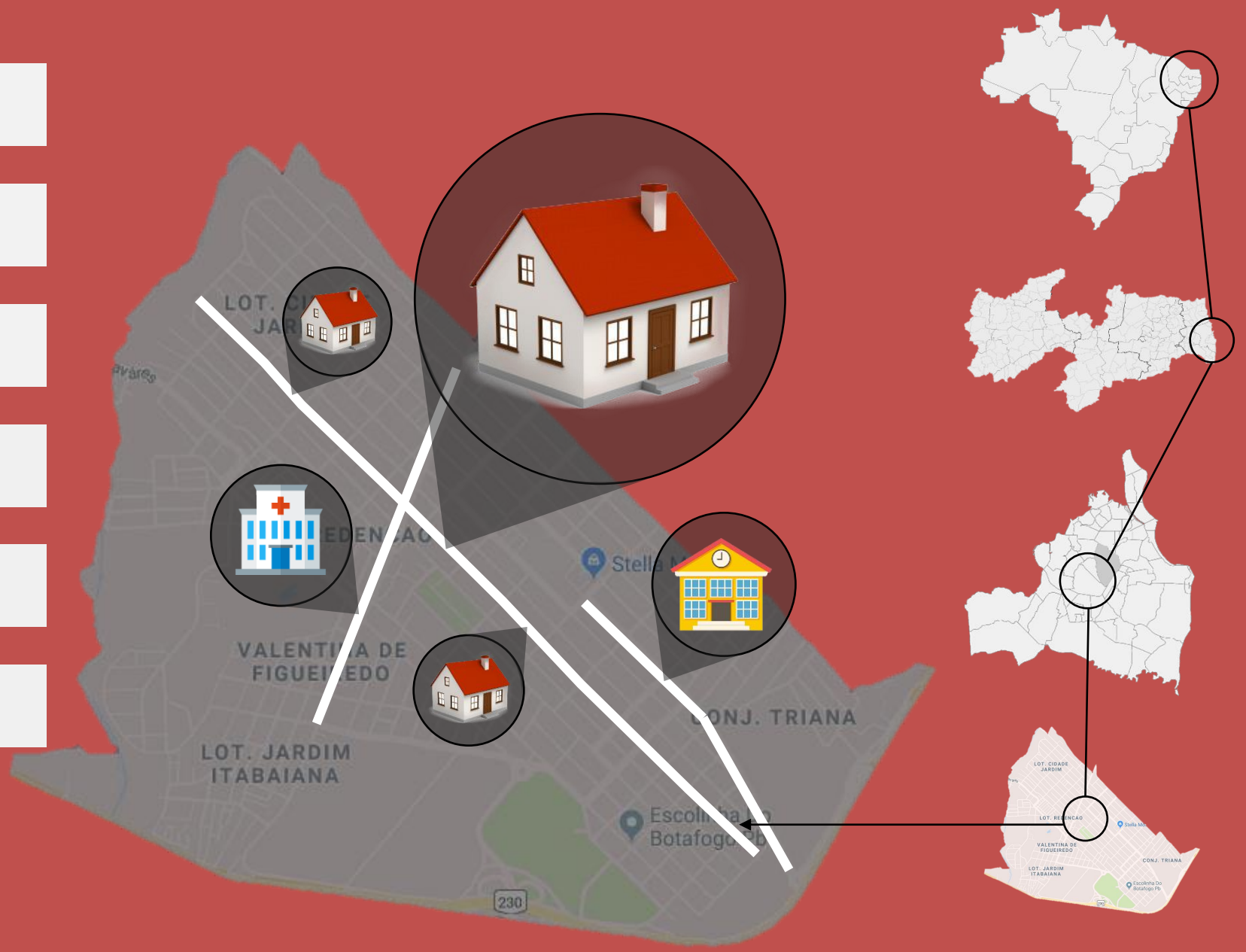
Estado

Cidade

Bairro

Rua

Casa



ENTENDENDO TERRITÓRIOS

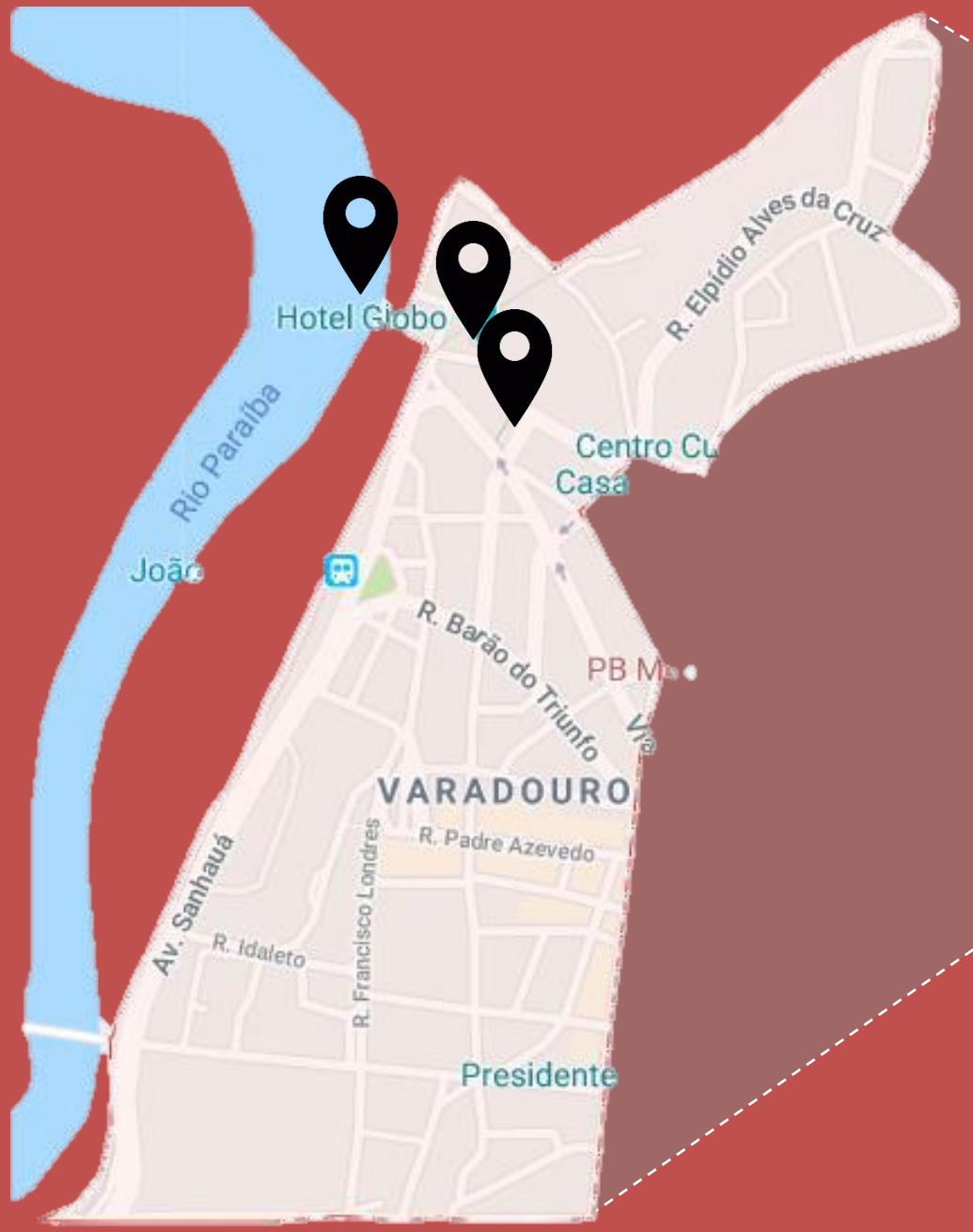
A CIDADE DE JOÃO PESSOA E O PATRIMÔNIO

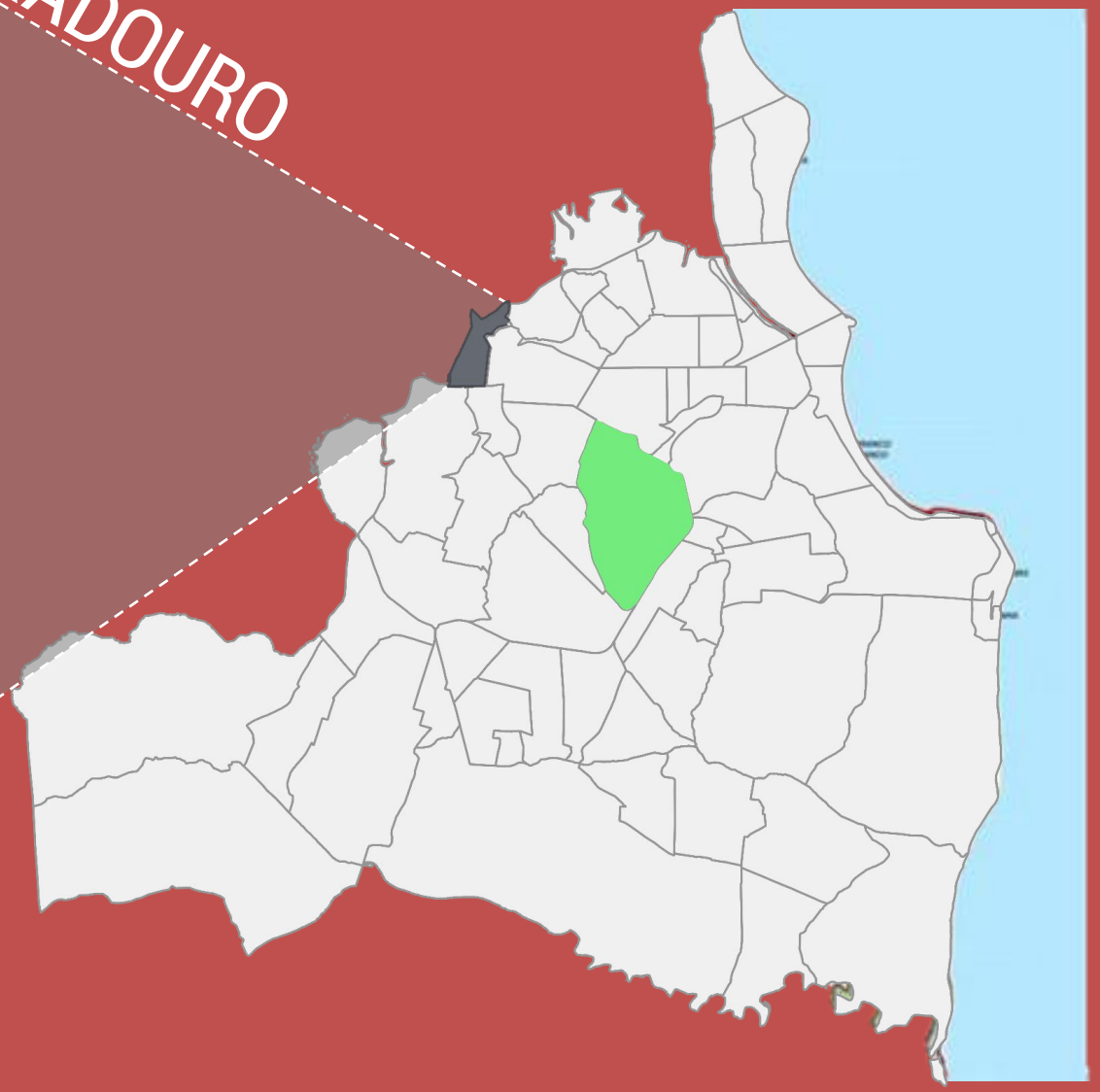
JOGO

CONSTRUINDO MINHA CIDADE

O CENTRO HISTÓRICO

VARADOURO


Hotel Globo
Rio Paraíba
João
R. Elpídio Alves da Cruz
Centro Cu
Casa
R. Barão do Triunfo
PB M
VARADOURO
R. Padre Azevedo
Av. Sanhauá
R. Idaleto
R. Francisco Londres
Presidente



Rio Sanhauá

Foi às margens do Rio Sanhauá que surgiu a cidade de João Pessoa, na época batizada como Nossa Senhora das Neves.

O Rio foi fundamental para a escolha da localização da cidade devido ao caráter de defesa que oferecia contra os invasores.

Hotel Globo

O largo onde está inserido o Hotel Globo é o único exemplar ainda existente em João Pessoa.

Da varanda do Hotel há uma paisagem muito famosa com vista para o Rio Sanhauá.

Mas o que é um largo?

Largo São Frei Pedro Gonçalves

Mas o que é um largo?

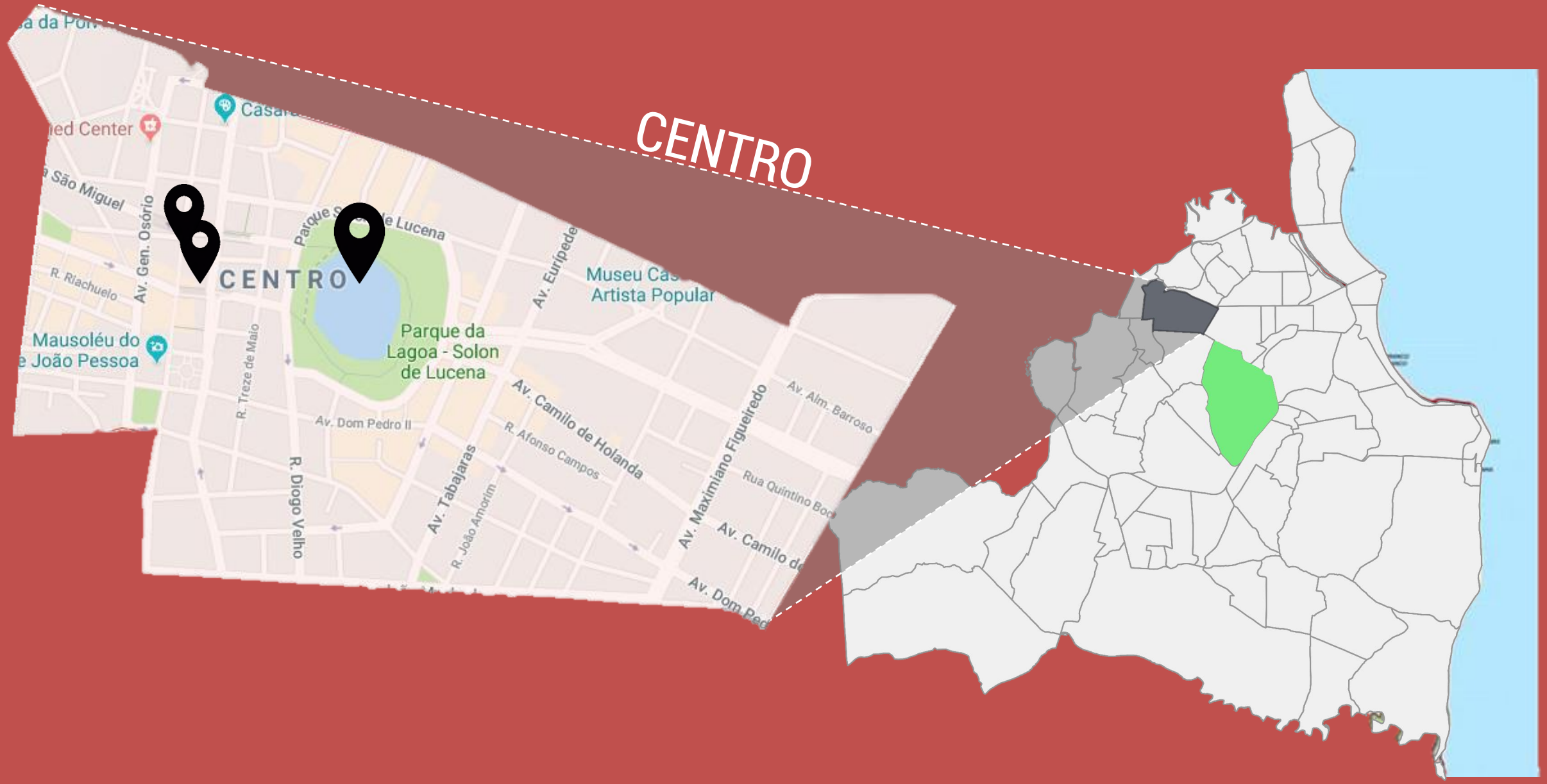
Largo São Frei Pedro Gonçalves

Praça Antenor Navarro

Muitas vezes, é confundida com o Centro Histórico da cidade, quando, na verdade, ela apenas faz parte dele.

Antigamente existia um posto de gasolina onde hoje está localizada a Praça.

CENTRO


CENTRO
Parque da Lagoa - Solon de Lucena
Museu Casa Artista Popular
Mausoléu do João Pessoa
Av. Gen. Osório
R. Riachuelo
R. Treze de Maio
Av. Dom Pedro II
R. Diogo Velho
Av. Tabajaras
R. João Amorim
R. Afonso Campos
Av. Camilo de Holanda
Av. Maximiano Figueiredo
Av. Alm. Barroso
Av. Euripedes

Lagoa

A Lagoa fica no Parque Sólon de Lucena.

Antigamente, chamada de Lagoa dos Irerês, impedia o crescimento da cidade, o que só mudou quando foi criado o Parque.

Ponto de Cem Réis

Seu nome oficial é Praça Vidal de Negreiros.

Foi criada para ser o ponto de ligação das linhas de bonde que existiam na cidade, antigamente.

Os condutores cobravam a passagem gritando “Cem réis! Cem Réis!”

Mas o que é um bonde?

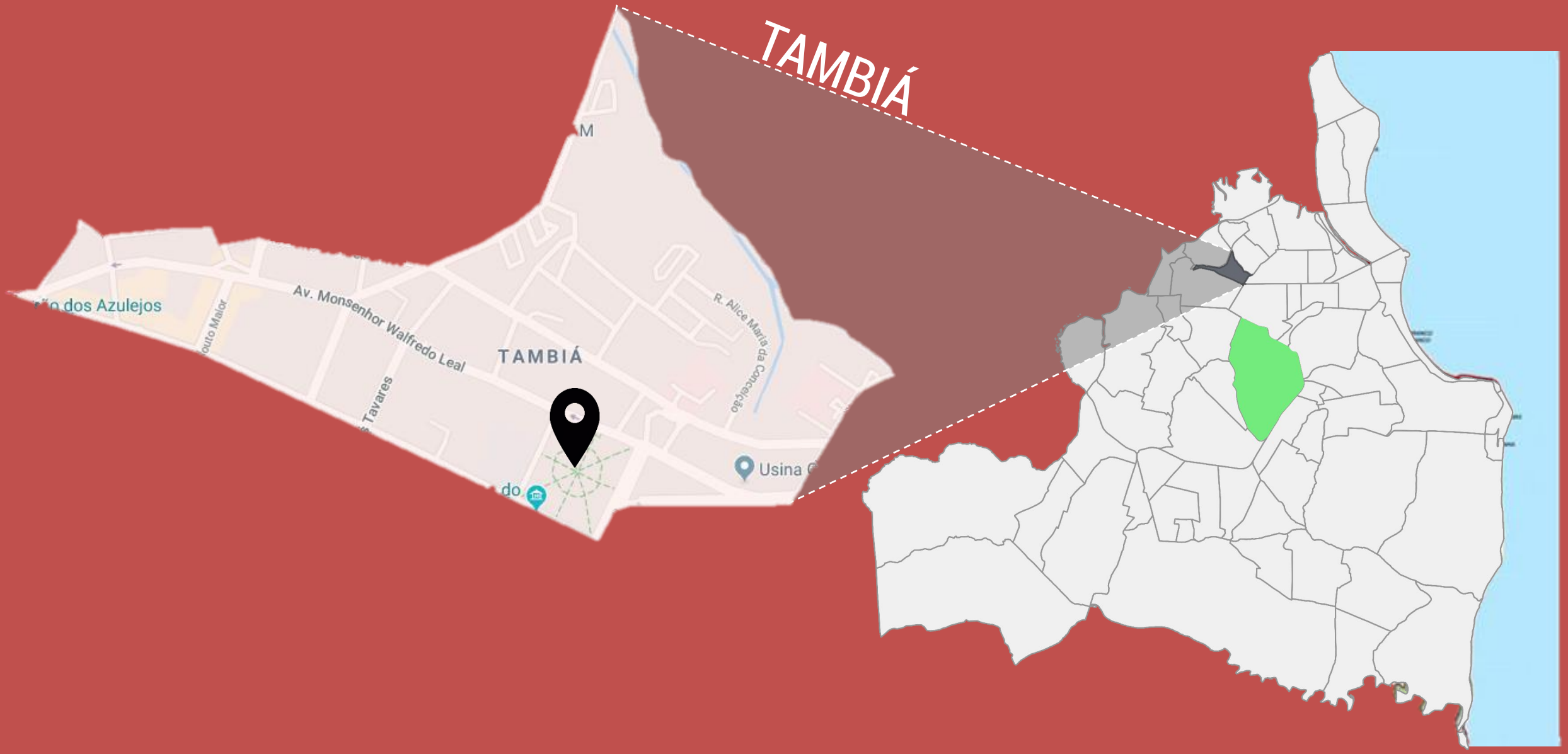
Na Usina Cultural Energisa há um exemplar à mostra.

Igreja da Misericórdia

Era voltada para auxiliar as pessoas mais pobres.

Na sua torre, existe a chamada “roda dos expostos", onde as mães que não podiam criar seus filhos os colocavam, para que fossem acolhidas pela igreja.

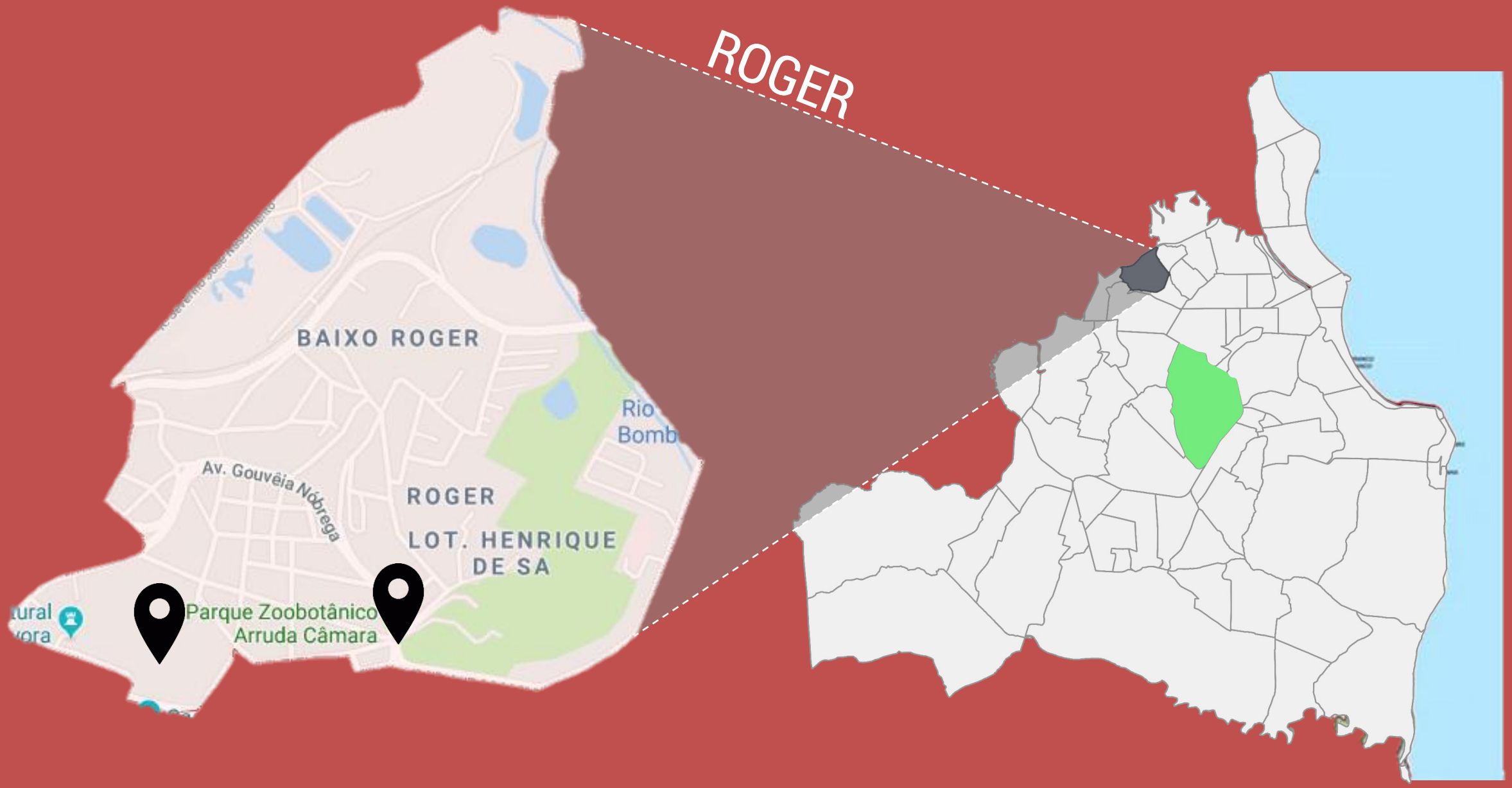
TAMBIÁ


Av. Monsenhor Walfredo Leal
TAMBIÁ
R. Alice Maria da Conceição
Usina

Praça da Independência

Foi criada para atrair as pessoas do Centro para o outro lado da cidade, em direção a praia.

É um local de encontros, para onde as pessoas vão passear.


ROGER
BAIXO ROGER
Rio
Bomb
Av. Gouvêia Nóbrega
ROGER
LOT. HENRIQUE
DE SA
Parque Zoobotânico
Arruda Câmara

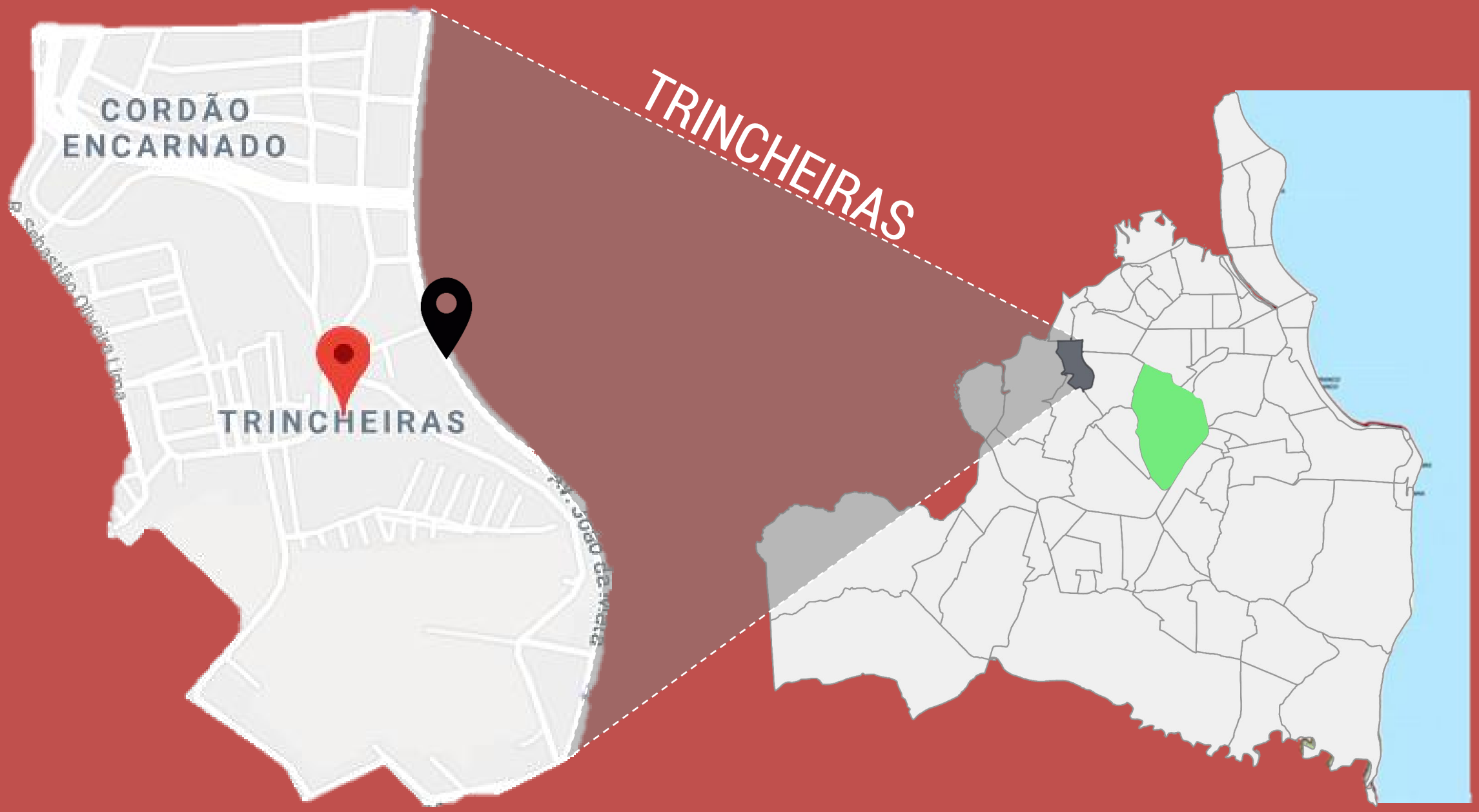
Bica

Seu nome oficial é Parque Arruda Câmara.

É chamada de Bica por haver uma que, antigamente, oferecia água para a população. Foi construída em seu lugar uma fonte, presente até os dias de hoje.

Centro Cultural São Francisco

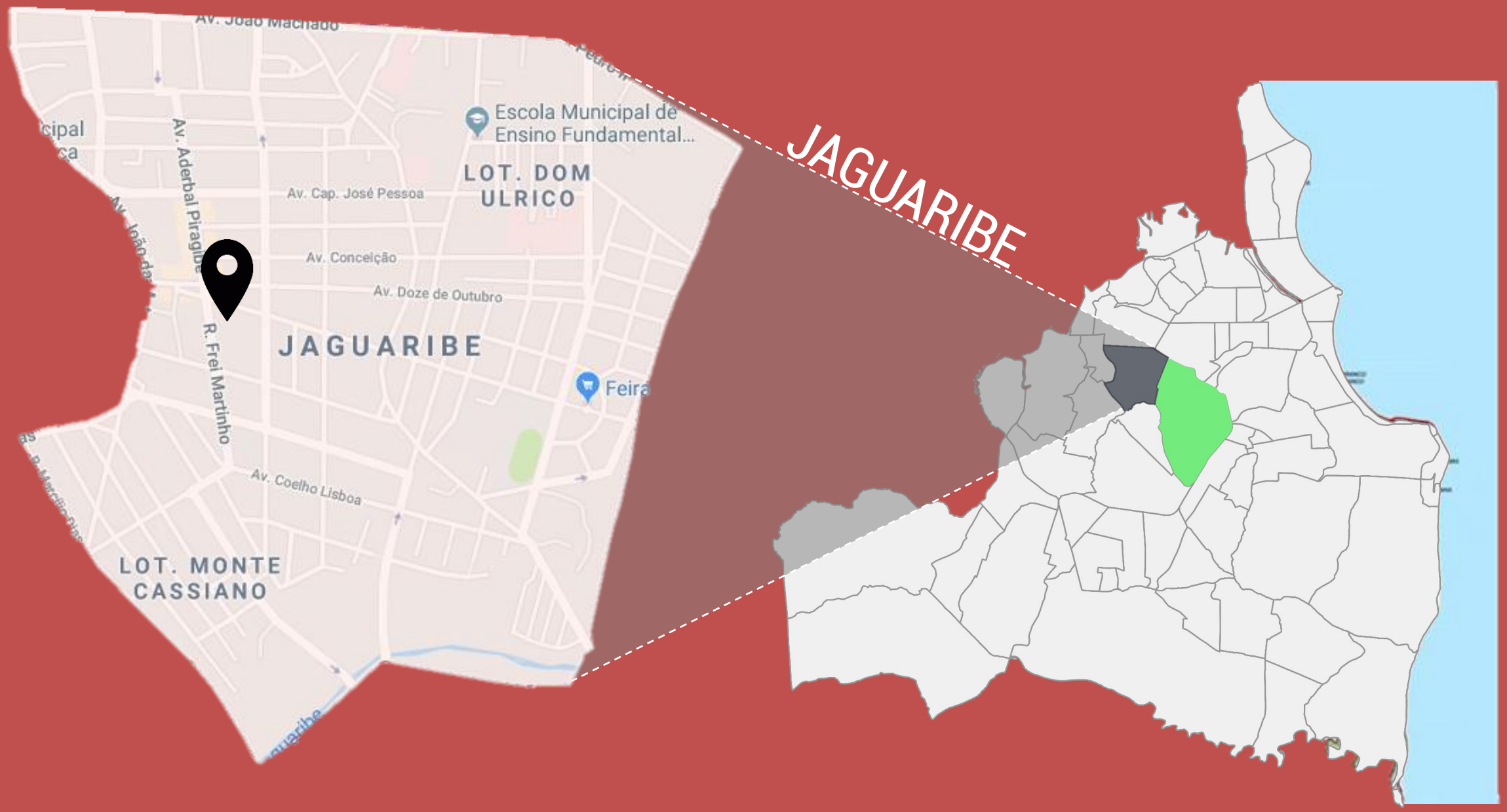
A Igreja que faz parte desse conjunto é conhecida por muitos como Igreja de São Francisco, por ter sido construída pelos franciscanos, no entanto, seu verdadeiro nome é Igreja de Santo Antônio.


TRINCHEIRAS
CORDÃO
ENCARNADO
TRINCHEIRAS

Casario Rua das Trincheiras

Essa foi uma das áreas residenciais de maior prestígio da cidade, onde eram construídas mansões..

Moravam nela “senhores de algodão”.


Av. João Machado
Escola Municipal de Ensino Fundamental...
LOT. DOM ULRICO
Av. Cap. José Pessoa
Av. Aderbal Piraguibe
Av. Conceição
Av. Doze de Outubro
R. Frei Martinho
JAGUARIBE
Feira
Av. Coelho Lisboa
LOT. MONTE CASSIANO
JAGUARIBE

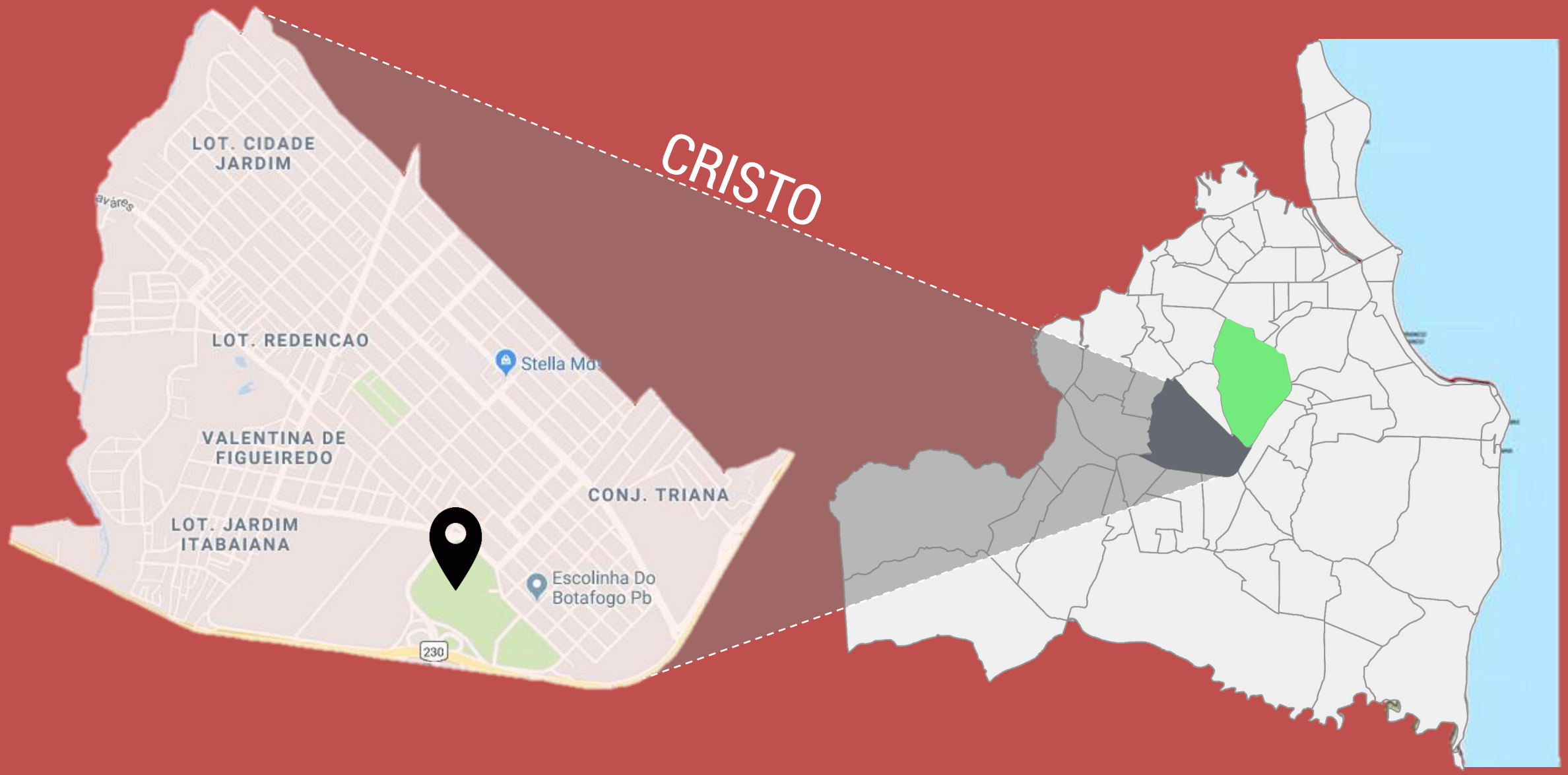
IGREJA DO ROSÁRIO

Foi criada para atender aos moradores do bairro, que deslocavam-se muito para ir a igreja mais próxima.

Foi construída pelos franciscanos.

O seu interior

A EXPANSÃO

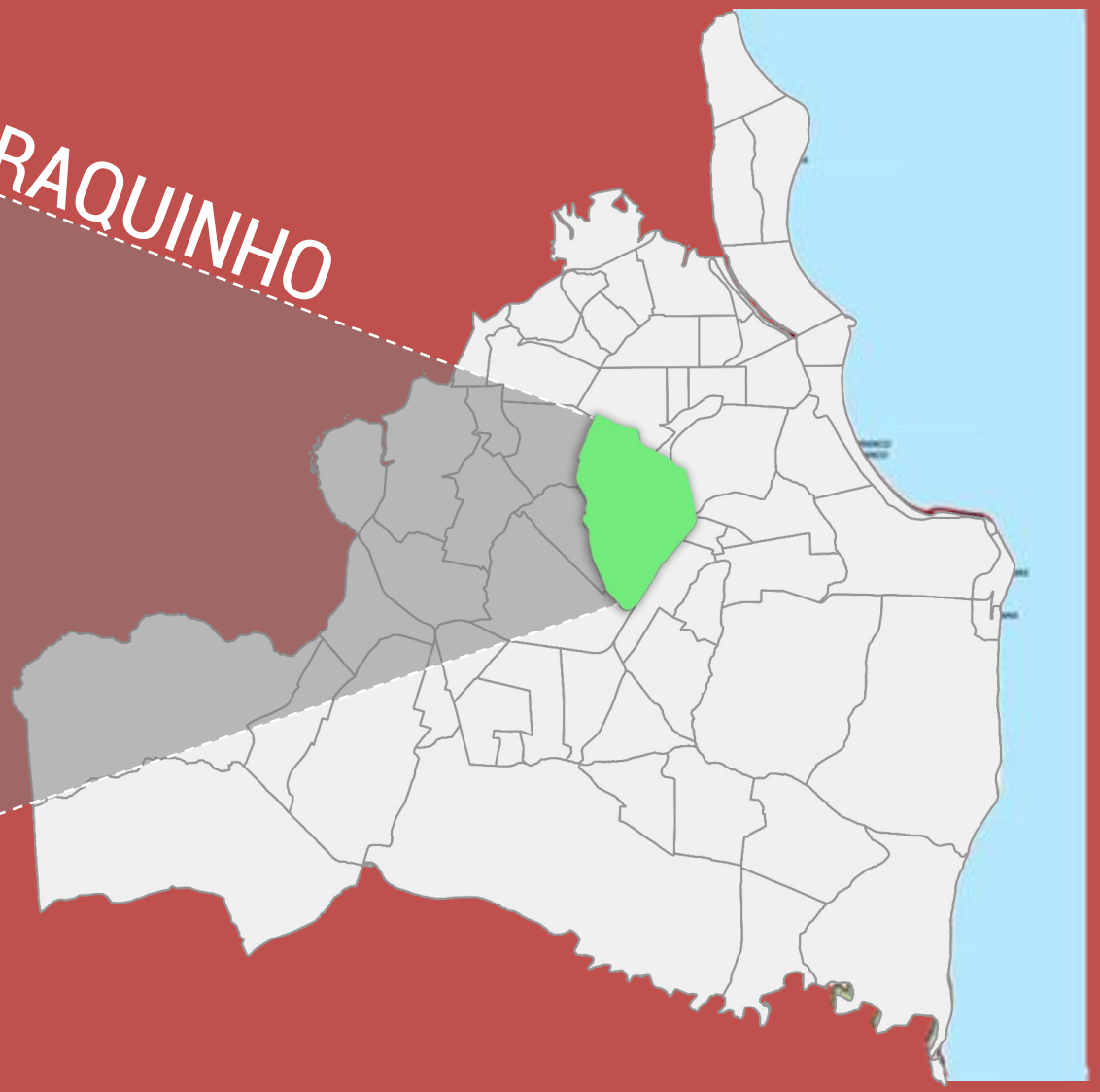

CRISTO
LOT. CIDADE JARDIM
LOT. REDENCAO
VALENTINA DE FIGUEIREDO
LOT. JARDIM ITABAIANA
CONJ. TRIANA
Escolinha Do Botafogo Pb
230

Estádio Almeidão

Foi uma obra moderna para sua época, construído juntamente ao Estádio Amigão, em Campina Grande.

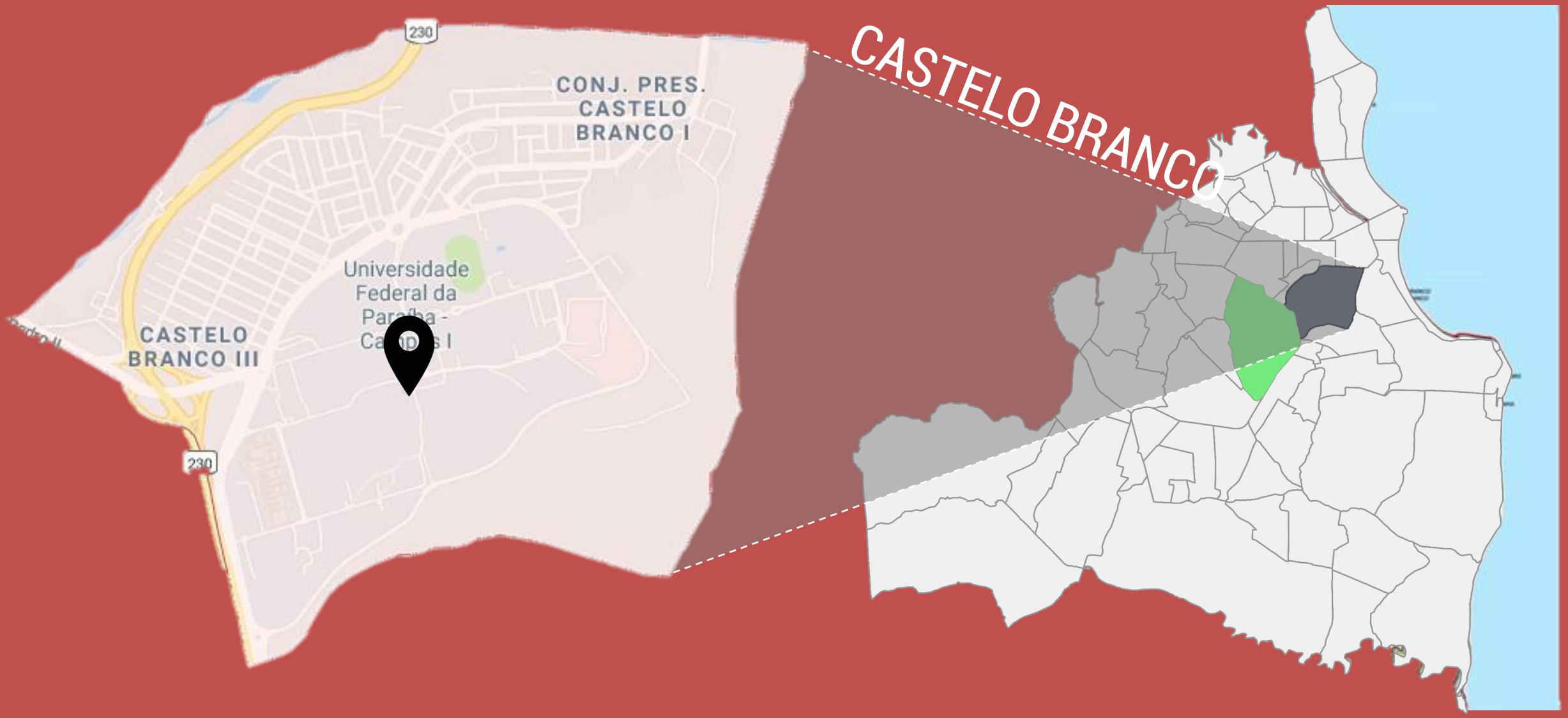
Para que pudessem ser construídos os dois, ambos apresentam uma parte do campo incompleta.

MATA DO BURAQUINHO



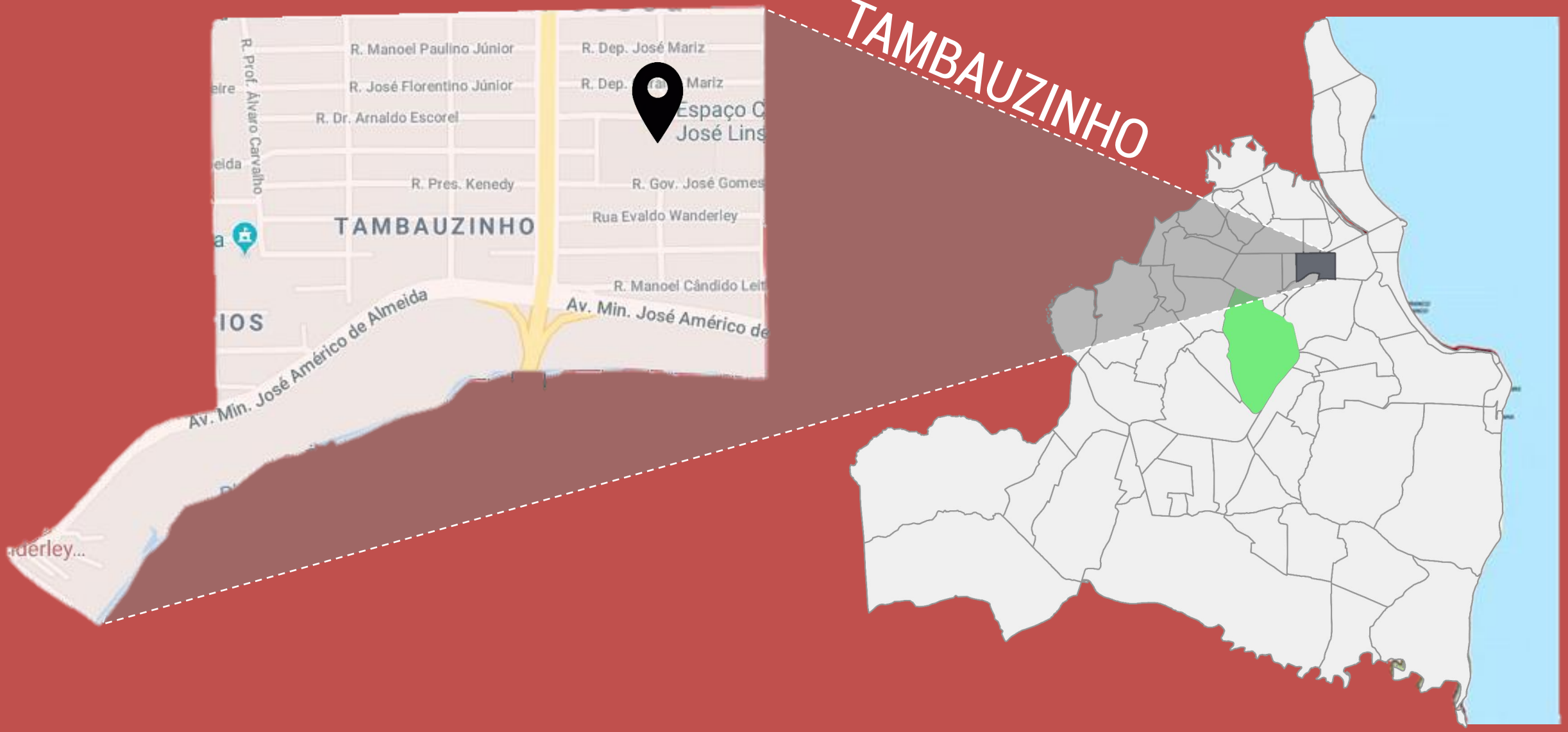
Mata do Buraquinho

A Mata do Buraquinho é considerada uma das maiores áreas onde há Mata Atlântica em área urbana do país, e abriga o Jardim Botânico Benjamim Maranhão, aberto para visitação e trilhas.


CASTELO BRANCO
230
CONJ. PRES. CASTELO BRANCO I
Universidade Federal da
CASTELO BRANCO III
230

UFPB

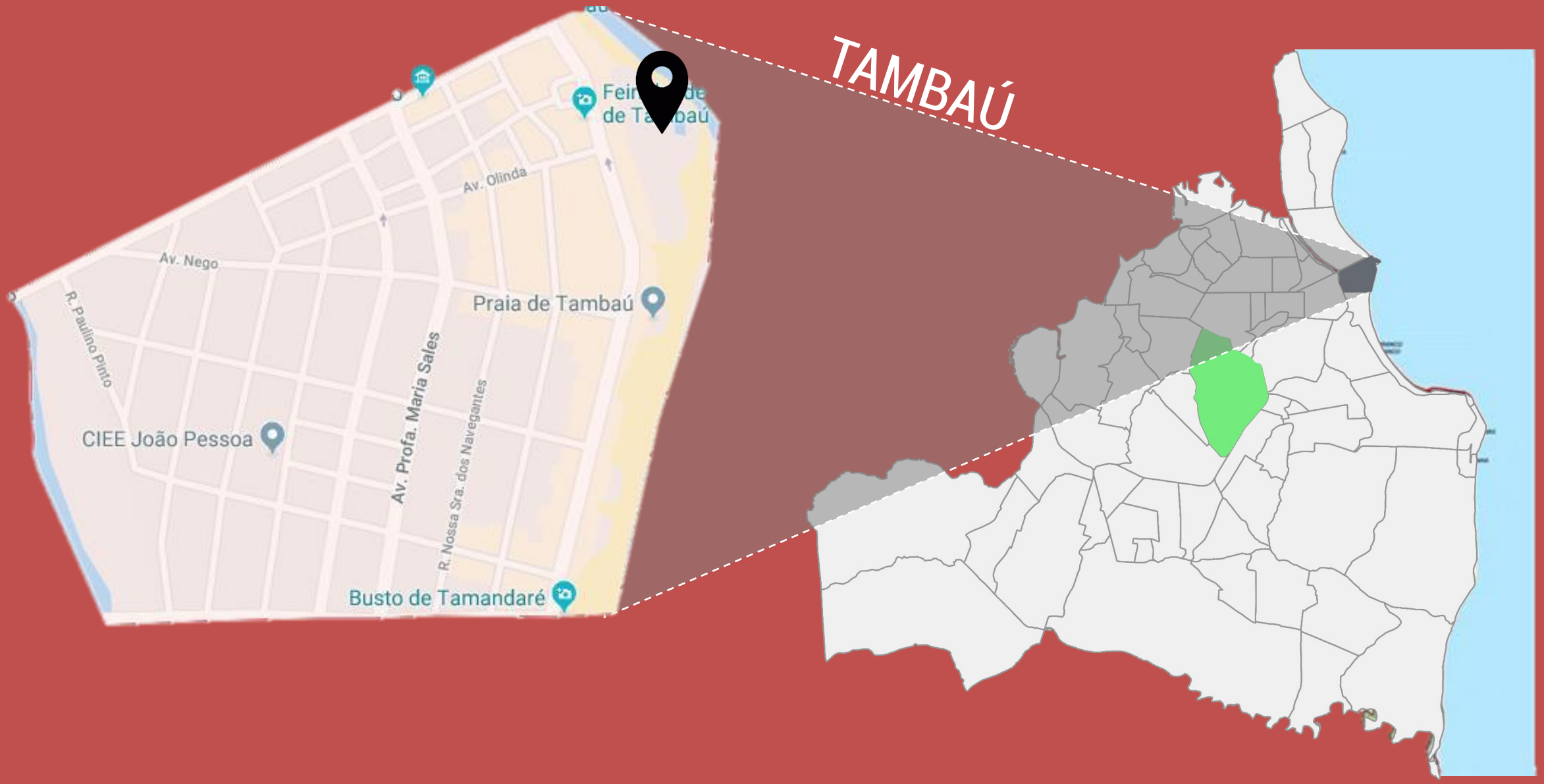
A Universidade Federal da Paraíba apresenta, em seu campus, diversas edificações modernas, com espaços livres entre si, e muita vegetação.


TAMBAUZINHO
R. Manoel Paulino Júnior
R. José Florentino Júnior
R. Dr. Arnaldo Escorel
R. Prof. Álvaro Carvalho
R. Pres. Kenedy
TAMBAUZINHO
R. Dep. José Mariz
R. Gov. José Gomes
Rua Evaldo Wanderley
R. Manoel Cândido Leit
Av. Min. José Américo de Almeida
Av. Min. José Américo de

Espaço Cultural José Lins do Rêgo

É construído em estrutura metálica.

Seu espaço conta com teatro, planetário, biblioteca, cinema, além de abrigar uma escola de música, dentre outras coisas.

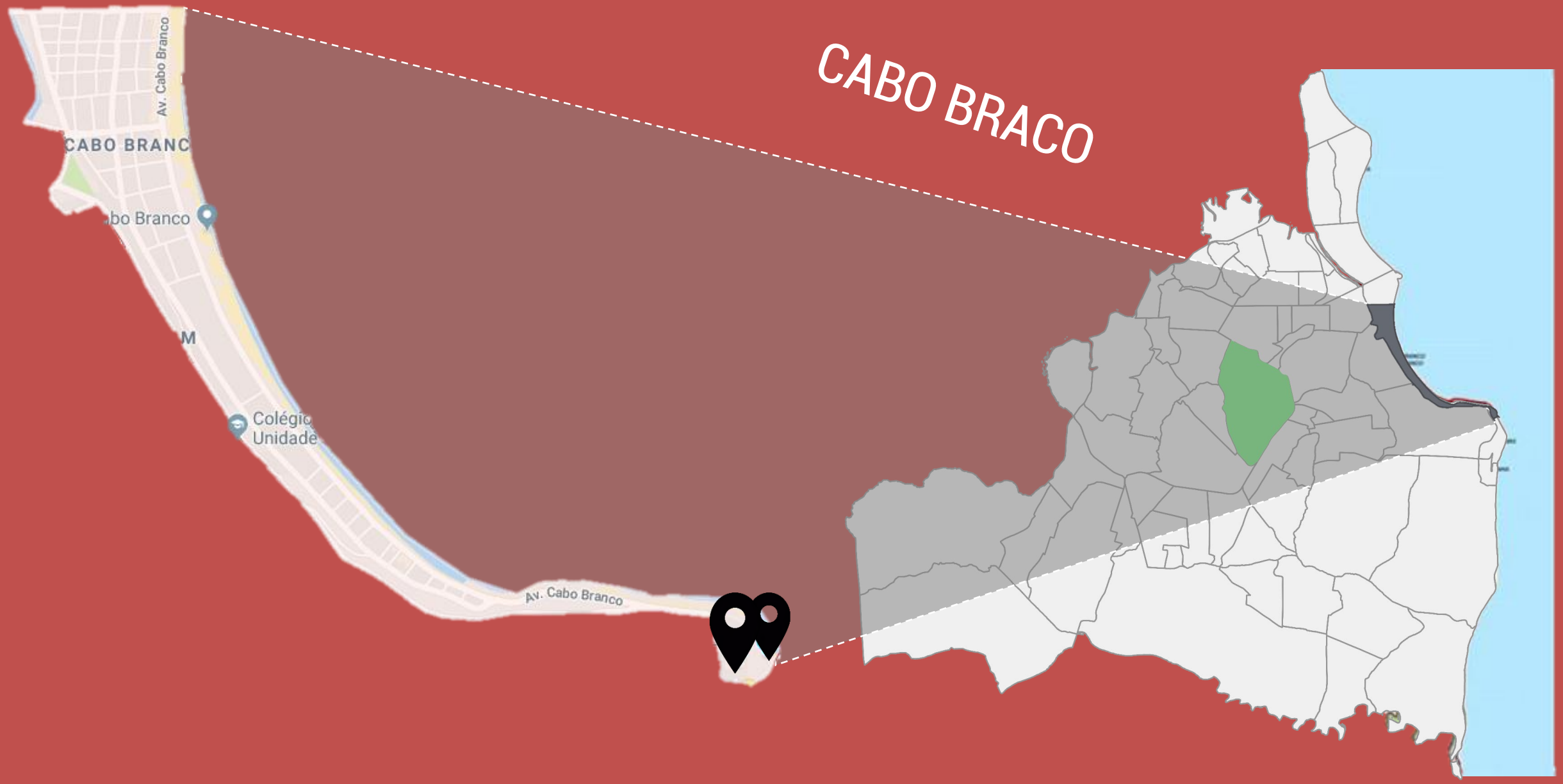

TAMBAÚ
Av. Olinda
Av. Nego
R. Paulino Pinto
Praia de Tambaú
Av. Profa. Maria Sales
R. Nossa Sra. dos Navegantes
CIEE João Pessoa
Busto de Tamandaré

Hotel Tambaú

É um cartão postal da cidade.

Tem um formato circular que possibilita a todos os hóspedes acomodações exclusivas com vista panorâmica seja para o mar ou para os encantadores jardins internos.

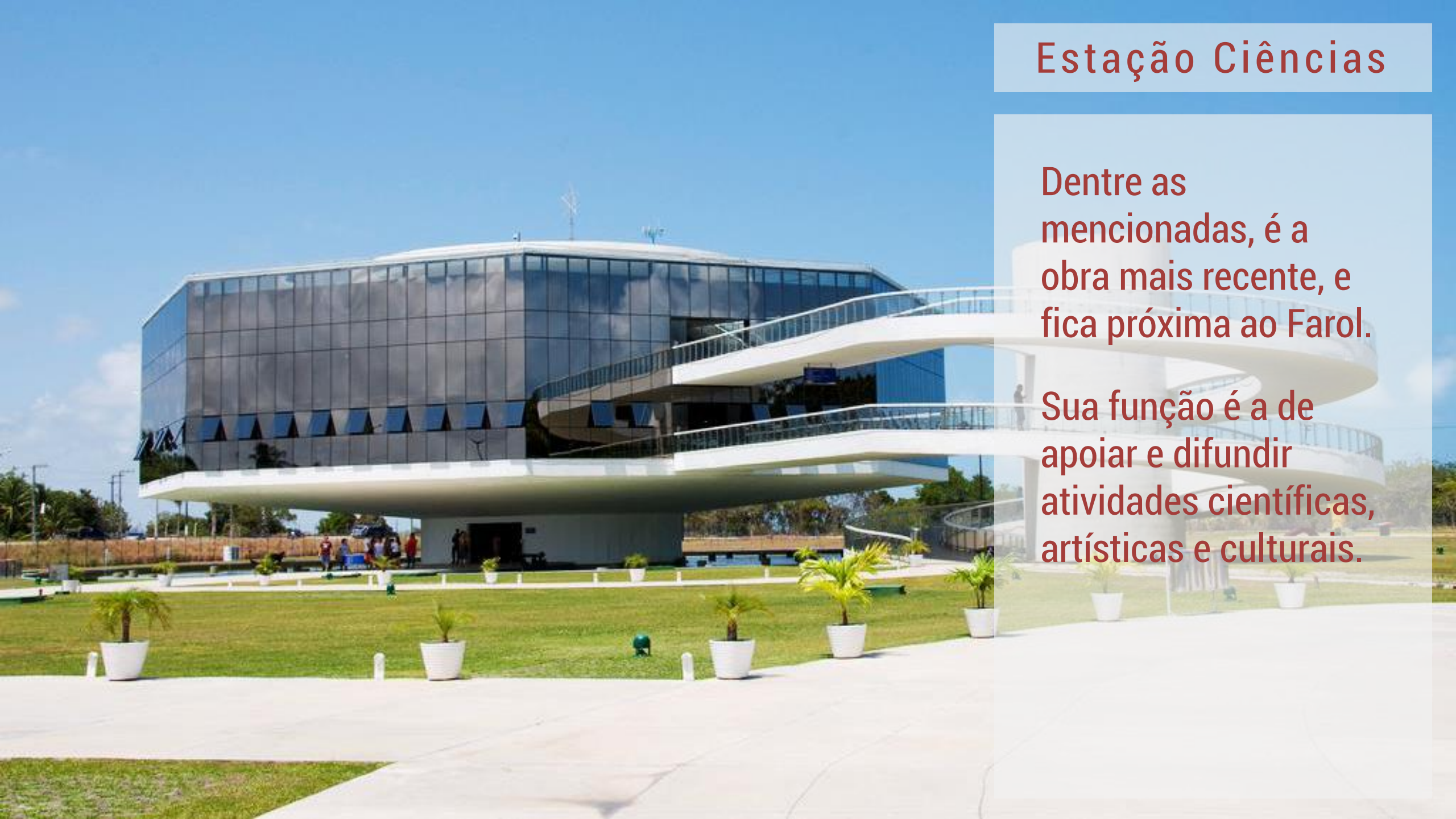
CABO BRACO


Av. Cabo Branco
CABO BRANC
bo Branco
M
Colégio
Unidade
Av. Cabo Branco

Farol Cabo Branco

O Farol é conhecido por marcar o ponto mais oriental das Américas.

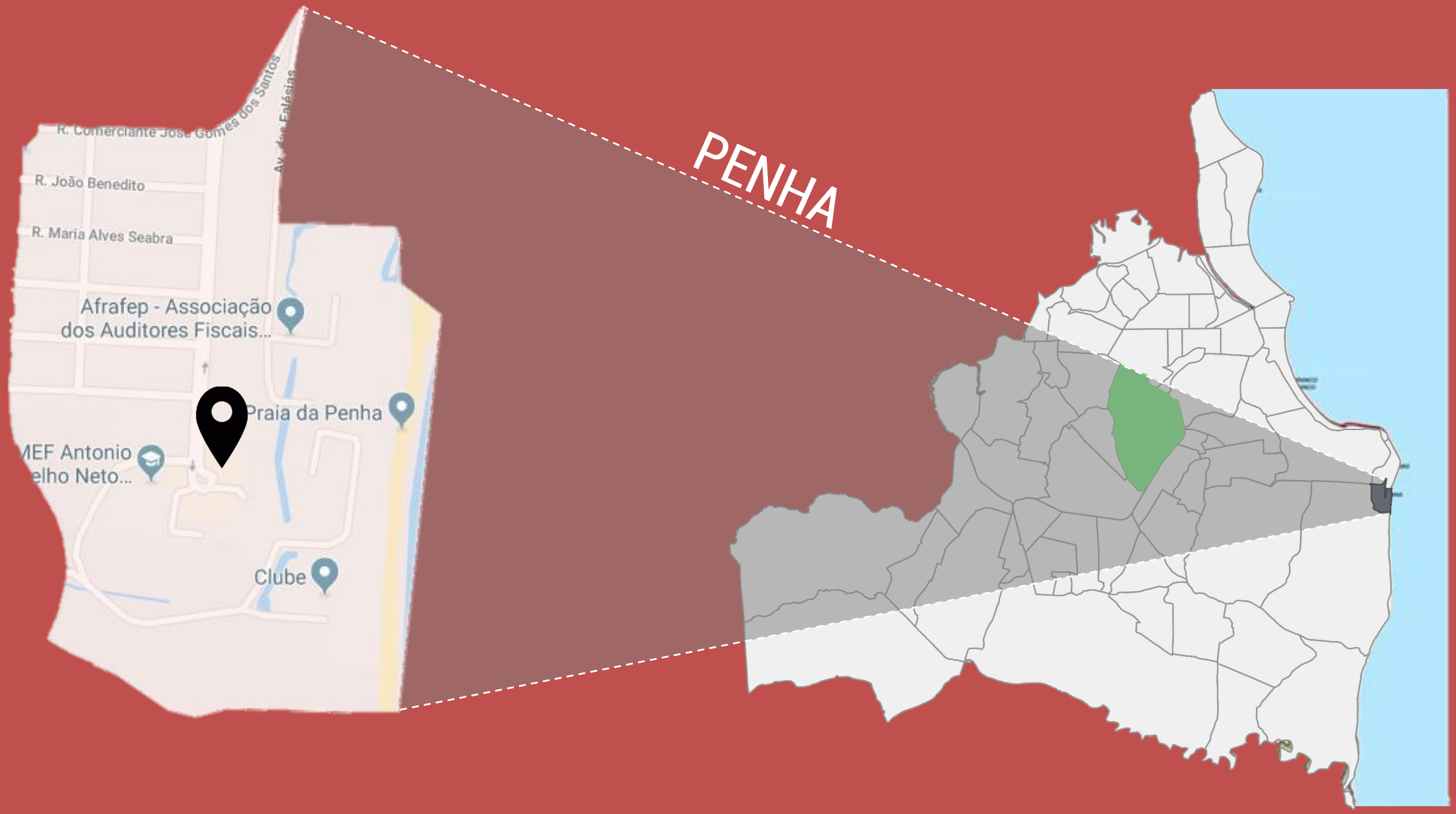
É o único do país com formato triangular, pois representa um sisal, planta que já teve destaque na economia da Paraíba.



Estação Ciências

Dentre as mencionadas, é a obra mais recente, e fica próxima ao Farol.

Sua função é a de apoiar e difundir atividades científicas, artísticas e culturais.


PENHA
R. Comerciante José Gomes dos Santos
R. João Benedito
R. Maria Alves Seabra
Afrafep - Associação dos Auditores Fiscais...
Praia da Penha
MEF Antonio
elho Neto...
Clube

Santuário de Nossa Senhora da Penha

Foi construído em 1763 por um português, em agradecimento a uma graça alcançada numa tormenta em alto-mar.

É um grande referencial para os moradores do bairro.

Procissão da Penha

Santuário de Nossa Senhora da Penha

A Procissão da Penha é atualmente a maior manifestação religiosa do estado, reunindo aproximadamente 400 mil pessoas.

Essa manifestação é parte do patrimônio cultural da sociedade, atribuindo identidade a João Pessoa.

FIM DE JOGO

OBRIGADA!

APÊNDICE 07 | APRESENTAÇÃO DE OFICINA PARA PERFIL 02 – HISTÓRIA

UMA BREVE HISTÓRIA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA

1575

Criação da Capitania da Paraíba

1585

Criação da cidade de Nossa Senhora das Neves

1634

Invasão holandesa e a cidade de Frederica

1654

A cidade da Parahyba

1810

Modernização da cidade da Parahyba

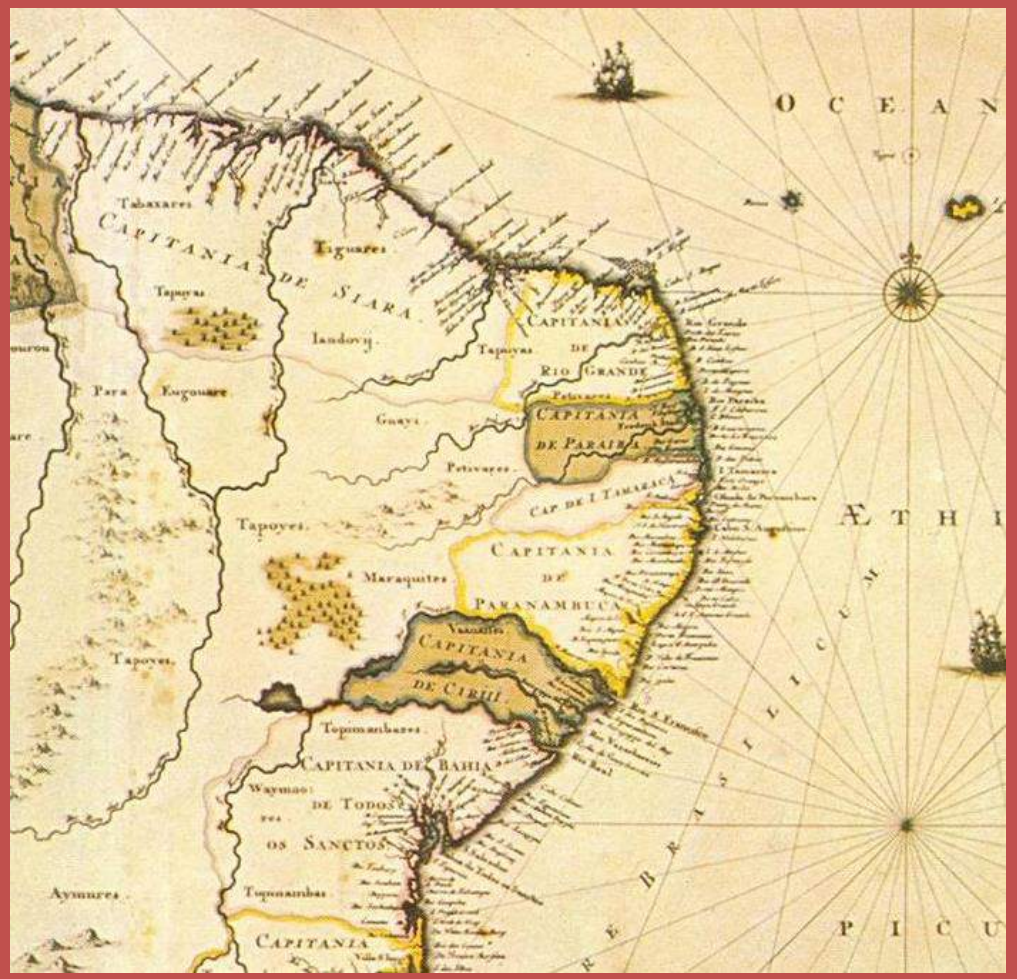
1900

De Parahyba a João Pessoa

1575

CRIAÇÃO DA CAPITANIA DA PARAÍBA

CRIAÇÃO DA CAPITANIA DA PARAÍBA 1575



Interesse de Portugal por terras onde seria criada a Capitania da Paraíba

CRIAÇÃO DA CAPITANIA DA PARAÍBA 1575

Interesse de Portugal por terras onde seria criada a Capitania da Paraíba

Território dominado por tribos indígenas

CRIAÇÃO DA CAPITANIA DA PARAÍBA 1575

Várias tentativas de ocupação

Construção do Forte de São Filipe para defesa

Tentativas de negociação entre portugueses e Tabajaras

CRIAÇÃO DA CAPITANIA DA PARAÍBA 1575

Várias tentativas de ocupação

Construção do Forte de São Filipe para defesa

Tentativas de negociação entre portugueses e Tabajaras

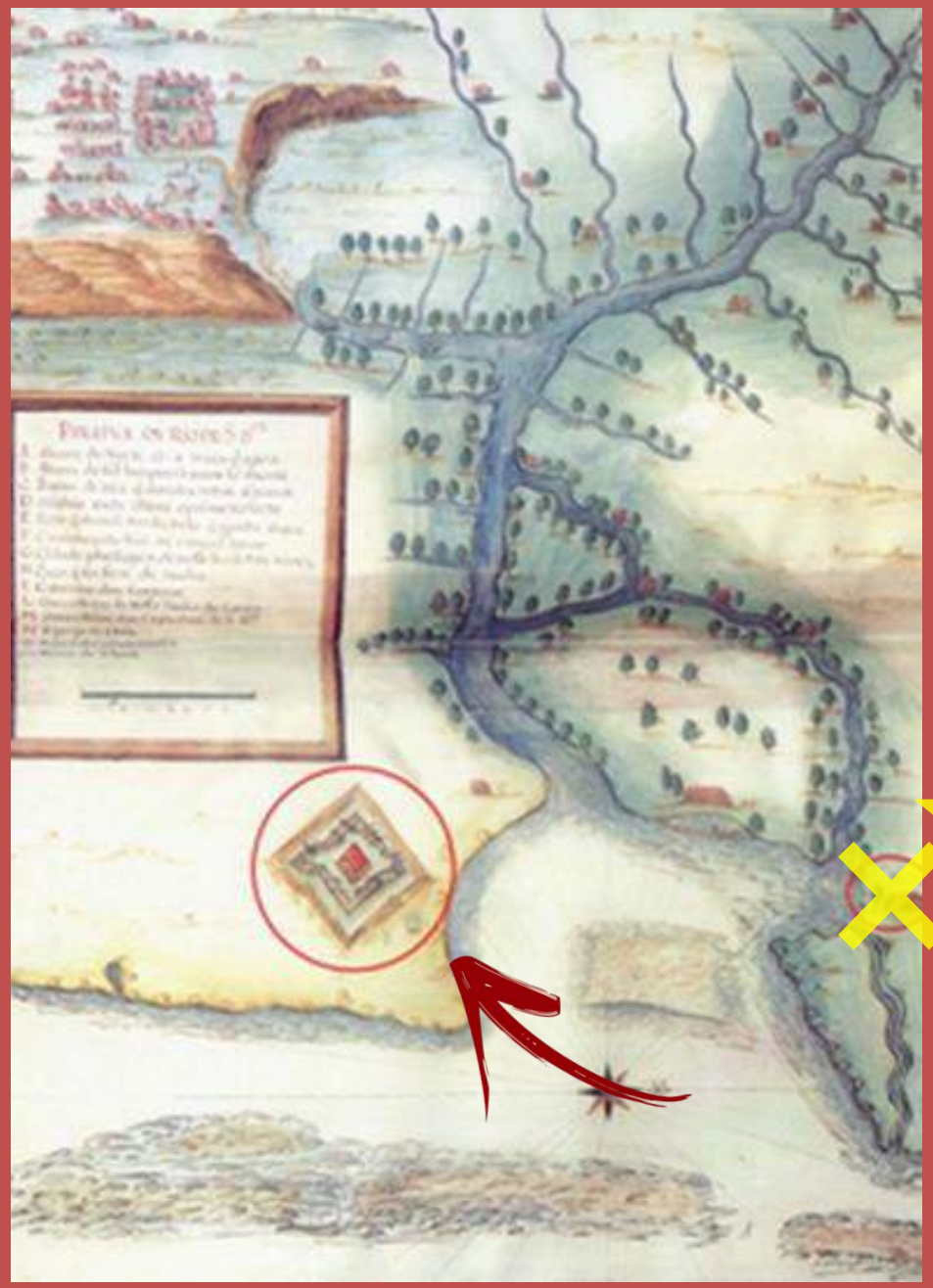
CRIAÇÃO DA CAPITANIA DA PARAÍBA 1575

Queda do Forte de São Filipe

Pedido de socorro dos Tabajaras para portugueses

Portugueses chegam pela margem sul do Rio Sanhauá

CRIAÇÃO DA CAPITANIA DA PARAÍBA 1575



Queda do Forte de São Filipe

Pedido de socorro dos Tabajaras para portugueses

Portugueses chegam pela margem sul do Rio Sanhauá

Local escolhido para a construção de um Forte
| Forte de Cabedelo
| Fortaleza de Santa Catarina

FORTE DE SANTA CATARINA

O Forte de Cabedelo foi construído em 1597.

O nome de “Forte de Santa Catarina” se deve a esta santa ser a padroeira da Capela do Forte.

Esse é um dos exemplares de construções defensivas presentes no país, que definiram suas fronteiras marítimas.

FORTE DE SANTA CATARINA

O Forte de Cabedelo foi construído em 1597.

O nome de “Forte de Santa Catarina” se deve a esta santa ser a padroeira da Capela do Forte.

Esse é um dos exemplares de construções defensivas presentes no país, que definiram suas fronteiras marítimas.

FORTE DE SANTA CATARINA

O Forte de Cabedelo foi construído em 1597.

O nome de “Forte de Santa Catarina” se deve a esta santa ser a padroeira da Capela do Forte.

Esse é um dos exemplares de construções defensivas presentes no país, que definiram suas fronteiras marítimas.

Rogério P.D. Luz

1585

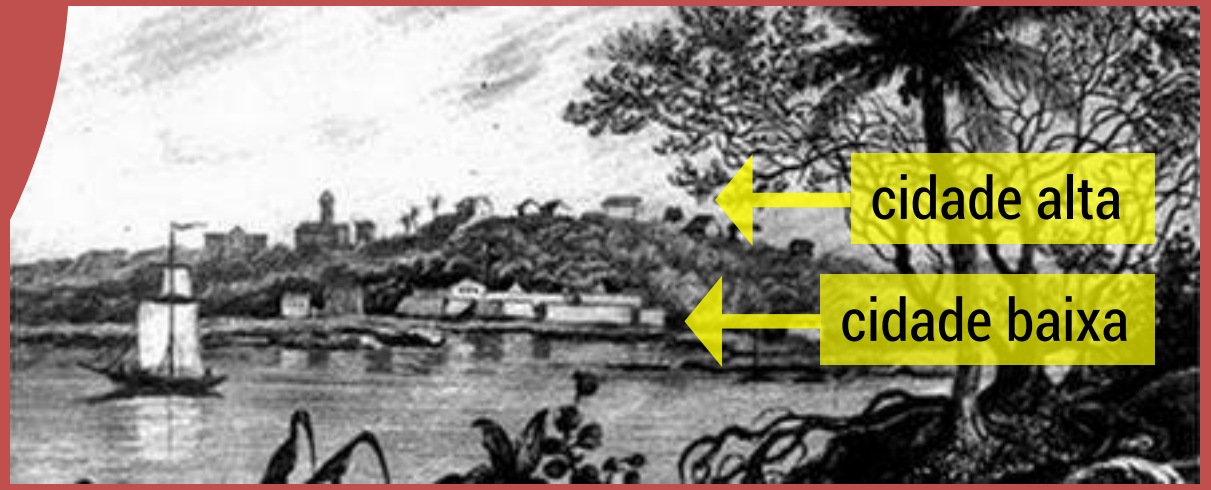
CRIAÇÃO DA CIDADE DE
NOSSA SENHORA DAS NEVES

CRIAÇÃO DA CIDADE DE NOSSA SENHORA DAS NEVES 1585

Às margens do Rio Sanhauá, foi criada a cidade

Nossa Senhora das Neves

Construção de capela no alto da colina



CRIAÇÃO DA CIDADE DE NOSSA SENHORA DAS NEVES 1585

Às margens do Rio Sanhauá, foi criada a cidade

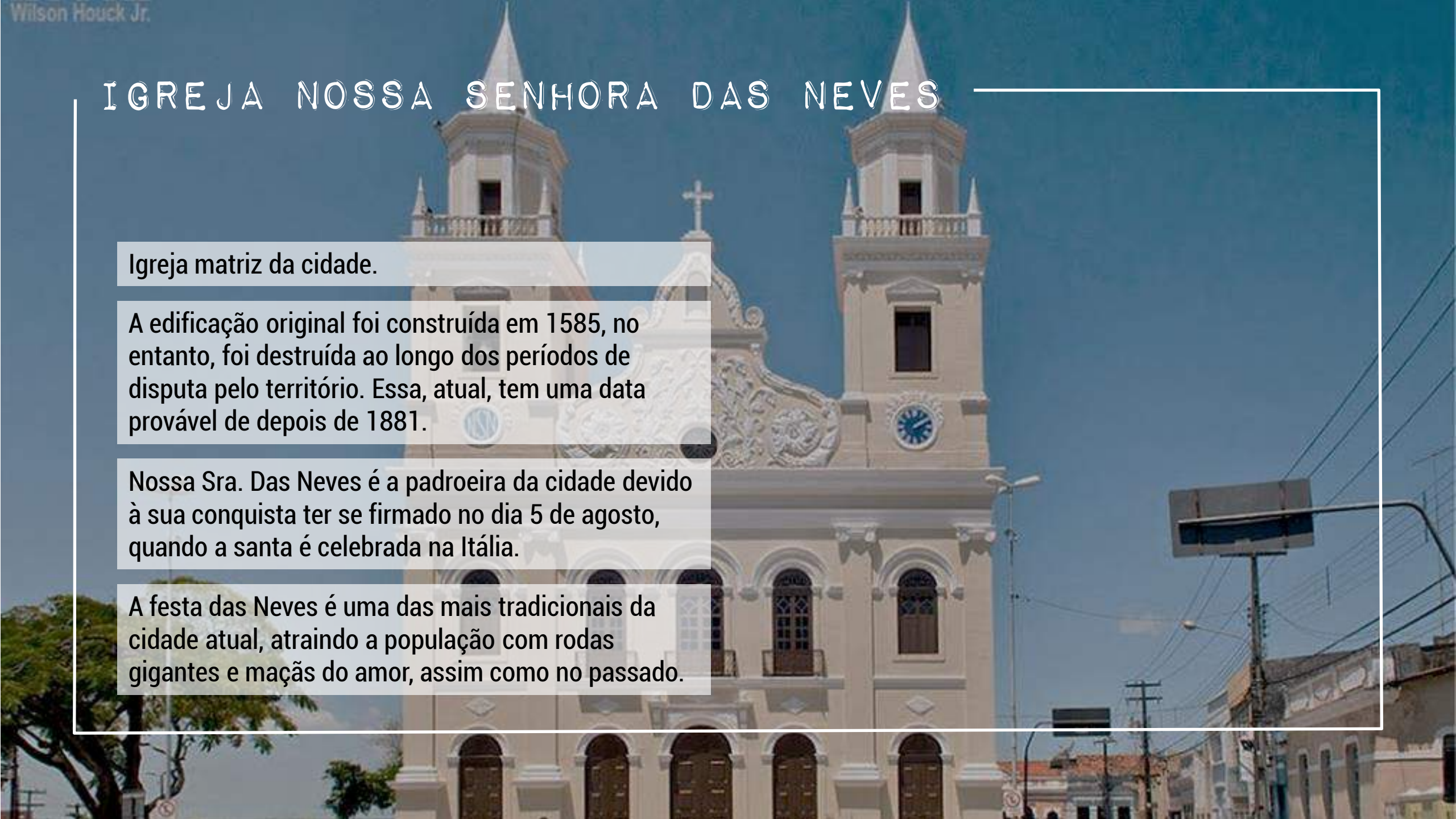
Nossa Senhora das Neves

Construção de capela no alto da colina

CRIAÇÃO DA CIDADE DE NOSSA SENHORA DAS NEVES 1585

A cidade passa a se chamar *Filipéia de Nossa Senhora das Neves*

Surgem grupos religiosos vindos de Portugal



IGREJA NOSSA SENHORA DAS NEVES

Igreja matriz da cidade.

A edificação original foi construída em 1585, no entanto, foi destruída ao longo dos períodos de disputa pelo território. Essa, atual, tem uma data provável de depois de 1881.

Nossa Sra. Das Neves é a padroeira da cidade devido à sua conquista ter se firmado no dia 5 de agosto, quando a santa é celebrada na Itália.

A festa das Neves é uma das mais tradicionais da cidade atual, atraindo a população com rodas gigantes e maçãs do amor, assim como no passado.

IGREJA DA MISERICÓRDIA

A data de sua construção é desconhecida, pois seus arquivos desapareceram no período da invasão holandesa, mas há registros de1589.

A Santa Casa da Misericórdia era voltada para auxiliar as pessoas mais pobres.

Na sua torre, existe a chamada “roda dos expostos", onde eram colocadas as crianças rejeitadas pela sociedade, para que fossem acolhidas pela igreja.

Onde hoje é o viaduto Miguel Couto, existia o Cemitério de indigentes, serviço que era oferecido por essa igreja.

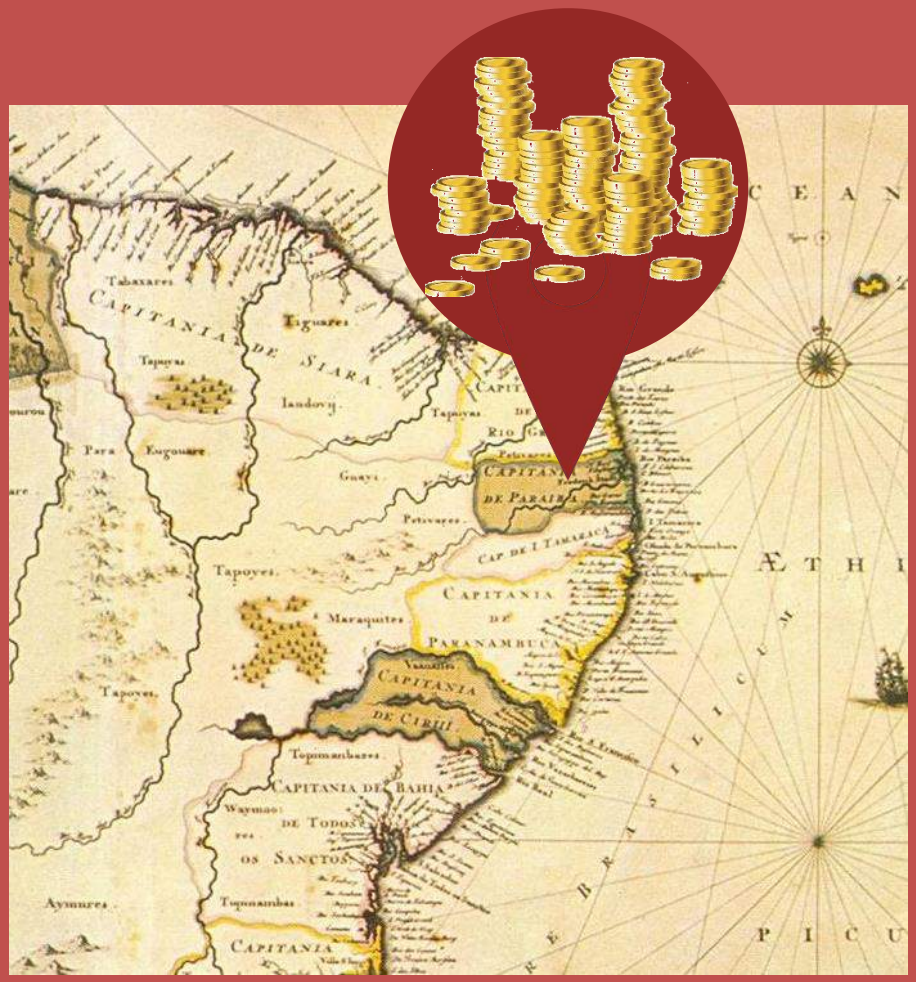
1634

INVASÃO HOLANDESA E A CIDADE DE FREDERICA

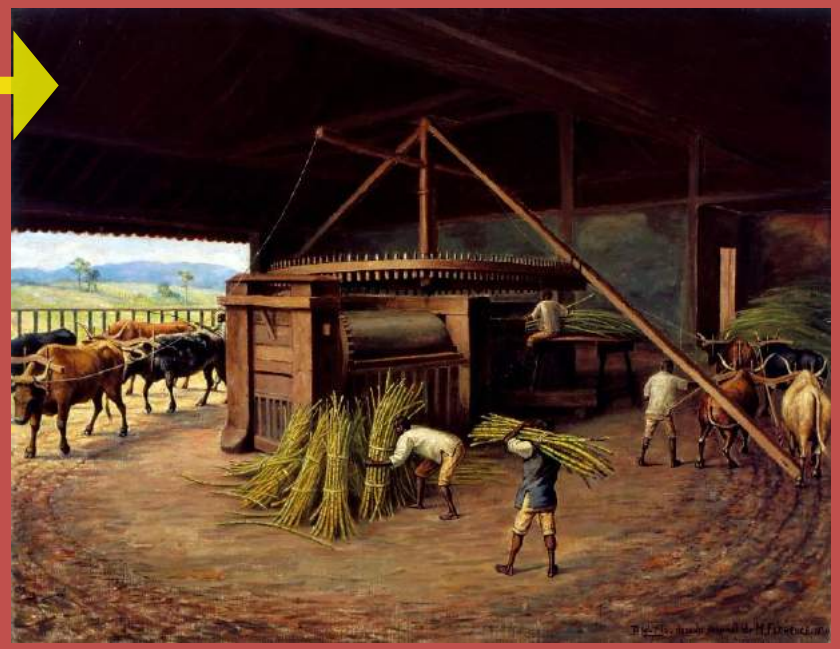
Invasão holandesa

Invasão holandesa

POR QUE?



A Capitania da Paraíba era a 3º maior em termos de economia



Engenhos de açúcar

INVASÃO HOLANDESA E A CIDADE DE FREDERICA 1634

A cidade passa a se chamar

Frederica

Pouco se desenvolveu nesse período

Presença de igrejas e conventos, alguns ainda em construção

São Francisco

São Bento

Do Carmo

INVASÃO HOLANDESA E A CIDADE DE FREDERICA 1634

A cidade passa a se chamar

Frederica

Pouco se desenvolveu nesse período

Presença de igrejas e conventos, alguns ainda em construção

São Francisco

São Bento

Do Carmo

INVASÃO HOLANDESA E A CIDADE DE FREDERICA 1634

A cidade passa a se chamar

Frederica

Pouco se desenvolveu nesse período

Presença de igrejas e conventos, alguns ainda em construção

São Francisco

São Bento

Do Carmo

CONJUNTO FRANCISCANO

A Igreja que faz parte desse conjunto é conhecida por muitos como São Francisco, por fazer parte do conjunto franciscano, no entanto, seu verdadeiro nome é Igreja de Santo Antônio.

Tem valor reconhecido fora do país.

O cruzeiro que se localiza em frente à igreja é considerado o terceiro maior da América Latina.

CONJUNTO BENEDITINO

O terreno em que foi construído foi doado em 1595, mas sua construção demorou muito tempo para ser concluída.

Dá-se como 1600 a data do início das obras, mas todo o período é marcado por incertezas, devido ao desaparecimento dos arquivos da ordem durante a invasão holandesa.

Nesse período de invasão, foi utilizada como fortaleza, devido a suas paredes serem muito grossas.

O conjunto já passou por uma série de reformas desde então.

CONJUNTO CARMELITA

Das cinco portas frontais da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que faz parte desse conjunto, duas são falsas, esculpidas em pedra calcária.

As paredes da igreja são ornamentadas com azulejos vindos de Portugal que contam a história de Nossa Senhora do Carmo.

O antigo convento acoplado à edificação funciona atualmente como o prédio da Diocese.

1654

A CIDADE DA PARAHYBA

Expulsão dos holandeses

Expulsão dos holandeses

A cidade passa a se chamar Parahyba

A CIDADE DA PARAHYBA 1654

Expulsão dos holandeses

A cidade passa a se chamar Parahyba

Situação ruim para a economia

A CIDADE DA PARAHYBA 1654

Expulsão dos holandeses

A cidade passa a se chamar Parahyba

Situação ruim para a economia

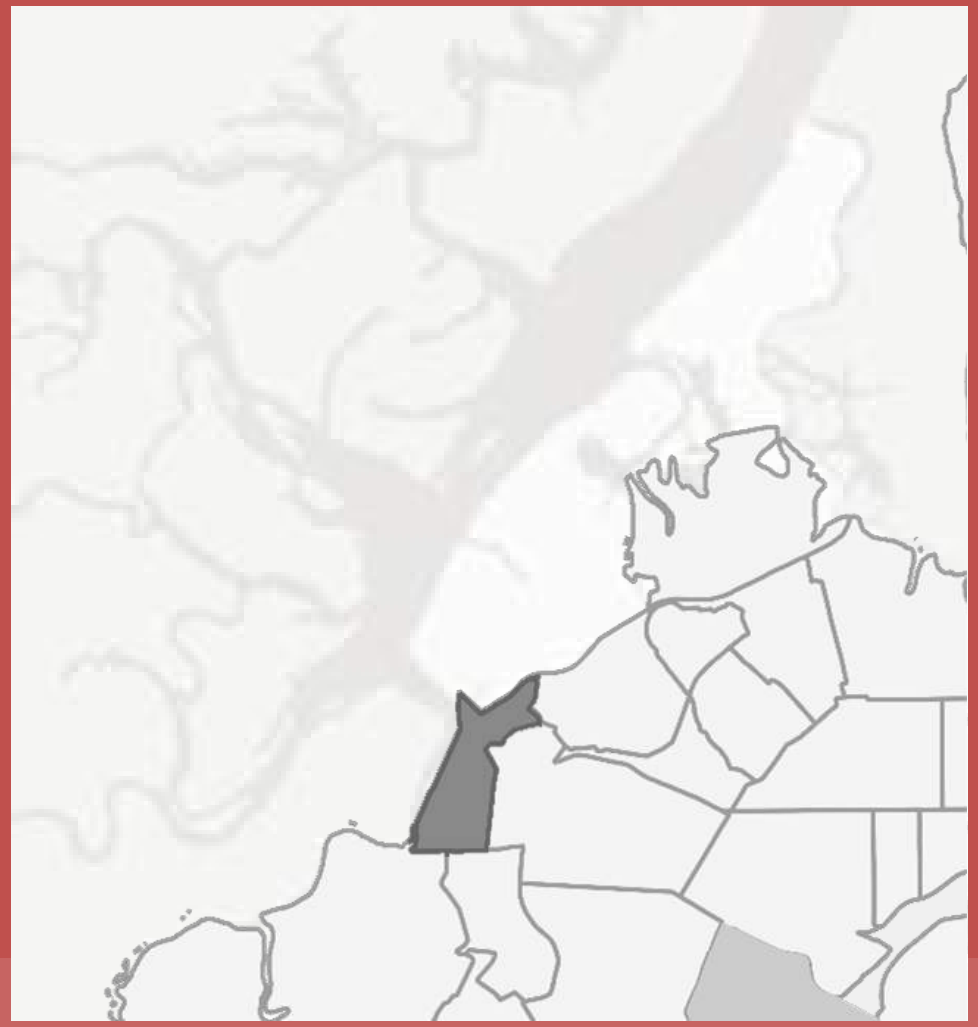
A CIDADE DA PARAHYBA 1654

Recuperação lenta:
Investimento em produção e defesa

Construção da Casa da Pólvora

Obras religiosas se mantinham

Começo do crescimento da cidade para Tambiá



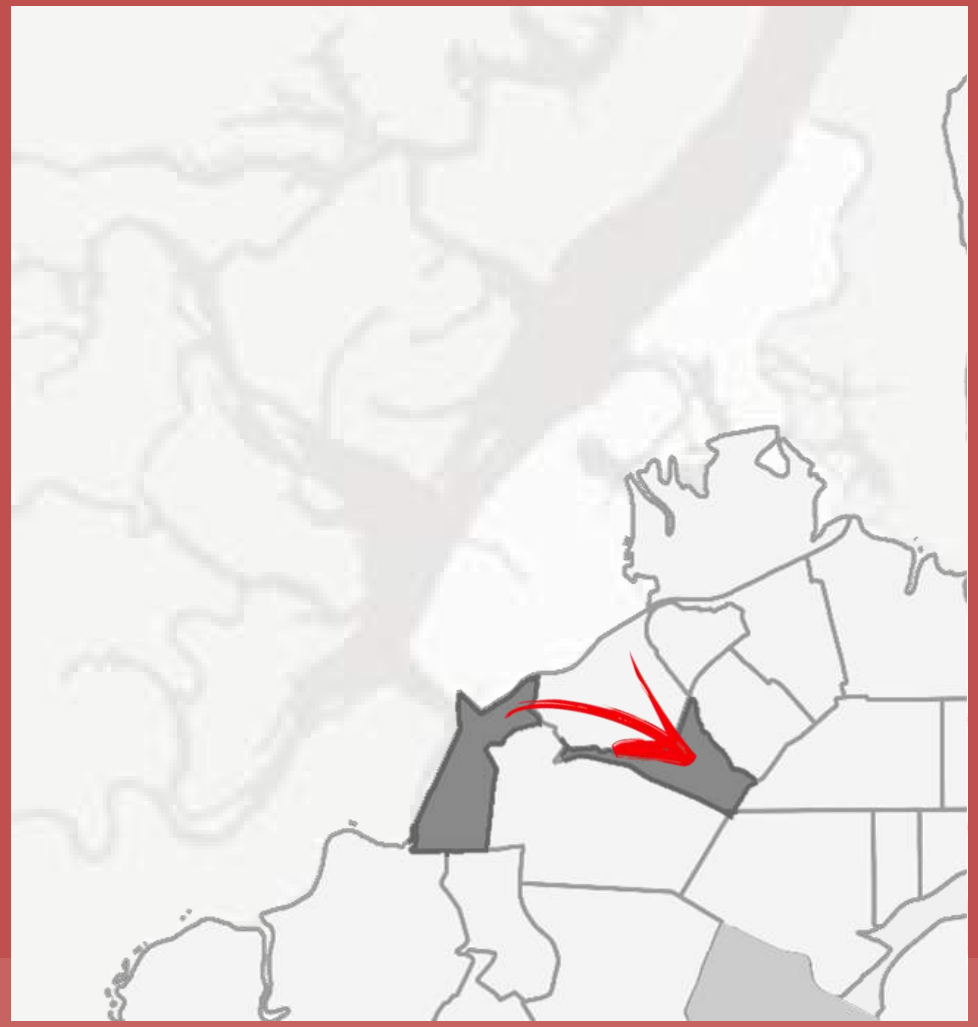
A CIDADE DA PARAHYBA 1654

Recuperação lenta:
Investimento em produção e defesa

Construção da Casa da Pólvora

Obras religiosas se mantinham

Começo do crescimento da cidade para Tambiá



CASA DA PÓLVORA

Foi construída devido a denúncia da precária forma de armazenar a pólvora da cidade.

Quando a obra foi concluída, o excessivo calor e umidade danificavam a pólvora, assim, foi desativada. Não se encontrou referências quanto ao seu uso por quase 200 anos.

Hoje em dia, funciona como um pequeno museu.

FONTE DE TAMBIÁ

A fonte fica no atual Parque Arruda Câmara, conhecido como Bica.

Quando não existia água encanada, as pessoas se abasteciam da água da fonte, por isso, na época da sua construção, ela atraía muitas pessoas.

Há uma lenda por trás da fonte: Uma índia se apaixonou por um guerreiro chamado Tambiá. Em certa batalha, o guerreiro morreu e, triste, a jovem chorou nove luas formando, a partir de suas lágrimas, a fonte.

1810

MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DA PARAHYBA

MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DA PARAHYBA 1810

A produção de açúcar deu lugar ao algodão

Foi feita a primeira iluminação pública

Criação do Teatro Santa Roza

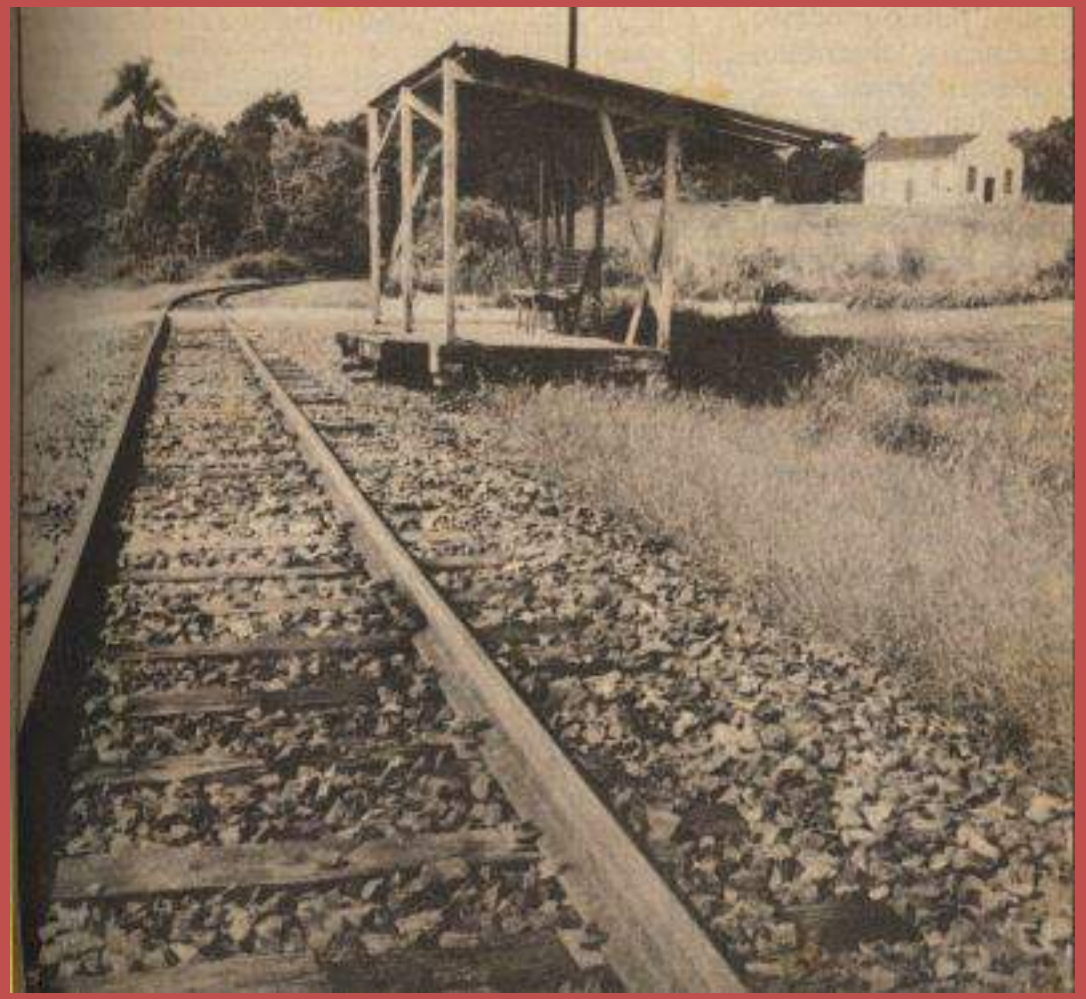
MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DA PARAHYBA 1810

A produção de açúcar deu lugar ao algodão

Foi feita a primeira iluminação pública

Criação do Teatro Santa Roza

MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DA PARAHYBA 1810



Começaram a ser feitas ferrovias

Foram criados, de fato, os bairros de Tambiá e Trincheiras

TEATRO SANTA ROZA

O Teatro representa um dos mais antigos do país.

Na época em que o edifício foi construído, no ano de 1889, frequentar teatros e casas de espetáculos era sinônimo de glamour e cultura.

Foi a primeira sala de projeção de cinema da cidade.

1900

DE PARAHYBA
A JOÃO ESSOA

Foram feitos vários serviços para a população:

Abastecimento de água;
Iluminação;
Transporte público;
Calçamento de ruas, etc.

A antiga Lagoa dos Irerês, que bloqueava o crescimento da cidade, foi saneada e surgiu o Parque Sólon de Lucena.

Foi criada a Praça Vidal de Negreiros, conhecida como Ponto de Cem Réis

Crescimento para o litoral | Tambaú

Busca por moradia

Na década de 1930, a cidade passa a se chamar

João Pessoa

PARQUE SÓLON DE LUCENA

É conhecido como Lagoa, e considerado o cartão postal da cidade.

Até o início do século XX, a Lagoa estava situada fora da área urbana da cidade.

Anteriormente era conhecida como Lagoa dos Irerês, devido ao grande número de marrecos que havia na área.

No lugar da Lagoa dos Irerês surgiu o Parque Sólon de Lucena, contribuindo para a expansão da cidade em direção à praia.

PRAÇA VIDAL DE NEGREIROS

Conhecida como Ponto de Cem Réis, atualmente é um lugar de passagem, encontros e eventos.

A praça foi criada para ser o ponto de ligação das três linhas de bonde que existiam na cidade no século XX.

Os condutores dos bondes tinham o hábito de, ao chegar nesse ponto, cobrar a passagem em alto e bom som “Cem réis! Cem Réis!”

Na praça localiza-se o Paraíba Palace Hotel que já foi considerado um dos pontos mais “chiques” da cidade.

JOGO

CONSTRUINDO CENÁRIOS

1575 1585

NOSSA SENHORA DAS NEVES /
FILIPÉIA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES

Território habitado por índios Tabajara e Potiguara.

Fundação da cidade por portugueses.

Cidade baixa (rio) e alta (igreja e residências) conectadas por ladeira.

1634

FREDERICA

Território invadido por holandeses.

Interesse na produção dos engenhos de açúcar.

Ordens religiosas:
Nossa Senhora do Carmo, São Francisco (grandiosa) e São Bento, as duas últimas fortificadas .

1654 1900

PARAHYBA – JOÃO PESSOA

Produção algodoeira assume economia.

Implantação de serviços de iluminação pública, linhas de bonde para circulação, edificações mais marcantes.

Cidade se expande, por fim, para a orla marítima, começando pelas casas de veraneio.

OBRIGADA!

APÊNDICE 08 | APRESENTAÇÃO DE OFICINA PARA PERFIL 03 - CONCEITOS

PATRIMÔNIO

PATRIMÔNIO

HERANÇA

PATRIMÔNIO

SOCIEDADE

HERANÇA

PATRIMÔNIO

SOCIEDADE

HISTÓRIA

HERANÇA

PATRIMÔNIO

FORMAS DE
VIVER

FORMAS DE
FAZER

SOCIEDADE

HISTÓRIA

HERANÇA

PATRIMÔNIO

MEMÓRIA

FORMAS DE VIVER

FORMAS DE FAZER

SOCIEDADE

HISTÓRIA

HERANÇA

PATRIMÔNIO

MEMÓRIA

REGISTRO

FORMAS DE VIVER

FORMAS DE FAZER

SOCIEDADE

HISTÓRIA

HERANÇA

PATRIMÔNIO

MEMÓRIA

CULTURA

FORMAS DE VIVER

REGISTRO

FORMAS DE FAZER

SOCIEDADE

HISTÓRIA

HERANÇA

PATRIMÔNIO

MEMÓRIA

CULTURA

FORMAS DE VIVER

REGISTRO

CIDADE

FORMAS DE FAZER

SOCIEDADE

HISTÓRIA

HERANÇA

PATRIMÔNIO

MEMÓRIA

CULTURA

FORMAS DE VIVER

REGISTRO

CIDADE

FORMAS DE FAZER

TEMPO

SOCIEDADE

HISTÓRIA

HERANÇA

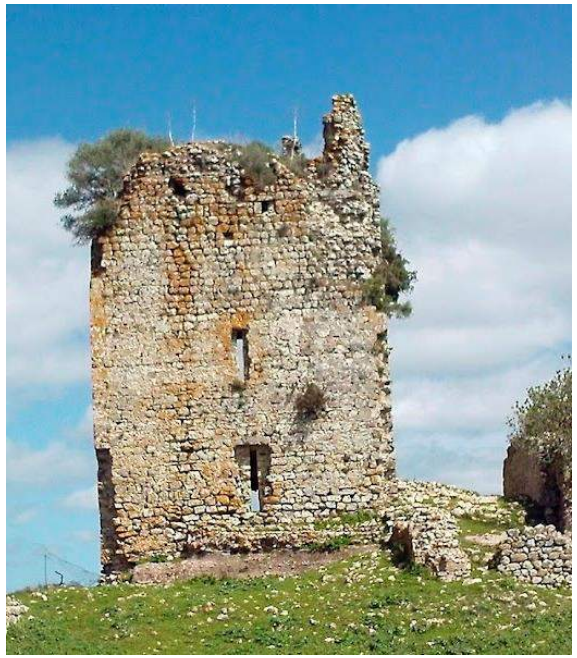
QUEM SOU EU

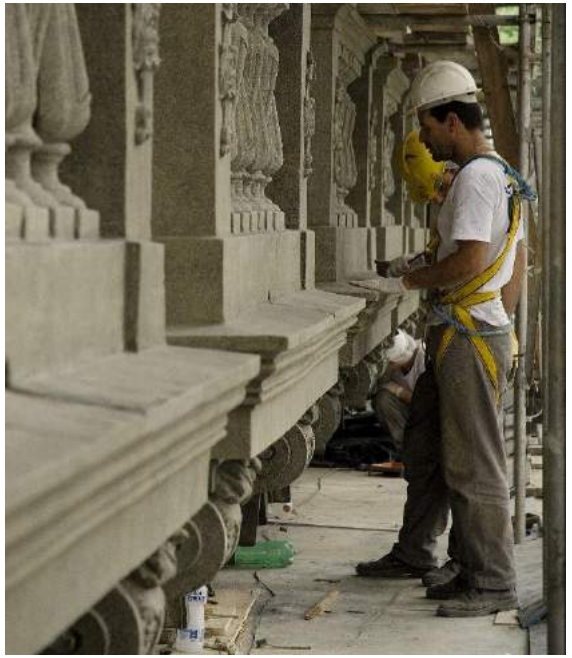
?

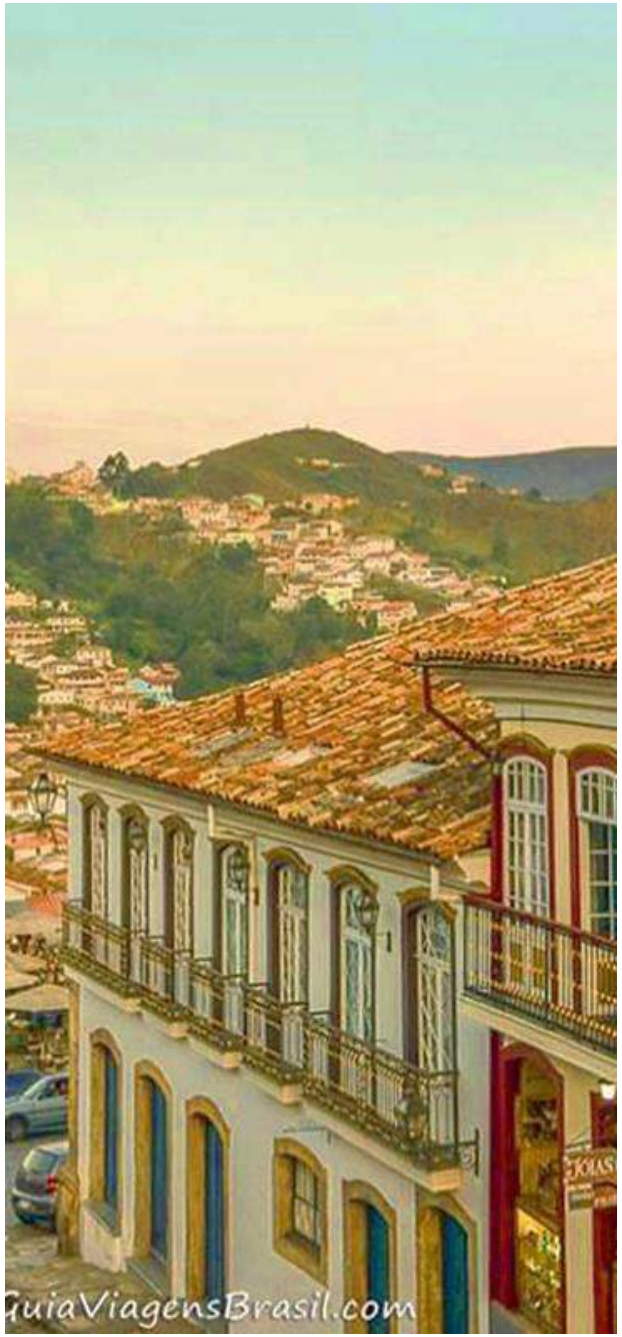
Movimento de criação e transmissão de diferentes modos de criar, fazer e viver, as formas de expressão, costumes, tradições, crenças e festas populares, sistemas religiosos, que são comuns a toda a humanidade, mas que mudam em cada sociedade.

cultura

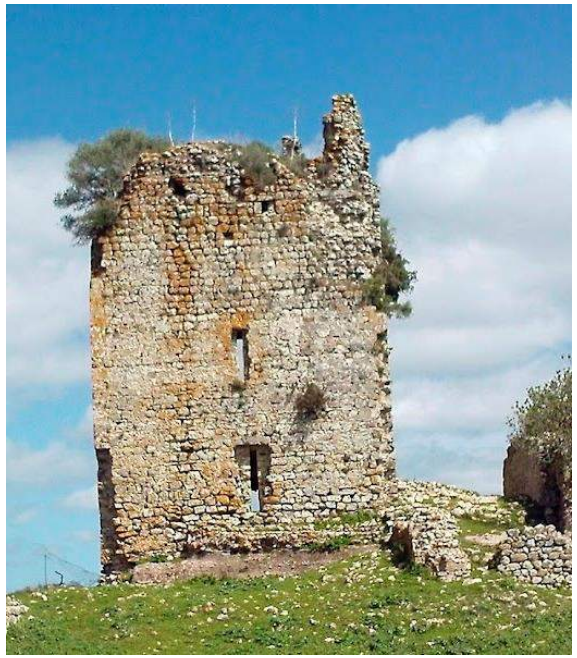
Movimento de criação e transmissão de diferentes modos de criar, fazer e viver, as formas de expressão, costumes, tradições, crenças e festas populares, sistemas religiosos, que são comuns a toda a humanidade, mas que mudam em cada sociedade.

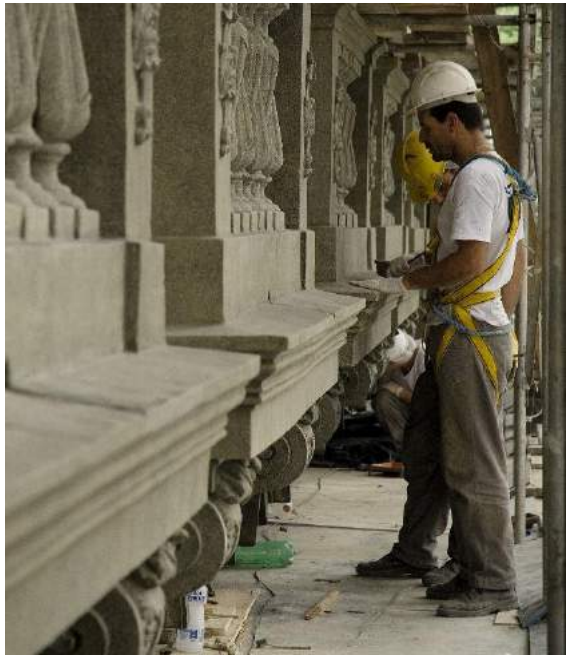






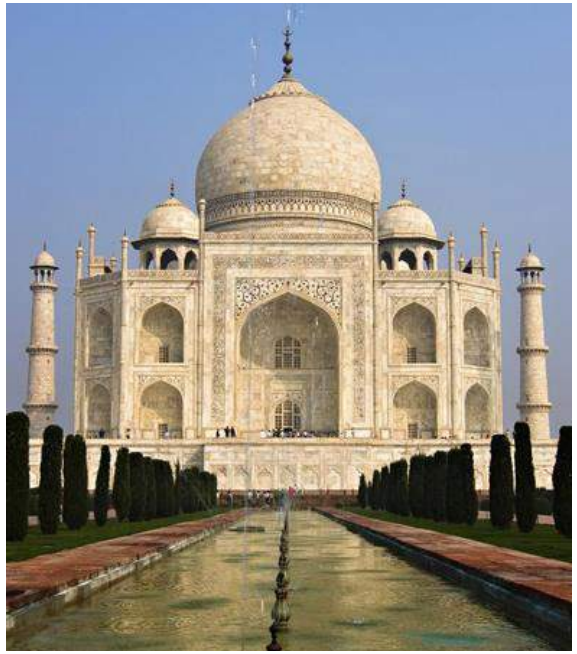
Conjunto de ações possíveis para assegurar a manutenção do patrimônio. Pode ser necessária uma restauração, trabalho técnico mais especializado e caro, mas a simples manutenção cotidiana pode garanti-la de forma eficaz, não permitindo que um edifício fique danificado. Dar um uso adequado, que respeite a integridade e significação cultural dos edifícios de valor patrimonial é mais um caminho.



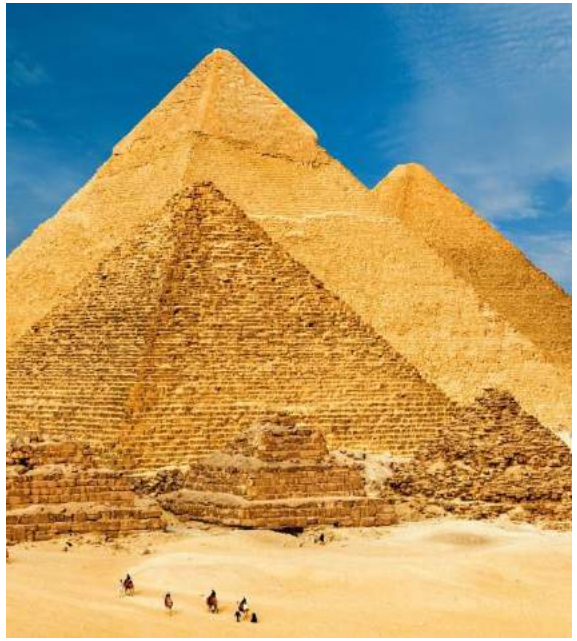


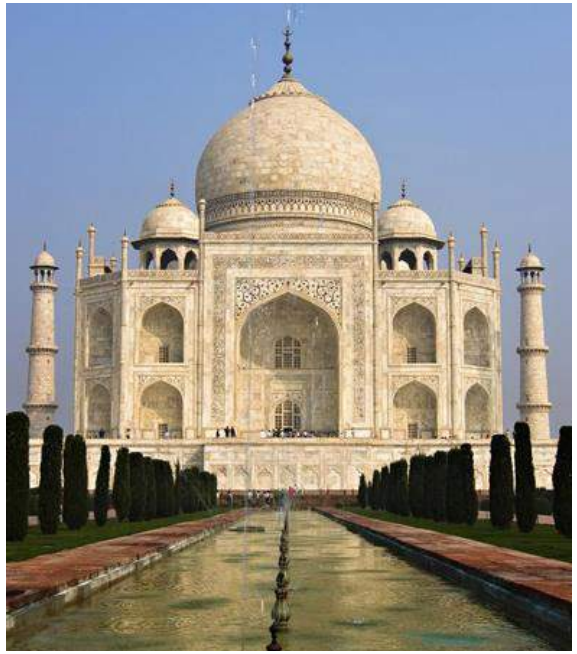
conservação

Conjunto de ações possíveis para assegurar a manutenção do patrimônio. Pode ser necessária uma restauração, trabalho técnico mais especializado e caro, mas a simples manutenção cotidiana pode garanti-la de forma eficaz, não permitindo que um edifício fique danificado. Dar um uso adequado, que respeite a integridade e significação cultural dos edifícios de valor patrimonial é mais um caminho.



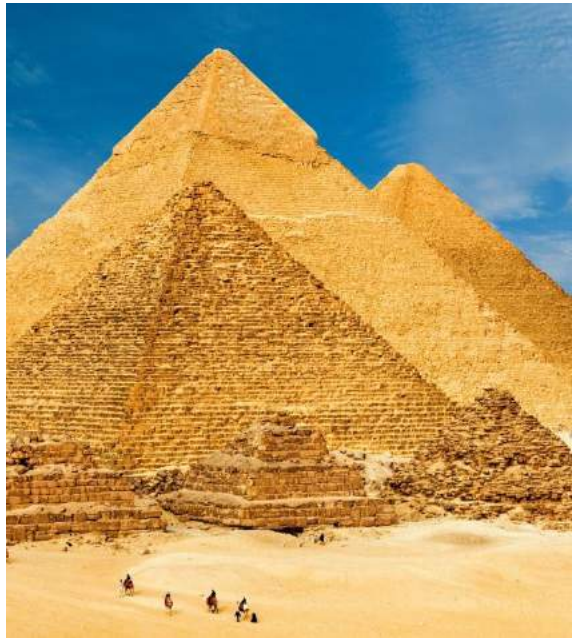
Entendidos inicialmente como obras realizadas com a intenção de manter a lembrança de ações, fatos, indivíduos que haviam marcado a história. Posteriormente, se atribuiu valor às pequenas construções, vendo que todas elas registravam diferentes momentos históricos, marcando cada época.

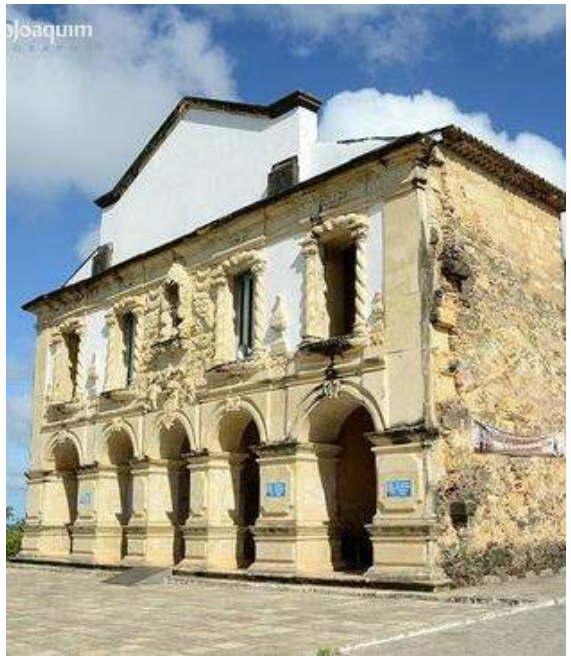




Entendidos inicialmente como obras realizadas com a intenção de manter a lembrança de ações, fatos, indivíduos que haviam marcado a história. Posteriormente, se atribuiu valor às pequenas construções, vendo que todas elas registravam diferentes momentos históricos, marcando cada época.

monumentos

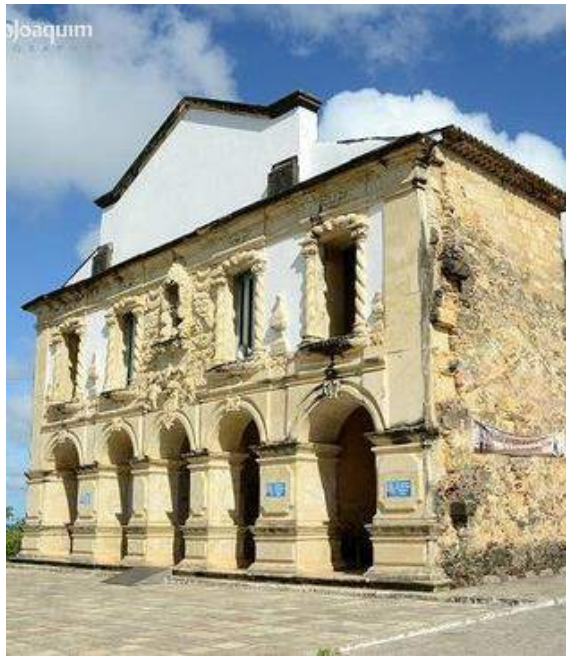




Ato administrativo que vem atribuir às coisas – bens materiais móveis ou imóveis – um valor subjetivo – histórico, artístico, etnográfico – caracterizando-as como de interesse público, passando a fazer parte do patrimônio cultural coletivo.

UNESCO

Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

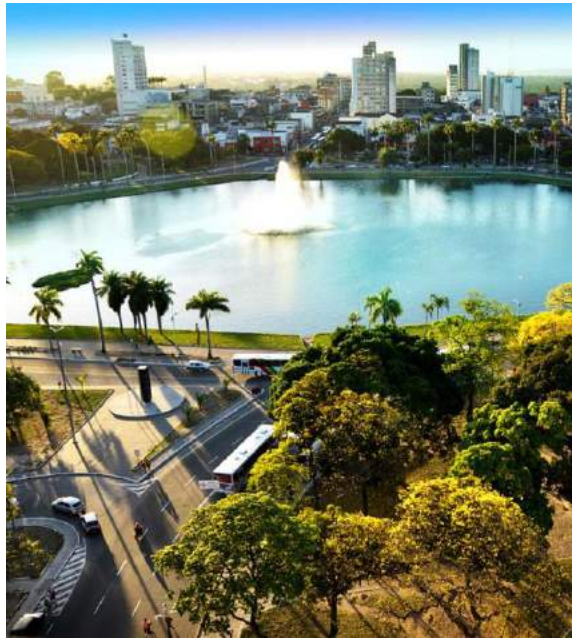


Ato administrativo que vem atribuir às coisas – bens materiais móveis ou imóveis – um valor subjetivo – histórico, artístico, etnográfico – caracterizando-as como de interesse público, passando a fazer parte do patrimônio cultural coletivo.

tombamento

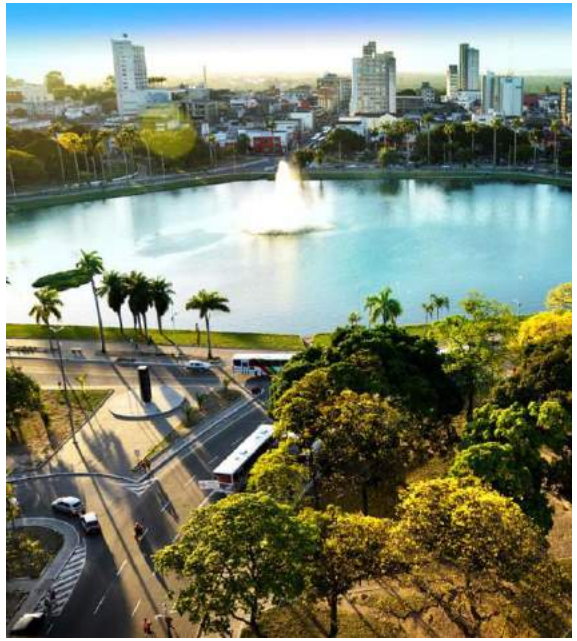
UNESCO

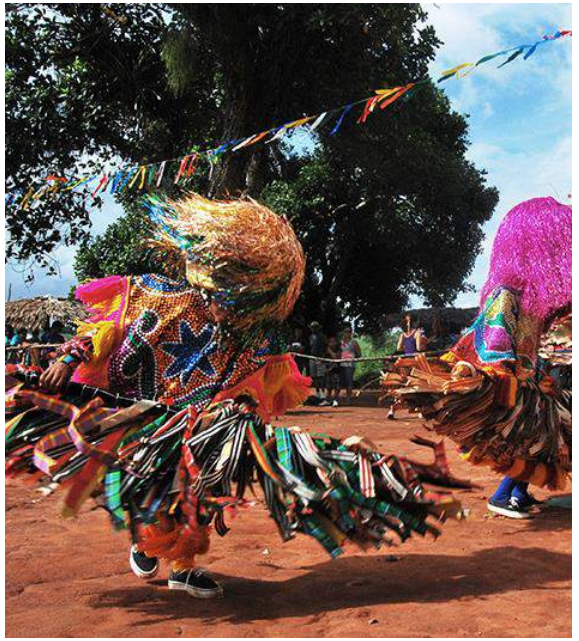
Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



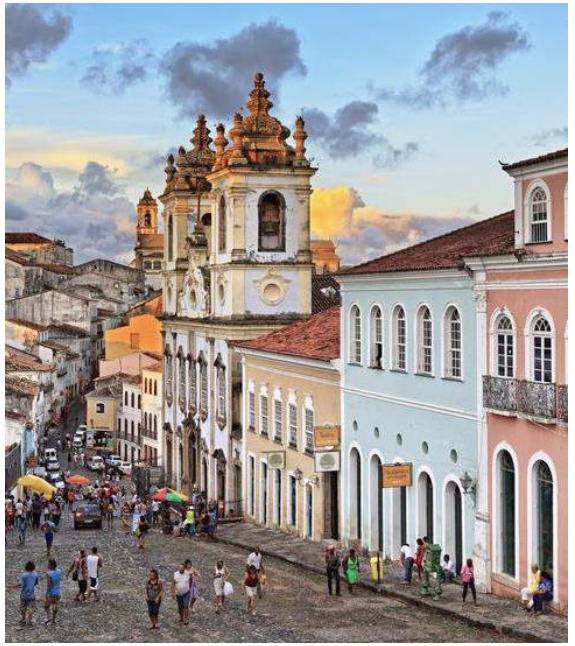
Herança de toda a sociedade, a qual conta parte da sua história, de onde se pode extrair conhecimento.
Bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade”.

patrimônio



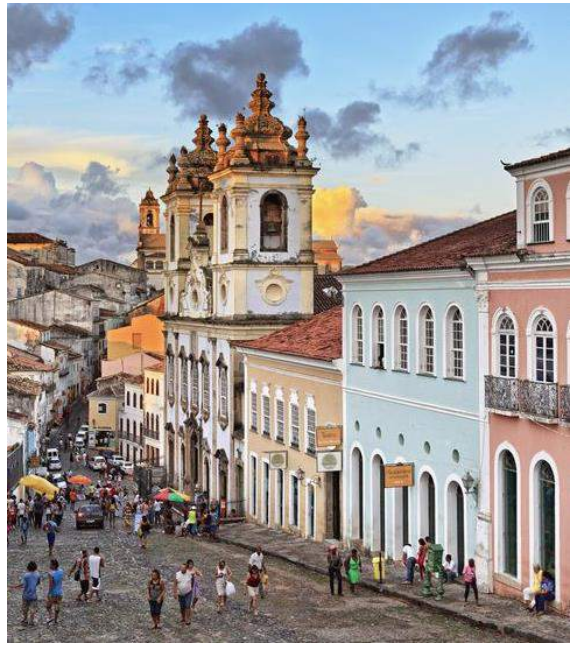


Núcleos urbanos dotados de valor cultural, social e econômico, representativos do processo de construção de uma sociedade. São valorizadas as suas edificações, bem como outros elementos constituintes da cidade: ruas, praças, parques, etc.



centro histórico

Núcleos urbanos dotados de valor cultural, social e econômico, representativos do processo de construção de uma sociedade. São valorizadas as suas edificações, bem como outros elementos constituintes da cidade: ruas, praças, parques, etc.

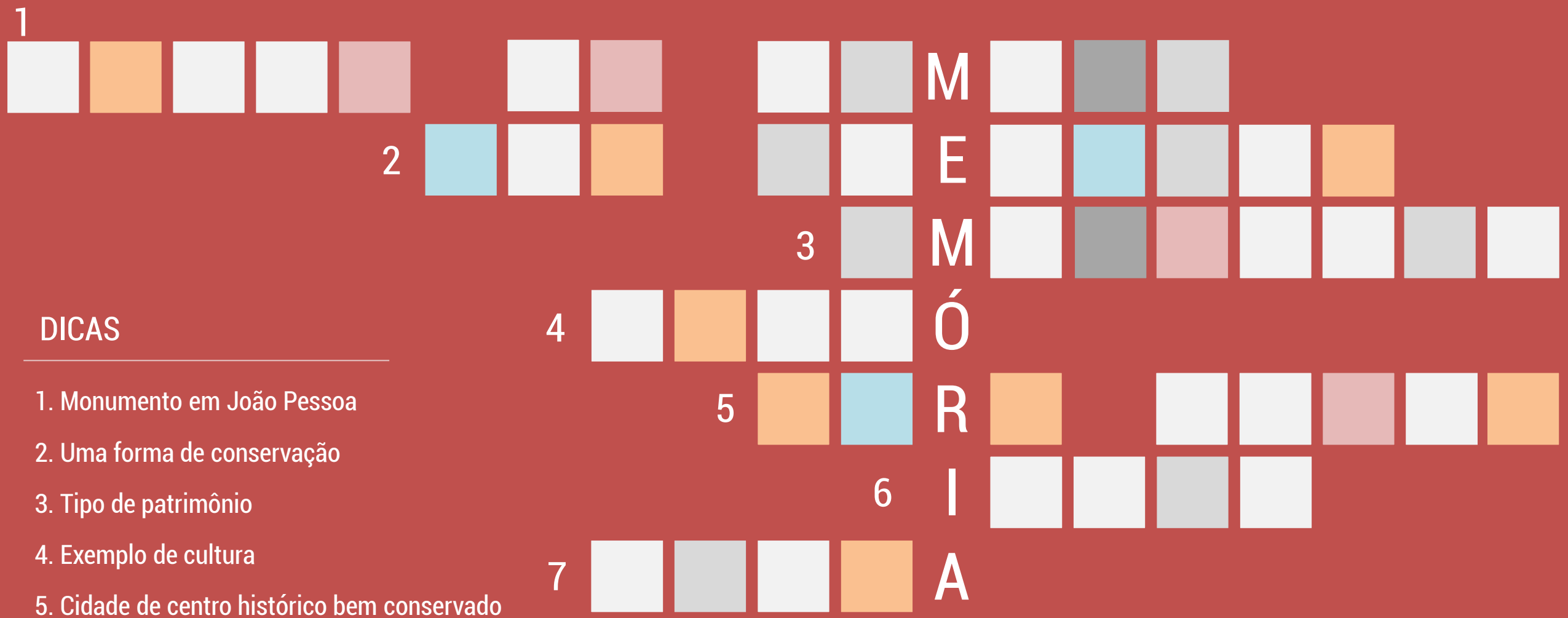


Conjunto de características que permite que os indivíduos se identifiquem como membros de um grupo e se diferenciem dos demais. Também compreende aspectos diversos como a língua, as crenças, os ritos, os costumes, os comportamentos; sendo, em grande parte, dada pelo caráter imaterial da cultura.

Conjunto de características que permite que os indivíduos se identifiquem como membros de um grupo e se diferenciem dos demais. Também compreende aspectos diversos como a língua, as crenças, os ritos, os costumes, os comportamentos; sendo, em grande parte, dada pelo caráter imaterial da cultura.

identidade

JOGO DE PALAVRAS



DICAS

1. Monumento em João Pessoa
2. Uma forma de conservação
3. Tipo de patrimônio
4. Exemplo de cultura
5. Cidade de centro histórico bem conservado
6. Órgão de preservação patrimonial
7. Elemento de identidade em João Pessoa

RESPOSTAS

1 FONTE DE TAMBIÁ

2 USO ADEQUADO

3 AMBIENTAL

4 FORRÓ

5 OURO PRETO

6 IPHAN

7 LAGOA

DICAS

1. Monumento em João Pessoa
2. Uma forma de conservação
3. Tipo de patrimônio
4. Exemplo de cultura
5. Cidade de centro histórico bem conservado
6. Órgão de preservação patrimonial
7. Elemento de identidade em João Pessoa

FIM

DE

JOGO

OBRIGADA!